



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ – UNIFAP
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLÓGICAS
BACHARELADO EM ARQUITETURA E URBANISMO

ANA PAULA CASCAES RODRIGUES

PARQUE CULTURAL DO MEIO DO MUNDO: REVITALIZAÇÃO DO MONUMENTO
MARCO ZERO DO EQUADOR E ENTORNO NA CIDADE DE MACAPÁ – AP.

MACAPÁ – AP

2017

ANA PAULA CASCAES RODRIGUES

PARQUE CULTURAL DO MEIO DO MUNDO: REVITALIZAÇÃO DO MONUMENTO
MARCO ZERO DO EQUADOR E ENTORNO NA CIDADE DE MACAPÁ – AP.

Trabalho de conclusão de curso (TCC) orientado pela professora Danielle Costa Guimarães apresentado para qualificação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II e obtenção do título de Arquiteto e Urbanista formado pelo curso de Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP.

MACAPÁ – AP

2017

ANA PAULA CASCAES RODRIGUES

PARQUE CULTURAL DO MEIO DO MUNDO: REVITALIZAÇÃO DO MONUMENTO
MARCO ZERO DO EQUADOR E ENTORNO NA CIDADE DE MACAPÁ – AP.

Trabalho de Conclusão Curso submetido ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Amapá, como parte dos requisitos para obtenção do título de Arquiteto e Urbanista, sendo considerado satisfatório e aprovado em sua forma final pela banca examinadora existente.

Orientadora: Danielle Costa Guimarães

Banca Examinadora:

Prof.^a Msc. Danielle Costa Guimarães
Orientadora

Prof.^a Msc. Louise Barbalho Pontes
Universidade Federal do Amapá

Prof. Dr. José Marcelo Martins Medeiros
Universidade Federal do Amapá

Apresentado em: ___/___/___

Conceito: _____

MACAPÁ – AP

2017

RESUMO

Este trabalho visa a discussão e explanação dos aspectos que envolvem a construção de espaços urbanos eficientes, belos, confortáveis e funcionais explicitando as qualidades necessárias ao projeto destes espaços, para que os mesmos possuam vitalidade e sejam capazes de desenvolver e estreitar vínculos físicos com a cidade e psicológicos com seus habitantes. O desenvolvimento da pesquisa ocorreu por meio do estudo de caso do monumento Marco Zero do Equador e entorno na cidade de Macapá/AP, um espaço que embora esteja envolto em marcante simbolismo e atraente discurso, o qual proclama o seu caráter de unicidade, não encontra um reflexo digno na espacialidade, uma vez que atualmente o espaço ocupa um papel secundário na paisagem, não interage com o entorno, tampouco com seus usuários. Portanto, este trabalho também se direcionou a apresentação de uma proposta de intervenção física para ressaltar a importância do Marco Zero, comunicar por meio da arquitetura o seu real papel no contexto urbano da cidade de Macapá ao incorporar na concepção projetual aspectos superiores à sua mera condição de marco geográfico referencial, englobando questões sociais, econômicas e culturais. Nesta pesquisa empregou-se o método dialético com embasamento em teorias e estudos anteriores a respeito do espaço urbano, além de abordagens históricas, antropológicas, pesquisa de repertório temático e análises das condicionantes físicas da área para alcançar a viabilidade e eficiência da proposta de revitalização do monumento Marco Zero do Equador e entorno.

Palavras-chave: Vitalidade Urbana. Monumento Marco Zero. Espaço Urbano.

ABSTRACT

This research aims to discuss and explain the aspects concerning the building of efficient, beautiful, comfortable and functional urban spaces, highlighting the necessary qualities of the project of these spaces, so as to make them to have vitality and to be capable of develop and brace physical bonds with the city and psychological bonds to its habitants. The development of the research occurred by a case study of Marco Zero do Equador (Equador's Zero Mark) monument and surroundings, in the city of Macapá/AP, a space that, although it is involved in outstanding symbolism, which proclaims its unicity character, it doesn't find a worthy reflection in spatiality, once that currently this space plays a secondary role in the landscape, does not interacts with the surroundings and neither with its users. Therefore, this work is also directed to offer a proposal of physical intervention to highlight the importance of Marco Zero, to communicate through the architecture its real paper in the urban context of the city of Macapá by incorporating in the projectual conception some higher aspects instead of its mere condition of referential geographical mark, merging social, economic and cultural features. In this research it was applied the dialectical method, finding basement in previous theories and studies regarding the urban space, in addition to historic and anthropological approaches, themed repertoire research and analysis of the physical conditioning of the area, in order to reach the viability and efficiency of the revitalization proposal of the Marco Zero do Equador monument and surroundings.

Key-words: Urban Vitality. Marco Zero Monument. Urban Space.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. REFERENCIAL TEÓRICO	16
3. O MONUMENTO MARCO ZERO DO EQUADOR NO CONTEXTO HISTÓRICO DA CIDADE DE MACAPÁ	36
3.1. Cenário atual: Espaço de vivência ou mero marco geográfico?	43
3.2. A simbologia do Meio do Mundo.....	51
4. INSPIRAÇÕES: REPERTÓRIO SOBRE A TEMÁTICA	58
4.1 Parc La Villette.....	59
4.2 Parque Ciudad Mitad del Mundo.....	62
4.3 Referências Regionais.....	64
4.4 Parque do Ibirapuera.....	66
5. CRIANDO O ELO COM MACAPÁ: PARQUE CULTURAL DO MEIO DO MUNDO	72
5.1 Estudos acerca da área de intervenção e entorno.....	72
5.2 Resultados da pesquisa junto à comunidade local.....	83
5.3 Diretrizes de projeto: programa de necessidades.....	88
5.4 Memorial Justificativo.....	90
5.5 Memorial Botânico.....	100

6.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
REFERÊNCIAS.....	115
APÊNDICES.....	118

1. INTRODUÇÃO

O Monumento Marco Zero do Equador além de marco referencial geográfico carrega em sua essência fortes valores simbólicos configurando-se como marca da identidade local. Porém, atualmente, o espaço apresenta uma situação avessa ao grau de importância que outrora lhe foi atribuído. Hoje é meramente um ambiente de passagem que não dialoga com o contexto urbano e não convida o público, sejam turistas ou os próprios habitantes, a adentrar os seus limites. Problemas como dificuldade de acesso, infraestrutura insuficiente e escassez de atrativos fazem o monumento perecer em meio à paisagem urbana, um mero acessório na rotatória, que tem o seu ápice de visitação apenas duas vezes por ano, nas festividades do equinócio.

A cidade não é um espaço estático, uma vez que passa por constantes transformações que a cada dia tornam-se mais rápidas construindo e ao mesmo tempo desconstruindo conceitos, valores e percepções (GHIRARDO, 2002). E já que a cidade é um espaço mutável e de complexas nuances é vital que a arquitetura se disponha à adaptabilidade em suas produções. É necessário criar espaços instigantes, que tenham suas potencialidades exploradas ao máximo e que interajam ativamente com o entorno gerando a proximidade com os demais elementos do contexto urbano.

Em vista da atual tendência de descartabilidade das coisas (GHIRARDO, 2002) torna-se necessário reforçar as conexões do homem com os espaços da cidade, principalmente nos lugares em que existe um forte caráter de pertencimento, de identidade, já que só este status não garante a utilização e apropriação do espaço pela população. Esta relação mais íntima com o lugar pode surgir por meio da percepção sensorial, da construção de elo que nasce dos efeitos emocionais inspirados no homem a partir da experiência visual com a arquitetura (HOLANDA, 2004).

A arquitetura nos atinge de muitas maneiras. Uma delas diz respeito ao afeto, aqui entendido como sentimento terno de adesão, estado provocado por estímulos externos e composto por estados emotivos, e.g., relacionados à sensação de serenidade ou dramaticidade, peso ou leveza, graça ou sisudez, contenção ou exuberância etc., que são-nos prazerosos ou não, na medida de nossas personalidades e de nossa empatia para com a “personalidade” dos lugares. (HOLANDA, 2004, p. 01)

No caso do monumento Marco Zero do Equador encontra-se esse caráter de unicidade, do realce de uma característica peculiar de uma cidade. Porém, em vista da situação atual

denota-se que este caráter se traduz em um simples elemento decorativo, espaço de passagem, que reforçado pelo automatismo da rotina passa em branco na paisagem da cidade e, embora maioria dos cidadãos amapaenses seja ciente dessa peculiaridade geográfica, não existe elo, uma relação mais profunda de fato com o espaço, uma identificação genuína, a peça vital para a valorização do espaço, a conexão emocional. Isto é o que elucida Baggio em a “Apropriação Social do espaço urbano e territorialidade: o desejo e a esperança pelos interstícios”:

Portanto, enquanto um dado simbólico o território é valorizado pelos investimentos afetivos nele realizados e vivenciados cotidianamente, investimentos estes que se inscrevem no uso do espaço. Daí poder-se dizer que um dado lugar pode alcançar certas condições que favoreçam os anseios e demandas de sua comunidade a partir do momento em que se formam laços afetivos (simbólicos) com o lugar. (BAGGIO, 2007, p. 191)

O espaço do monumento não é bem aproveitado e tampouco seu entorno, um grande vazio que permeia o campo de visão dos visitantes do espaço, cuja função é apenas de estacionamento e área para eventos privados em que se utilizam estruturas desmontáveis. A grande extensão de área vazia que cerca o monumento propicia um ar soturno inviabilizando condições adequadas de segurança pública, além de que visualmente não é convidativa, pois apresenta-se como uma área desértica sem quaisquer atrativos.

Atualmente o monumento conta com seu maior índice de visitantes nas festividades do equinócio, em março e em setembro, porém para um espaço cujo valor simbólico tem tanta importância, esse índice de visitantes está aquém do esperado. O Marco Zero, além de um ponto turístico, configura-se como marco da identidade local tendo sido palco de atrações culturais, divulgação de conhecimentos científicos, de interação social de fato, portanto deve continuar cumprindo com a sua função para com a cidade de uma forma mais efetiva aproveitando-se de sua localização privilegiada. A expressão “meio do mundo” que estampa as propagandas sobre a cidade de Macapá, a alcunha que foi atribuída a praticamente todos os eventos sediados na cidade, precisa se espelhar no espaço de maneira mais clara, não só por meio do discurso, mas também pela verdadeira apropriação do espaço. Se este é o privilégio, estar no meio do mundo, que isto se configure no contexto da cidade através de uma estrutura mais adequada ao monumento Marco Zero, isto é o que nos relata Tostes:

A arquitetura e seus monumentos expõem, na realidade, aquilo que a cidade tem o privilégio de ser, o lugar onde o usuário inscreve a história do urbano e preserva a memória do seu repertório coletivo. Na cidade, a relação histórica se dá com o presente, não com o passado, e este caráter determina a complexidade da relação entre a história e uso urbano. Essa complexidade faz com que a relação histórica não se esgote na simples preservação dos

monumentos, visto que esse recurso transforma a cidade em lugar estático. (TOSTES, 2012, p. 27)

A necessidade de uma apropriação do monumento por parte da população e visitantes é imprescindível, pois espaços de caráter perecível, de usos simplórios e esporádicos, tendem a ser esquecidos não só na memória coletiva como também na paisagem urbana, que aos poucos, de acordo com o crescimento frenético das cidades, vai absorvendo os espaços, sufocando a área legada ao monumento até restar apenas um pequeno vislumbre do que outrora foi. Lynch (1997) em “A imagem da cidade” ressalta a importância de se estar atento ao caráter temporal da cidade e considerar, ao refletir sobre o ambiente urbano, as relações sociais que nele se desencadeiam.

Os elementos móveis de uma cidade, especialmente as pessoas e as suas actividades, são tão importantes como as suas partes físicas e imóveis. Não somos apenas observadores deste espetáculo, mais sim uma parte activa dele, participando com os outros num mesmo palco. Na maior parte das vezes, a nossa percepção da cidade não é íntegra, mas sim bastante parcial, fragmentária, envolvida noutras referências. Quase todos os sentidos estão envolvidos e a imagem é o composto resultante de todos eles. (LYNCH, 1997, p. 12)

A revitalização do monumento Marco Zero do Equador é de muita relevância, por diversos fatores: é um dos mais importantes pontos turísticos da cidade, funciona, mesmo que esporadicamente, como polo difusor de cultura e de arte, encontra-se em uma região da cidade onde está surgindo uma nova centralidade, um espaço em expansão, próximo a instituições de ensino superior, residências, empreendimentos comerciais, etc. Esta revitalização sustentada por uma variabilidade de usos auxiliará a compor um caráter de maior significância ao monumento, reforçando o sentimento de pertença dos habitantes.

Com a diversificação dos usos do espaço do monumento, com condições apropriadas de acesso e instalações adequadas, e partindo da ideia de realmente ser um convite tanto a habitantes da cidade de Macapá como turistas, o espaço do monumento dialogaria de forma mais efetiva com a cidade, instigando as pessoas a se aproximarem, impulsionando assim a vitalidade urbana que é muito benéfica, já que sua ausência resulta na maximização de problemáticas urbanas, como segurança pública, mobilidade urbana e segregação social.

Em suma, é um espaço de muito potencial inexplorado que poderia se configurar como um grande atrativo em diversas esferas, desde a local até a internacional. Integrá-lo ao contexto urbano da cidade de Macapá propiciaria novas possibilidades, fazendo o espaço transcender a função turística sem, no entanto, perder o seu valor simbólico, e assim seria uma paisagem

cultural digna do *status* que carrega. O fato é que a posição de neutralidade não pode se aplicar a este espaço da cidade de Macapá, não só por uma questão estética, mas também por questões de visão mais ampla, contemplar a cidade com um marco simbólico que contribua positivamente com o contexto urbano.

OBJETIVO GERAL:

- Propor uma intervenção física que ressalte a importância do Monumento Marco Zero do Equador promovendo a elucidação do seu real papel no contexto urbano da cidade de Macapá abrangendo aspectos superiores à sua mera condição de marco geográfico referencial, englobando questões sociais, econômicas e culturais.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Contribuir com reflexões acerca dos estudos dos aspectos emocionais da arquitetura, pois esta é uma faceta muito relevante na concepção projetual, uma vez que faz parte do processo de apropriação popular, valorização do espaço e fortalecimento do sentimento de pertença.

- Analisar a relações entre espaço construído e a percepção individual dos habitantes da cidade, como a arquitetura pode auxiliar a fortalecer o ideário coletivo e a identidade local.

- Examinar a viabilidade de uma intervenção física mais arrojada, conceitualmente, formalmente e também sob o ponto de vista do planejamento urbanístico, verificando assim as possibilidades de projeto de acordo com a legislação vigente e os condicionantes locais do espaço.

A revitalização do Monumento Marco Zero do Equador sustentada por um pluralismo de usos auxiliaria a compor um caráter de maior significância ao monumento, reforçando o sentimento de pertença dos habitantes, a apropriação popular do espaço e por conseguinte a vitalidade urbana, estudo desenvolvido por Jane Jacobs em “Morte e vida de grandes cidades”, essencial para reflexão e o planejamento das cidades atuais, pois inaugura o pensamento urbanístico contemporâneo apresentando a arquitetos, urbanistas e planejadores uma percepção mais abrangente da cidade, indo muito além da visão formal desses profissionais ao englobar também a perspectiva dos habitantes. Esta revitalização embasada por princípios desencadeadores da vitalidade urbana, que serão vistos no referencial teórico, impulsionariam estímulos nos habitantes da cidade, instigariam a percepção sensorial, convidando os transeuntes a se aproximarem, criando assim um elo profundo com o usuário, aspecto que como se verá no decorrer dos capítulos dessa pesquisa está presente em muitos apontamentos de estudiosos do campo do urbanismo e da arquitetura, que resultaria em apropriação, em uma verdadeira vivência do espaço público. A posição estratégica do monumento é propícia a diversificação de usos e este seria o potencializador da vitalidade no espaço do Monumento

Marco Zero do Equador, pois este além de ser sede do grande evento astronômico do equinócio, também poderia se consolidar como palco de difusão da arte e cultura local e do conhecimento científico, cenário de experiências sensoriais agradáveis, lazer e interação social configurando-se não só como um espaço de atrativos a nível local, como também a nível nacional e internacional.

Em suma, a verdadeira apropriação do espaço do Monumento Marco Zero do Equador beneficiaria a cidade de Macapá sob vários pontos de vista, além de firmar a sua simbologia icônica de “estar no meio do mundo”, uma vez que esta sairia do plano ideal para se plasmar na realidade por meio de uma arquitetura de conceito forte, capaz de se impor e se firmar tanto espacialmente quanto na memória coletiva dos habitantes.

METODOLOGIA

A abordagem utilizada neste trabalho é o método dialético, pois a pesquisa se embasará em teorias e estudos anteriores que discorrem sobre o espaço urbano, sua apropriação, planejamento, construção e valorização dos aspectos afetivos e simbólicos que o permeiam. Partindo das teorias de embasamento a pesquisa se voltará para o estudo de caso do Monumento Marco Zero do Equador, lugar de forte apelo simbólico. A partir da reflexão feita sobre estes dois momentos da pesquisa se chegou a uma síntese, que resulta em uma proposta de intervenção física.

Posterior às considerações das teorias de embasamento, foram também necessárias pesquisas de perspectiva histórica, pois o Monumento Marco Zero do Equador configura-se como um ponto turístico essencial da paisagem urbana, compondo a memória coletiva dos habitantes da cidade de Macapá e, portanto, apresentando significativo histórico com relação ao desenvolvimento e crescimento da cidade. Além da coleta dos dados históricos também se fez importante, a utilização do método comparativo, através da comparação do espaço do Monumento Marco Zero de outrora e sua atual situação, contrapondo e analisando as transformações mais significativas de sua trajetória no contexto urbano da cidade de Macapá.

As técnicas de coleta de dados de observação direta intensiva consistirão na observação assistemática do Monumento Marco Zero, de modo a verificar as relações desencadeadas no espaço, demandas de público e construção do panorama atual no que diz respeito a utilização e apropriação do espaço, este processo se mostrará vantajoso pois auxiliará

a delimitação dos problemas, a aproximação da perspectiva dos usuários. A esta técnica também irá somar-se a aplicação de questionário, pesquisa de opinião, aos usuários do monumento, buscando abranger a comunidade como todo. Isto para assegurar a abrangência do máximo de pontos de vista acerca do espaço em estudo.

A teoria base deste trabalho advém das análises de Jane Jacobs (2009) sobre o espaço urbano e sua vitalidade através da enumeração dos princípios da vitalidade, condições para que esta possa se instaurar na cidade de modo a beneficia-la como um todo, minimizando problemáticas comuns ao espaço urbano como a segregação socioespacial e a segurança pública ineficiente. Um dos pontos essenciais destacado por Jacobs é a diversificação dos usos que assegura não só a segurança por meio dos “olhos da rua”, ou vigilância pública, mas igualmente garante a interação de várias esferas sócias no mesmo espaço, favorecendo o ideal de cidade democrática e a apropriação verdadeira dos espaços, pois estes irão comportar uma arquitetura que irá dialogar com a cidade como um todo e de tal forma que relações emotivas serão geradas, favorecendo a valorização dos espaços públicos e a identificação com o lugar através de experiência de vivencia mais significativas para os cidadãos.

Além da já citada, Jane Jacobs e seus constantes debates sobre a vitalidade urbana, também serão importantes para o embasamento teórico e desenvolvimento desta pesquisa as análises do professor José Alberto Tostes (2012) sobre o cenário da cidade de Macapá, em seu livro “Além da linha do horizonte”, com ênfase no capítulo sobre a dimensão simbólica do meio do mundo e também os apontamentos de Ulysses da Cunha Baggio (2007) em “Apropriação social do espaço urbano e territorialidade: O desejo e a esperança pelos interstícios”. Conjuntamente com estes autores ainda somam-se as teorias de Kevin Lynch (1997) em “A imagem da cidade”, J. Teixeira Coelho Netto (1979) em “A construção do sentido na arquitetura”, Jan Gehl em “How to Study Public Life” e Bently em “Responsive Environments, A manual for designers”. Este aporte teórico foi reunido em vista dos amplos estudos destes trabalhos acerca dos aspectos psicológicos que permeiam as questões formais da arquitetura e que por conseguinte auxiliam a construir o elo com os usuários e influem na valorização e apropriação dos espaço urbanos.

No primeiro capítulo deste trabalho será desenvolvido o aprofundamento dos estudos de cada um dos autores citados anteriormente para que assim possam ser estabelecidos os princípios e ferramentas norteadoras do “pensar a cidade”, abordando não só os questionamentos e críticos, mas principalmente as prováveis soluções às problemáticas do

espaço urbano e a aplicabilidade dos conceitos e atributos discutidos a respeito do espaço urbano desejável e verdadeiramente eficiente em seu propósito. Posterior ao referencial teórico, serão explicitados no segundo capítulo as características históricas, morfológicas e simbólicas do objeto de estudo, o Monumento Marco Zero, e o seu entorno. Já no terceiro capítulo são definidas as diretrizes do programa de necessidades do projeto de intervenção, utilizando como parâmetro alguns projetos referenciais de espaços urbanos que são exemplos palpáveis de algumas das qualidades discutidas no referencial teórico, neste tópico também serão expressas as demandas sociais e econômicas advindas das pesquisas realizadas junto à população local. Por fim, no capítulo quatro serão apresentados o estudo preliminar com as primeiras ideias na forma de croquis para a intervenção física do espaço do Monumento Marco Zero.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação teórica dessa pesquisa paira principalmente sobre a necessidade de vitalidade urbana no Monumento Marco Zero do Equador e entorno. Para tanto viu-se necessário abordar os apontamentos críticos de Jane Jacobs em “Vida e Morte de Grandes Cidades” (2009) acerca da ausência de vitalidade no planejamento urbano. Jacobs apresenta críticas severas ao urbanismo ortodoxo que há muito impera no modo de planejar as cidades, em virtude de que essa forma de pensar o espaço urbano tem gerado mais problemas do que benefícios. A ideia de que para colocar uma cidade em ordem é preciso segregar, dividir e padronizar é duramente criticada, pois o urbanismo não é meramente organizar uma cidade pensando somente na forma e na estética do espaço urbano, mas sim considerando a garantia de condições dignas a cada um de seus habitantes, independente do poder aquisitivo, e o incentivo à diversidade, à interação social e com isso à vitalidade urbana. Assim reforça Jacobs logo no início de sua obra:

A aparência das coisas e o modo como funcionam estão inseparavelmente unidos, e muito mais nas cidades do que em qualquer outro lugar. Porém, quem está interessado apenas em como uma cidade “deveria” parecer e desinteressado de como funciona ficará desapontado com este livro. É tolice planejar a aparência de uma cidade sem saber que tipo de ordem inata e funcional ela possui. Encarar a aparência de uma cidade como objetivo primordial ou como preocupação central não leva a nada, a não ser a problemas. (JACOBS, 2009, p. 14)

A obra de Jacobs traz à tona questões muito importantes, não só para a pequena contribuição dessa pesquisa, mas também para o urbanismo como um todo. Antes de conceber, projetar para a cidade deve-se conhecer a sua dinâmica, as minúcias do espaço urbano, assim como o arquiteto necessita conhecer profundamente seu cliente, tudo no intuito de gerar não somente um espaço belo e aprazível, mas também um ambiente que sirva a um propósito maior, que represente uma contribuição positiva para a cidade e a melhoria da qualidade de vida para todos, sem sacrificar o bem-estar dos demais. Jacobs ainda ressalta que a experimentação é necessária, pois “as cidades são como um imenso laboratório de tentativa e erro, fracasso e sucesso, em termos de construção de desenho urbano. É nesse laboratório que o planejamento urbano deveria aprender, elaborar e testar suas teorias”. (JACOBS, 2009, p. 5). Portanto, não existem soluções prontas e imediatamente efetivas, é preciso persistir com inúmeras tentativas e combinações, considerando desde os aspectos mais palpáveis até os mais sutis da dinâmica urbana.

A vitalidade urbana a que se refere Jacobs (2009) é fator primordial no planejamento da cidade, pois trata-se de vivacidade, de real apropriação do espaço urbano, de interação social,

de vivenciar experiências positivas no espaço urbano, e não de privação do convívio em sociedade, tendência tão evidente na atualidade em virtude da ampla difusão da arquitetura introvertida, que ocorre quando os habitantes deixam de frequentar as ruas, o espaço público e também a contribuir para uma cidade de fato mais “viva”, para se enclausurar em seus automóveis, shoppings e residências emuralhadas, reforçando a segregação e criando mais barreiras entre diferentes grupos sociais.

Outro ponto de relevância na obra de Jacobs (2009) é a ilusão de que os grandes incentivos financeiros por si só serão capazes de solucionar as diversas problemáticas do espaço urbano. Esta é uma crença amplamente difundida, no entanto, o que muitas vezes não é considerado é que mesmo que tais incentivos sejam necessários, aplicá-los sem conhecimento da dinâmica urbana e planejamento adequado, acaba somente por gerar mais problemas e agigantar o abismo entre os diferentes grupos sociais que constituem a cidade. Sendo assim, uma ação pautada somente pelo capital sem de fato conhecer e considerar os diferentes condicionantes, características e necessidades do espaço urbano, acabaria por falhar no propósito tanto de assegurar o bem-estar da população, como também no de contribuir para uma paisagem urbana de maior qualidade visual. Afinal, não se pode ignorar que no espaço urbano são muitos os agentes que contribuem para a sua produção e transformações, por isso, ações do Estado, dos grandes proprietários de terra, entre outros, mesmo que bem-intencionadas não são suficientes para garantir a qualidade dos espaços da cidade, pois o vínculo entre o habitante e o ambiente urbano é vital para a apropriação positiva do espaço urbano.

A criação do elo entre espaço e habitante também é um aspecto chave para a compreensão do referencial crítico dessa pesquisa, mesmo porque esse elo emocional entre homem e espaço construído está contido na definição do termo monumento. Segundo Choay (2001), monumentos possuem um forte apelo afetivo, sendo espaços carregados de memória. Choay ressalta que monumento é “tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para lembrar ou fazer que outras gerações de pessoas lembrem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças” (2001, p. 18). Sendo assim, tal vínculo afetivo é vital para a apropriação do espaço por meio de uma relação mais profunda com o ambiente, reforçada por um sentimento de pertença, por um o reconhecimento da identidade local. Na busca por conseguir construir este elo, nasce a necessidade do incentivo à vitalidade urbana, de criar uma identificação como habitantes da cidade de Macapá, e por outro lado, com a estruturação de tal elo, esse importante marco vir a ganhar um apelo turístico maior, tornando-o um empreendimento mais rentável. No entanto, esta profusão de benefícios se inicia com a

diversificação de usos no espaço do Monumento Marco Zero do Equador. Tal termo também é muito discutido na obra de Jacobs, mais especificamente no caso dos parques urbanos:

A variedade de usos dos edifícios propicia ao parque uma variedade de usuários que nele entram e dele saem em horários diferentes. Eles utilizam o parque em horários diferentes porque seus compromissos diários são diferentes. Portanto o parque tem uma sucessão complexa de usos e usuários. (JACOBS, 2009, p. 105)

A diversidade de usos segundo Jacobs é o fator que garante a movimentação contínua dos ambientes da cidade, parques, calçadas, ruas, etc. A multiplicidade de usos resulta em uma diversidade de pessoas e períodos em que o espaço é frequentado. Desta forma o ambiente urbano não se torna vazio, ermo e nem potencialmente perigoso, pois é justamente devido a estes fluxos distintos e contínuos que a vitalidade urbana é mantida. Jacobs ainda enfatiza que a variedade de usos além de conceder a “dádiva da vida” ao espaço urbano e de maximizar o seu desempenho social, também é vital para o desenvolvimento econômico da cidade.

No entanto, a diversidade em questão também diz respeito a uma complexidade visual, ou seja, a qualidade visual na paisagem urbana, a capacidade de projetar espaços diferenciados, que fujam da monotonia e da previsibilidade, mesmo que seja de uma maneira mais sutil. Mais uma vez Jacobs utiliza-se dos parques urbanos como exemplo, levantando análises importantes para a concepção de um parque urbano com bom desempenho e vitalidade. Nesse momento, é importante para a continuidade destas explicações, conceituar o termo parque urbano. Segundo Macedo e Sakata (2003, p. 14), os parques urbanos são

“-[...] todo espaço de uso público destinado à recreação de massa, qualquer que seja o seu tipo, capaz de incorporar intenções de conservação e cuja estrutura morfológica e auto-suficiente, isto é, não é diretamente influenciada em sua configuração por nenhuma estrutura construída em seu entorno [...]”

Portanto, infere-se que estes são espaços que podem abarcar uma ampla diversidade de usos além da utilização para a contemplação. Em outras palavras existem inúmeros tipos de parque urbano, marcados não apenas pela exuberância de sua beleza vegetal, fundamental esteticamente e do ponto de vista climático, como também pela criatividade de utilização, pela ousadia da arquitetura, pela funcionalidade, etc.

A complexidade visual é um elemento determinante da vitalidade urbana, pois também auxilia na criação do elo habitante/espaço construído, pois faz despertar em cada novo usuário do espaço um conjunto específico de sensações e experiências. É este jogo de surpresas visuais

que gera esse primeiro vínculo, fazendo do espaço um lugar atrativo, variado, imprevisível, que foge da monotonia visual e resguarda, não somente formas interessantes, como também significados ricos e variados. Jacobs também menciona claramente em sua obra a importância dessa diversidade morfológica do espaço:

Se o espaço puder ser apreendido em um relance, como um bom cartaz, e se cada um de seus segmentos for igual aos outros e transmitir a mesma sensação em todos os lugares, o parque será pouco estimulante para os usos e estados de espírito diversificados. Nem haverá motivo para frequentá-lo várias vezes. (JACOBS, 2009, p. 113)

No entanto, Jacobs também afirma que em meio à complexidade visual é necessário existir uma centralidade, um ponto de reconhecimento mais imediato, que transmita uma clareza ao observador, um elemento de imagem forte, que mais comumente se firma por conta própria, sem ser induzido obrigatoriamente por um planejamento prévio. Em confluência com este posicionamento de Jacobs, o autor de “A imagem da cidade”, Kevin Lynch também ressalta em sua obra a importância da qualidade visual da paisagem urbana e de certa clareza visual, ou legibilidade, como ele define, para uma cidade não só mais bela, como também mais eficiente.

Talvez o elemento mais importante da complexidade seja a centralidade. Os parques pequenos e bons geralmente têm um lugar reconhecido por todos como sendo o centro - no mínimo, um cruzamento principal e ponto de parada, num local de destaque. Certos parques e certas praças pequenas são quase que unicamente um centro, e sua complexidade deve-se a diferenças menores na periferia. (JACOBS, 2009, p. 114)

A IMAGEM DA CIDADE, LYNCH – CONTRIBUIÇÕES À PESQUISA

Para Lynch a legibilidade deve ser levada em consideração na relação entre homem e espaço construído. Um certo grau de familiaridade é bem-vindo, não só para viabilizar uma boa orientação e praticidade, como também para a criação do elo entre o habitante e a paisagem urbana. Assim como a diversidade de Jacobs, a clareza visual de Lynch também tem certa carga de influência sobre as relações entre cidade e habitantes, no entanto, essa legibilidade não quer dizer padronização e nem despersonalização, mas sim em instaurar uma imagem forte, mas que no entanto, não se sustenta sozinha por muito tempo, visto que é necessário considerar outros condicionantes.

No processo de orientação, o elo estratégico é a imagem do meio ambiente, a imagem mental generalizada do mundo exterior que o indivíduo retém. Esta imagem é o produto da percepção imediata e da memória da experiência passada e ela está habituada a interpretar informações e comandar ações. A necessidade de conhecer e estruturar o nosso meio é tão importante e enraizada

no passado que esta imagem tem uma grande relevância prática e emocional ao indivíduo. (LYNCH, 1997, p. 14)

Outro ponto da obra de Lynch que contribui com o foco desta pesquisa, a revitalização do Monumento Marco Zero do Equador, são os três componentes da imagem do ambiente; identidade, estrutura e significado. A identidade representa a unicidade do espaço, a distinção clara de um espaço entre os demais elementos da cidade, sendo reconhecido como um elemento separável. A estrutura que representa a relação da forma espacial do objeto com o observador. Já o significado é individual, não se pode generalizar, no entanto, Lynch esclarece que o espaço deve ter um significado ou emocional ou prático para o observador e este significado está ligado à identidade e à estrutura na conformação espacial da cidade. Porém, é relevante para o conceito de significado, considerar que principalmente no que tange ao espaço urbano, onde diferentes tipos de pessoas coexistem, isto resulta em uma ampla variedade de formas de perceber e vivenciar uma cidade.

Sendo assim, a paisagem urbana desperta uma diversidade de sentidos em cada indivíduo, o que por sua vez se fragmenta em várias percepções de um mesmo lugar, e na busca por “construir cidades para o prazer de um vasto número de pessoas com antecedentes ricamente variados” (LYNCH, 1997, p. 19), intervir no espaço urbano é sempre um desafio, não só por lidar com questões mais práticas da dinâmica de uma cidade, como também por envolver aspectos mais sutis, psicológicos, como os elos emocionais do observador com o espaço construído.

Tais apontamentos críticos são de muito valor no que diz respeito à problemática dessa pesquisa, o isolamento do Monumento Marco Zero crescendo em proporção com a diminuição de sua relevância simbólica. Um espaço já confinado em uma rotatória, que mesmo com o crescimento da cidade e o aumento dos fluxos no seu entorno, pouco se destaca. Uma figura icônica e representativa da cidade de Macapá, mas que é coadjuvante em meio à paisagem. Seu forte apelo simbólico é de pouca valia, pois espacialmente, tal valor não se traduz, não se espelha. Assim converteu-se em um espaço previsível, marcante ainda é verdade, mas incapaz de construir vínculos emocionais com seus usuários, ser palco de experiências individuais, de ter reconhecimento, de ser incorporado à vivência de seus usuários. Falta-lhe o significado e isto não diz respeito a um mero discurso de unicidade, de um cidade que se vangloria de seus inúmeros privilégios, como ser perpassada pela linha do equador, estar às margens do Rio Amazonas, e por fazer parte do Estado com maior percentagem de floresta conservada, mas que não apropria-se e nem usufrui de nenhum deles. Talvez falte agir, intervir atentamente e

conscientemente no espaço urbano, saindo do discurso e implementando soluções arquitetônicas eficientes, uma vez que “Elementos marcantes isolados, a não ser que sejam dominantes, tendem a ser por si sós referências fracas. O seu reconhecimento requer uma atenção constante”. (LYNCH, 1997, p. 114).

É válido ressaltar os apontamentos de Baggio (2007) e Tostes (2012) sobre os elos e relações emocionais, simbólicas e históricas do homem com o espaço construído, uma vez que a cidade é um organismo vivo e mutável, convém aos espaços que a compõem acompanharem esse fluxo e não se estagnarem no tempo e os investimentos afetivos, são vitais para este processo, pois sem um elo mais profundo com seus habitantes, muitos lugares, monumentos, irão padecer em meio à paisagem e gradativamente serão esquecidos, extirpados da memória coletiva da cidade.

HOW TO STUDY PUBLIC SPACE, GEHL – CONTRIBUIÇÕES À PESQUISA

Mas para garantir tais vínculos emocionais, usos e apropriação verdadeira do espaço é preciso analisar, observar atentamente a área de estudo. Ian Gehl em “How to study public life” (2013) destaca a importância da observação direta, diz que ela é a base dos estudos acerca dos espaços públicos, a principal ferramenta, pois por meio dela pode-se compreender melhor as necessidades dos usuários, o que anseiam para o espaço, quais os fluxos, os caminhos que percorrem, etc. Tudo isso auxilia no desenvolvimento de hipóteses de intervenção, de possíveis novas utilizações que o espaço pode ter e se tais usos poderão vir a dar certo. A observação nos ajuda a entender porque alguns espaços na cidade são utilizados e outros não.

Gehl ainda assinala que a observação como ferramenta de estudo do espaço público gera um conhecimento básico sobre o comportamento de vários grupos de pessoas, os tipos de público, tipos de atividade, o tempo de permanência, entre outros aspectos que quando bem observados são utilizados como auxílio para o planejamento do espaço. Um dos exemplos enfatizados é como o percentual de mulheres em um determinado espaço pode ser utilizado como indicativo de segurança pública, ou seja, se um determinado espaço apresenta percentagem inferior a 52% de mulheres, o índice ideal citado, as chances do espaço ser menos seguro são bem maiores. O que também é interessante, é que além do público feminino, outra indicativo de espaço com segurança é a presença de idosos e crianças.

Outro fator de relevância em sua obra é combinação dos tipos de atividades para o espaço público, dentre elas podemos destacar as essenciais, as primárias, como: andar, estar, sentar-se, jogar, fazer compras, caminhar, ir ao ponto de ônibus, trabalhar e estacionamento, e as facultativas, como: passear, correr, sentar para descansar, ler, crianças brincando, locais de encontro, etc. Esta combinação de atividades é um catalisador para a socialização, por isso é

tão vital para um espaço público de qualidade ter em seu planejamento a combinação ideal de atividades, é uma diversidade de usos bem planejada e funcional.

Outro ponto de destaque na obra de Gehl primordial para este trabalho é a necessidade do estudo holístico para o planejamento dos espaços, um fator bem ressaltado no decorrer desta pesquisa, visto que a análise dos aspectos físicos, culturais e climáticos locais é bem mais abrangente, é macro, como deve ser a visão dos arquitetos/urbanistas. É necessário combinar vários tipos de investigação.

Posterior à explanação de problemáticas e deste referencial crítico, cabe agora a esta pesquisa contribuir também com um referencial morfológico, onde o enfoque sai da teoria e paira sobre os elementos que serão capazes de construir a relação do homem com o espaço urbano, de instituir a vitalidade urbana. O que se pode fazer em virtude das problemáticas e críticas levantadas?

RESPONSIVE ENVIROMENTS, A MANUAL FOR DESIGNERS, LYNCH – CONTRIBUIÇÕES À PESQUISA

Bently em “Responsive enviroments, a manual for designers” (1985), elenca alguns conceitos orientadores para o espaço urbano com qualidade, eficiência e vitalidade, mais precisamente, o espaço responsivo, ambientes adaptáveis, ricos em experiências sensoriais que possam construir vínculos com cada um de seus usuários. Os atributos citados são: permeabilidade, acessibilidade, legibilidade, variabilidade, flexibilidade, identidade e propriedade. Os fatores morfológicos a respeito dos espaços responsivos que são apresentados nesta obra não devem ser tomados como soluções efetivas, “receitas prontas”, mas sim como qualidades de muita relevância para reflexões, discussões e alternativas mais práticas para futuras intervenções no espaço da cidade.

O primeiro conceito a ser discutido é a permeabilidade, que no espaço urbano significa a variedade de rotas alternativas, representa a disponibilidade de múltiplas escolhas ao habitante da cidade para se locomover de um ponto a outro. A permeabilidade contribui também para a complexidade visual, já explicitada nesta pesquisa por Jane Jacobs, pois oferece uma riqueza visual e é análoga à ideia da padronização e da previsibilidade. Os autores ainda ressaltam que a permeabilidade deve ser física e visual.

Expondo não só critérios teóricos, como também práticos, os autores reforçam a ideia de permeabilidade através de desenhos, esquemas, ilustrações de como transpor este conceito para espacialidade. Esta é uma estratégia presente em todos os momentos do livro e aplicável aos demais conceitos. Este é um ponto muito significativo para a compreensão de todas as questões mencionadas previamente neste capítulo, pois demonstra que as indagações e ideias

da teoria podem transmutar-se dos livros, do caráter de discurso, e realmente refletirem-se no espaço edificado.

Algumas das estratégias práticas que trazem o fator da permeabilidade ao desenho urbano e tem mais relevância para o objetivo desta pesquisa são: analisar as ruas e seus fluxos para permitir a observação da conexão de um ponto da cidade com a área circundante, observar atentamente essa relação de acessos com o entorno, estabelecer conexões com a cidade, analisar os usos próximos da área de intervenção e a partir disso, identificar rotas alternativas possíveis e ressaltá-las, torná-las interessantes para os usuários locomoverem-se de um ponto a outro. Tornar o espaço acessível verdadeiramente.

Outro conceito chave é o da variedade, que abrange variedade de formas, usos e de experiências, porém é a diversidade de usos que é o fator desencadeador das demais formas de variedade, pois é a diversificação de usos que possibilitará a variedade de atividades, de usuários em virtude dos diferentes horários de cada um, desta forma sempre haverá fluxos.

Porém é fundamental destacar que esta variedade não se trata de apenas reunir em um mesmo espaço uma abundância de atividades, não é uma questão de quantidade, mas sim de qualidade, de boa interação entre usos diversos, de apoio mútuo entre eles, coerência e planejamento antes de mesclar as atividades, mesmo porque a demanda do espaço e sua capacidade de comportar usos distintos devem ser bem estudadas de modo que as escolhas não prejudiquem a já tão delicada e complexa dinâmica urbana.

No que concerne às estratégias práticas para instaurar a variedade de usos, o elemento tempo é um fator determinante para o suporte mútuo desses usos, pois é necessário gerar os fluxos para manter a vitalidade do espaço nas diferentes horas do dia, para tanto é preciso dar ênfase às atividades primárias, como trabalho e moradia por exemplo, buscar abrangência, visto que quanto mais específico for o uso, mas difícil é manter os fluxos de sua demanda. É crucial dar destaque às atividades mais vitais, mais comuns a todas as pessoas.

Como previamente já foi explicitado, a variedade de usos não trata de uma mistura desordenada de usos distintos em um mesmo espaço, mas sim de uma estratégia de design urbano que com planejamento demonstra viabilidade política, econômica e funcional, além de também acarretar consequências positivas quanto às questões sociais, minimizando a segregação sócio espacial, promovendo a interação social diversificada, melhoria na segurança pública e a atratividade visual. Mas para obter todos esses benefícios, como ocorre na prática a instauração da variedade? Na verdade, tudo começa com a análise da demanda social e

econômica do espaço a se intervir. Deve-se iniciar pela demanda social buscando dados com as autoridades e organizações locais, como associação de moradoras das vizinhanças próximas. Posteriormente a isto, inicia-se o levantamento de informações a respeito da demanda econômica com empresas, agentes imobiliários e estatais e após a posse desses dados, organiza-se uma lista de verificação de usos prováveis compatíveis. É importante que em meio a esse processo de investigação de informações de demandas algumas questões vitais sejam discutidas como: quais usos podem ser atraídos para o espaço em análise? Que tipos de usos são compatíveis entre si? Existem espaços disponíveis para todos os usos? Quais as medidas mínimas e máximas para cada utilização? Existe viabilidade de um suporte de espaço auxiliar? Quais os rendimentos econômicos que tais usos podem acarretar? Bently et. al. (1985), ainda sugerem um modelo, uma espécie de ficha útil para auxiliar na busca das informações necessárias e assegurar uma variedade coerente e eficiente do espaço.

Após as explicações a respeito de permeabilidade e variedade, a qualidade da legibilidade, já citada por outros autores previamente nesta pesquisa como uma espécie de clareza visual, no entanto, neste momento tal qualidade será abordada sob uma ótica mais prática, em como a legibilidade configura-se na espacialidade da cidade. Segundo os autores de “Responsive Enviroments”, existem níveis de legibilidade que devem ser complementares para garantir a efetividade desta qualidade. Estes são; a Legibilidade da forma e da utilização. Na cidade tradicional, os lugares de relevância eram muito mais legíveis que na cidade moderna, na qual todos os edifícios parecem similares o que causa uma confusão de padrão de atividades e utilizações.

No que concerne às estratégias práticas para viabilizar à legibilidade no espaço, um ponto que merece destaque é a separação de pedestres e veículos, pois, quanto à legibilidade cada qual tem suas necessidades. A pé, as pessoas tendem a observar, a perceber muito mais do espaço a sua volta, e a clareza visual, é muito importante para auxiliar na orientação, na locomoção em meio a paisagem da cidade. É preciso dar a cada tipo de caminho e aos seus respectivos usuários um caráter forte para trazer à tona a importância contida em cada percurso. Outro aspecto importante, relativo aos elementos de Lynch, são as sequências marcadoras, utilizando os elementos para auxiliar na consolidação de percursos, criar um nível de familiaridade com o espaço, o que por sua vez não quer dizer monotonia visual, mas sim uma forte identificação com o espaço, segurança.

A primeira estratégia no que diz respeito à implementação da legibilidade, é a análise considerando, por exemplo, quais os espaços podem ser mais legíveis e como utilizar os

elementos citados por Lynch no layout do espaço em estudo. Mas assim como a variedade, a legibilidade também exige uma abordagem direta com as pessoas que frequentam o espaço em estudo, ou as proximidades. É importante contrabalancear a avaliação do profissional de arquitetura e urbanismo, o pesquisador, juntamente com as opiniões de uma ampla gama de usuários, a respeito do espaço em questão, pois tal investigação auxilia a perceber melhor a potencialidade de legibilidade do espaço, ampliando reflexões e modificando ideias para a reconfiguração do espaço. Em suma, a legibilidade depende da relação entre os cinco elementos (caminhos, limites, pontos nodais, bairros e marcos), não só dos que já estão consolidados na paisagem do entorno, mas também nos que poderão se consolidar no layout da intervenção arquitetônica e urbanística. Ações que também auxiliam são: diferenciar caminhos por dimensões e paisagem, valorizando-os tornando-os atrativos e contribuindo com a qualidade da permeabilidade; alocar usos relevantes em edifícios marcantes que podem ser tidos como referenciais, destacar marcos, de forma que suas imagens tenham não só o destaque visual, forma, mas também uma utilização suficiente para fixá-los à memória coletiva viabilizando a familiaridade e o censo de orientação na locomoção dos usuários; e também refletir a respeito das influências que as decisões de projeto podem acarretar aos bairros do entorno, à conformação espacial existente.

Posterior à legibilidade, figura a qualidade da robustez, que superficialmente implica em uma multiplicidade de finalidades que o espaço pode oferecer a seus usuários, ao invés de limitar-se formalmente a apenas uma finalidade fixa. Em poucas palavras a robustez de um espaço está ligada à amplitude de fluxos, à capacidade de um lugar de atrair e reunir pessoas. Todavia, a robustez representa um desafio a concepção de espaços, pois em um projeto, normalmente, algumas opiniões pesam mais do que outras e no fim, nem todos os usuários do espaço podem ser contemplados com a diversidade de finalidades. Mas no espaço público, por exemplo, a robustez depende dessa multiplicidade em maior quantidade, porém, os usos não podem ser separados por barreiras, pois a dinâmica desse espaço depende da interação entre as pessoas. Está intrínseco na experiência sensorial e emotiva transmitida por ele.

Quanto à robustez, é conveniente neste momento destacar o estudo de caso desta pesquisa o Monumento Marco Zero do Equador, pois esta qualidade tem implicações de projeto diferentes entre espaços ao ar livre e edifícios. Os espaços públicos abertos são mais influenciados pelo contexto do entorno, pelas atividades e usos que se desenvolvem ao redor dele, portanto, a qualidade da robustez vem de fora para dentro. Deve-se conciliar os usos e atividades externas com as que irão se desenvolver internamente. Para que a robustez se

consolide no espaço público aberto é necessário prever em projeto configurações que permitam uma diversidade de atividades internas que possam coexistir com as externas sem prejudicarem-se. Essa interação entre o interior e o exterior traduz-se em ações como edifícios com fachadas com portas, janelas e varandas voltadas para rua, para possibilitar um contato mais direto com o passeio público. Todavia, é relevante frisar que o aumento do contato com o exterior não significa necessariamente a perda da privacidade, pois pode-se utilizar as diferenças de nível com a rua nos espaços próximos aos passeios público e também criar pequenos recuos no intuito de permitir a interação entre os espaços sem comprometer o conforto dos usuários. Além disso é recomendável que entre zonas de movimento de pedestres e veículos haja uma zona de conforto, com arborização por exemplo. É importante também manter a flexibilidade de usos nos espaços em que se pretende imbuir robustez.

Também pode-se citar outros fatores morfológicos que são vitais para assegurar a robustez, entre eles a conciliação de usos noturnos entre espaço interior e exterior para inibir o vandalismo e reforçar a segurança dos usuários. Outro ponto de destaque na questão da interação entre interior e exterior é o fluxo de veículos, o tráfego não pode ser tão intenso e as taxas de velocidade não podem ser muito altas, pois o espaço além de se fazer notar pelos condutores de veículos, também precisa prever em projeto tais questões de tráfego, já que com usos tão diversos e fluxos de pedestres intensos a segurança no trânsito é primordial, viabilizando caminhos seguros para pedestres e condutores e disponibilizando rotas alternativas para ambos de modo a atenuar o conflito de fluxos.

Reunir muitos usos, garantir a segurança dos usuários e conciliar fluxos diversos não são os únicos fatores relevantes para a robustez, uma vez que o conforto térmico, a criação de um microclima agradável, também é primordial na robustez dos espaços públicos abertos. Condicionantes como a velocidade dos ventos e a insolação são determinantes no desenvolvimento de atividades no espaço aberto, portanto convém atentar para estes fatores e prever decisões em projeto que assegurem tal conforto aos usuários, assim mantendo a efetividade dos usos.

Após a reunião de qualidades que primam por organização, planejamento e conforto convém agora abordar mais sobre os aspectos sutis da arquitetura e do urbanismo por meio da qualidade apropriação visual. Tal característica implica na aparência do espaço, ou seja, em lidar com os aspectos psicológicos do projeto, as interpretações pessoais dos usuários do espaço, o significado. A apropriação visual afeta três qualidades diretamente: a legibilidade, a variedade

e a robustez, pois é a significação pessoal que o usuário atribui ao espaço que torna mais legível, familiar; mais atrativo, dependendo a variedade de usos, pessoas e fluxos; e mais frequentado, mais propenso a reunir muitos usuários, interna e externamente. É a percepção do espaço que permite despertar nos usuários a atitude ativa de aproximar-se dele e explorá-lo.

A apropriação visual como uma qualidade que trabalha com interpretações pessoais, tem como desafio justamente a conciliação entre opiniões diferentes de grupos sociais e indivíduos, o que afeta diretamente o potencial de resposta positiva do usuário com o espaço. O que pode ser feito a respeito desse problema é buscar entender com clareza como as pessoas interpretam o espaço. Investigar quais as experiências passadas e quais os objetivos vigentes para aquele determinado indivíduo ou grupo, a respeito dos espaços na cidade. Posterior a esta investigação é necessário estabelecer objetivos detalhados para o que o projeto deseja comunicar a cada grupo de indivíduos elencando estímulos, qualidades sensíveis e identificáveis aos diferentes grupos de usuários devem refletir-se visualmente no espaço. A imagem transmitida deve ser clara, detalhada, com pistas visuais nítidas de seus usos. Assim como na variedade, é vital pesquisar as demandas de usos, e após a constatação dos usos compatíveis com as particularidades do lugar, agrupar os usuários de modo a identificar imagens familiares a eles, condizentes com os objetivos de cada grupo social, todavia, não se pode esquecer que ideias e percepções pela ótica do profissional de arquitetura e urbanismo também têm o seu peso nas decisões de projeto.

Até o momento discutiu-se sobre a apropriação visual, onde pairam aspectos psicológicos como o significado e as diversas interpretações pessoais dos usuários com o espaço edificado. Sendo assim, partindo da apropriação visual pode-se adentrar em outra nuance da relação entre homem e espaço, este novo fator é a variedade de experiências sensoriais, que Bently et. al. (1985) denominam de riqueza. Tal característica envolve todos os cinco sentidos inerentes ao homem, porém, como o primeiro contato sensorial de uma pessoa com a arquitetura costuma ser a visão, esse é o sentido cujo enfoque será maior nas reflexões seguintes, todavia, os outros sentidos, como o olfato, a audição, o movimento e o tato não serão ignorados nas considerações a respeito da riqueza.

A qualidade da riqueza embasa-se na oferta de escolhas sensoriais para os usuários de um mesmo espaço, portanto, para iniciar a inserção deste atributo em um lugar deve-se investigar como os usuários podem ter essa ampla oferta de experiências sensoriais em ocasiões distintas em um mesmo ambiente, para isso, convém conhecer as aplicações de cada um dos

sentidos ao espaço construído. Na sensação de movimento, por exemplo, a experiência do usuário traduz-se em percorrer amplos espaços, com diversas alternativas de rotas para circulação. No sentido do olfato, o movimento é importante, pois sensação depende da locomoção de um ponto a outro em um grande espaço. Já experiência sensorial da audição necessita que o usuário esteja completamente envolvido pelo espaço que o circunda, de modo que este possa distinguir os sons de forma suficiente em detrimento de outros que possam distrai-lo, prejudicando o seu envolvimento com o espaço. Já a riqueza de superfície, texturas para o tato é mais simples de se refletir no espaço, mesmo porque o sentido do tato muitas vezes manifesta-se de forma automática, involuntariamente. E por fim, a riqueza visual, o sentido predominante por ser a primeira captura de informações a respeito de um objeto.

A riqueza visual é uma qualidade de muita importância na arquitetura, visto que esta atividade humana não envolve apenas aspectos funcionais, mas também artísticos e psicológicos. Trata-se da concepção de espaços adequados, belos e eficientes que possam utilizar suas potencialidades para transmitir informações e experiências, constituindo uma profunda relação com seus usuários, portanto, a repetição de padrões, a incessante reprodução dos mesmos modelos, não só gera a monotonia visual como também não auxilia a comunicação de aspectos que poderiam ser únicos de um determinado lugar. A riqueza visual foge da padronização, da previsibilidade, da estagnação e da inércia psicológica.

A base da riqueza visual depende de dois fatores: a orientação da superfície e os diferentes ângulos pelos quais o espaço pode ser visto, eles valem-se de uma máxima, a dos contrastes visuais, o equilíbrio entre diferentes elementos, deste modo surgem diversas possibilidades de abstrair experiências visuais em um mesmo espaço. Neste ponto da reflexão, é primordial ressaltar que a riqueza visual não depende de quantidade de elementos, mas sim da qualidade dos mesmos, pois o exagero leva à redução dos efeitos da experiência visual, aqui os autores estabelecem um mínimo de cinco e o máximo de nove elementos visuais diferentes.

Outros fatores a considerar na riqueza visual são a visibilidade a longa e a curta distância, ou seja, quando distante, a imagem deve conter elementos suficientes para se destacar, fornecendo uma primeira impressão positiva que viabilize a aproximação, e a curta distância a imagem deve proporcionar uma experiência visual agradável, sem excessos. O outro ponto importante é o tempo de exposição da imagem, pois esta deve ser rica, diversificada o suficiente para que no transcorrer de poucos minutos não se torne enfadonha, monótona.

Este atributo costuma ser oneroso para o projeto e muitas vezes é descartado por ser considerado algo superficial, porém, investir na riqueza visual com planejamento e consciência, sendo coerente com as potencialidades e limitações do espaço e a viabilidade de materiais, acarreta em um retorno positivo, potencializando a eficiência do projeto em mais do que simplesmente a funcionalidade, abrangendo questões psicológicas que garantirão a utilização adequada e massiva do espaço. Convém firmar que é importante que o arquiteto e urbanista saiba utilizar os materiais adequados, dentro dos custos de projeto, e técnicas diversas para enriquecer a imagem do espaço, nesse aspecto a criatividade é uma grande aliada, a reciclagem de materiais é um bom exemplo.

Outro ponto importante é o enfoque em outras experiências sensoriais, não só por motivo de conhecimento, mas também para viabilizar que usuários com deficiências relativas ao sentido da visão possam usufruir igualmente do espaço, acumulando suas próprias experiências sensoriais e emotivas. Deve-se prever tais questões em projeto, não apenas pelo amparo das normas de acessibilidade, mas também em virtude da concepção de espaços democráticos que proporcionem vastas experiências sem segregar outros indivíduos, que seja permitindo a cada usuário vivenciar de forma substancial o espaço edificado. Estratégias como ambientes ricos acusticamente, áreas verdes com espécies vegetais perfumadas ou espaços próximos a edificações com usos que incorrem em grande incidência de aromas, como padarias, cafés e restaurantes, e sensações variadas de movimento com a utilização de escadas rolantes, rampas e elevadores.

Retornando ao atributo da riqueza visual é conveniente reforçar a ideia dos contrastes visuais, que podem ser criados com variações de texturas, tons e volumes. Deve-se eleger os pontos onde deseja-se dar o maior enfoque, considerando as distâncias em que pode ser observado, níveis de riqueza, os números relativos de pessoas que virem o edifício e o conjunto do entorno de cada posição diferente e o período pelo qual a imagem será vista por pessoas aguardando para adentrar o espaço, ou aguardando o ônibus em abrigos próximos, por exemplo. Posteriormente, deve-se demarcar os pontos selecionados, seja utilizando cores mais fortes ou elementos tridimensionais que possam ser realçados pela iluminação natural ou artificial. A complexidade visual e os enigmas visuais são necessários para manter o usuário envolvido por um período de tempo. Também é importante equilibrar os elementos visuais das projeções verticais e horizontais para que não entrem em conflito visual.

É um desafio para o projeto de espaços públicos contemplar uma variedade de usuários, pois, como foi citado anteriormente, trata-se de conciliar interpretações, experiências e vivências

diversas sobre no mesmo ambiente, portanto, é essencial que o projeto possua espaços passíveis de personalização convidando os usuários a participarem mais ativamente da dinâmica do ambiente, permitindo anexar no mesmo uma parcela dos seus gostos e valores.

A personalização é uma qualidade valiosa à legibilidade, uma vez que auxilia os ambientes a tornarem-se mais legíveis, familiares a cada usuário, o que é muito importante em espaços, que como foi visto nas qualidades anteriores, irão acumular uma variedade de utilizações, de pessoas e horários.

Mas como personalizar um ambiente? Isto pode ser feito de duas maneiras: a personalização das instalações práticas e a personalização da imagem de um lugar. A personalização de uma imagem apoia-se em duas razões, a primeira é a afirmação dos gostos e valores dos usuários, e a segunda é a oportunidade que os projetistas podem consentir deliberadamente ou não, aos usuários de reparar pontos inadequados do espaço, incentivando personalizações corretivas, uma vez que as pessoas só irão desenvolver relações verdadeiras e participativas com espaços que as agradarem.

Porém, a personalização mesmo sendo um atributo tão caro ao espaço, possui restrições para assegurar a sua efetividade. Tais restrições são: a posse, os tipos de construção e a tecnologia. A posse diz respeito aos proprietários do espaço, os responsáveis pelo projeto, custos, etc., pois existem casos em que estes indivíduos consolidam essa imagem de “donos” do espaço por meio de uma necessidade permanente de controle de todas as ações e atitudes inerentes ao mesmo, e isto inviabiliza a personalização por parte dos usuários que frequentam-no. Já a restrição representada pelos tipos de construção implica nos usos dos edifícios e na frequência com que são visitados, já que um espaço no qual as pessoas não permanecem tempo o suficiente, dificilmente, será passível de personalização. Por fim, a restrição da tecnologia que diz respeito à atenção que se deve ter na escolha de materiais e técnicas que possam ser manipuladas por todos os usuários que tenham a intenção de personalizar um espaço.

Neste ponto da reflexão cabe esclarecer que a personalização do espaço privado e do espaço público implicam em diferentes questões, uma vez que ações privadas aplicadas de forma indiscriminada podem comprometer o real sentido da personalização do espaço público, é importante tornar explícito aos usuários a fronteira que divide a personalização privada e a pública, mesmo que esta última seja tão afetada pela privada, pois os limites da esfera privada afetam a pública por meio de pequenos elementos como por exemplo, as janelas das casas em um bairro, cada uma refletindo os gostos e valores pessoais de cada morador, comunicando-os

a todos os observadores daquele espaço, no entanto, é primordial ter cautela e avaliar corretamente as implicações e consequências da personalização neste caso.

Por fim, como encorajar a personalização por meio do desenho do espaço sem comprometer a apropriação visual e a riqueza? Desenvolvendo detalhadamente o projeto das superfícies internas, dos limites e das superfícies externas do espaço, avaliando durante o processo os efeitos prováveis da personalização publicamente visível, tudo isso de forma equilibrada para que o exagero não prejudique a riqueza e a apropriação visual.

Para auxiliar na compreensão e fixação dos conceitos e características de cada qualidade, segue abaixo um quadro explicativo.

Tabela 1 – Qualidades dos espaços responsivos

QUALIDADES DOS ESPAÇOS RESPONSIVOS		
QUALIDADES	CARACTERÍSTICAS	APLICABILIDADE
Permeabilidade	Disponibiliza a variedade de acessos viabilizando novas alternativas de caminhos, diferenciados e interessantes.	Consiste em analisar ruas e fluxos do espaço para a observação dos pontos de conexão; Criar diálogo com a cidade; Observar atentamente a relação de acessos com o entorno; Analisar os usos próximos da área de intervenção; Identificar rotas alternativas possíveis e ressaltá-las.
Variedade	Envolve variedade de formas, usos, experiências, horários, fluxos e pessoas.	Necessita de coerência na interação entre os usos; Dar preferência às atividades (usos) primários; Ao ser bem utilizada incentiva a segurança pública e minimiza a segregação social ao incentivar a interação entre grupos sociais distintos.
Legibilidade	Espaços legíveis, claros de caminhos identificáveis, nos níveis da utilização e da forma do espaço.	O espaço legível depende da relação entre os cinco elementos de Lynch; caminhos, limites, bairros, pontos nodais e marcos, pois estes são norteadores, orientadores de locomoção facilmente identificáveis e passíveis de consolidarem percursos na mente; Necessita de uma abordagem direta com os usuários.
Robustez	Embasa-se nas múltiplas finalidades, amplitude de fluxos e capacidade de atrair a diversidade e reunir pessoas.	Conciliar usos; Criar conexões com a cidade e não barreiras; Espaços de usos flexíveis; Agrega usos diversos, segurança, em detrimento desse fluxo presente em todos os horários, fluxos controlados e conforto.

Apropriação Visual	Aparência do espaço. Leva em conta interpretações pessoais, significado. Afeta a legibilidade, a variedade e a robustez.	<p>Buscar compreender claramente como as pessoas interpretam o espaço;</p> <p>Investigar experiências passadas e quais as observações e anseios futuros dos usuários para os espaços na cidade;</p> <p>Após a investigação, estabelecer objetivos detalhados para uma imagem clara com pistas visuais nítidas.</p>
Riqueza	Envolve os cinco sentidos do homem. É a oferta de experiências sensoriais diversificadas.	<p>Movimento - Espaços amplos com acessos variados e interessantes;</p> <p>Olfato – Depende do movimento, das características de cada caminho (jardins, aromas de ambientes específicos)</p> <p>Audição – Necessita envolver totalmente o observador sem interferências sonoras externas.</p> <p>Tato – Presença de variadas texturas no ambiente.</p> <p>Visão – Contrastes, imagens instigantes, enigmas visuais, manter o interesse do observador</p>
Personalização	Auxilia o ambiente a tornar-se legível e familiar. Ocorre de duas formas pelas instalações práticas e pela imagem de um lugar. Carrega os gostos e valores pessoais dos usuários.	<p>Os usuários têm a oportunidade de intervir no espaço utilizando técnicas e matérias já previamente pensados pelos arquitetos e urbanistas, ou não;</p> <p>Importante ter atenção, planejar de que forma a personalização vai ocorrer para que não se prejudique os outros atributos como a riqueza e a apropriação visual.</p>

Após estas considerações a respeito de cada uma das sete qualidades do espaço compreende-se que apenas combinando todos estes atributos, permeabilidade, variedade, legibilidade, robustez, apropriação visual, riqueza e personalização, é que os profissionais da arquitetura e do urbanismo poderão conceber espaços realmente satisfatórios, adequados e eficientes, não só pela ótica da funcionalidade e da estética, mas também considerando os encargos sociais da arquitetura, pois este é um meio de construir relações sociais verdadeiras como o fortalecimento dos vínculos entre os habitantes de cidade e o estreitamento do elo entre usuário e espaço edificado.

Todas as obras aqui citadas possuem pontos muito importantes não só para a pequena contribuição desta pesquisa científica, que objetiva viabilizar a melhoria do espaço de um importante marco simbólico e turístico da cidade de Macapá, como também conta para subsidiar discussões, reflexões e futuras intervenções que possam comunicar claramente qual o papel dos profissionais da arquitetura e do urbanismo. Sendo assim, como forma de destacar tais pontos segue abaixo um quadro contendo todas as obras e em que aspecto estas embasam e influenciam este trabalho.

OBRAS/ AUTORES	ASPECTOS IMPORTANTES PARA A PESQUISA
Morte e Vida de Grandes Cidades (JACOBS, 2009).	Vitalidade Urbana; Vivacidade; Real apropriação do espaço urbano; Interação social; Vivenciar experiências positivas no espaço urbano. Variedade de usos; “Olhos da rua” Complexidade visual; Qualidade visual; Centralidades (Legibilidade).
A Imagem da Cidade (LYNCH, 1997).	Legibilidade Clareza visual; Imagem forte; Legibilidade ≠ padronização/despersonalização; Identidade, estrutura e significado; Variedade de usos;

<p>Responsive Enviroments, A Manual for designers (BENTLY et. al. 1985).</p>	<p>As sete qualidades dos espaços responsivos: Permeabilidade, Variedade, Legibilidade, Robustez, Apropriação Visual, Riqueza e Personalização.</p>
<p>How to Study Public Space? (GEHL, 2013).</p>	<p>Importância da observação direta; Comportamento de grupos sociais distintos; Atividades essenciais e facultativas; Catalizadores para a socialização; Estudo Holístico.</p>

3. O MONUMENTO MARCO ZERO DO EQUADOR NO CONTEXTO HISTÓRICO DA CIDADE DE MACAPÁ

A cidade de Macapá, capital do Estado do Amapá, na região Norte do Brasil, é a única capital brasileira cortada pela linha do Equador (latitude 00°e longitude 51°) e banhada pelo Rio Amazonas (ver figura 1), o maior em volume de água, além de abrigar a Fortaleza de São José de Macapá. A história desta cidade remonta ao ano de 1738, a um pequeno destacamento militar enviado para proteger e povoar este território de posição estratégica muito relevante para a Coroa Portuguesa. Em 1758 o pequeno povoado que surgira deu lugar a Vila de São José de Macapá, que, posteriormente, com a construção da Fortaleza de São José de Macapá foi evoluindo gradativamente, crescendo no sentido oposto ao rio. (Biblioteca do IBGE). A importância da Fortaleza na expansão da cidade de Macapá é inegável, Tostes (2006, p.38) afirma que “a fortaleza foi a referência fundamental para a projeção da cidade de Macapá, pois a partir do centro geométrico desta fortificação expandiu-se para o eixo norte e sul”.

Figura 1 – Localização da cidade de Macapá (Mapa).



Fonte: <http://www.achetudoeregiao.com.br/ap/macapa/localizacao.htm>. Acesso 27/07/2016

Mas além do evidente destaque da Fortaleza de São José e sua clara importância para a configuração atual da cidade, outra singularidade de Macapá logo foi também evidenciada, sua localização privilegiada, latitude 00°, marcada pela linha geográfica do Equador. Tal característica teve seu primeiro registro em 1760, por ordem do então Marquês de Pombal, foi construído um monobloco de madeira com a inscrição “Marco Zero da Linha Divisória do Equador, 00 Graus. Capitania do Maranhão e Grão-Pará – Reino Brasileiro de Portugal” para demarcar a passagem da linha do equador sobre a cidade de Macapá.

Já em 1835, no espaço onde outrora estava o monobloco foi construído pela Marinha do Brasil um bloco de cimento de tamanho equivalente a 1,20m de altura, com uma base de 30cm e topo de 22cm, que obedecia aos cálculos iniciais realizados pelo cientista francês Charles-Marie de La Condamine (1701-1774) durante sua passagem pela cidade de Macapá. O formato deste segundo marco permaneceu inalterado até 1950, quando o governador do então Território Federal do Amapá, Janary Gentil Nunes, mandou edificar em torno do bloco de cimento, um calçamento de base e dispôs-se a arborizar o entorno.

Figura 2 – Fotografia de Janary Gentil Nunes junto à oficiais da Marinha e ao bispo de Macapá d. Aristides Piróvano no espaço delimitado para o novo marco da linha do equador.



Fonte – Acervo do historiador Edgar Rodrigues.

No ano de 1976, na gestão do então governador Arthur Azevedo Henning, o monumento mais uma vez sofreu alterações, passou a ser constituído por dois blocos separados por uma linha de concreto de cerca de 20 metros de distância. A partir desse momento o visitante desse marco físico, representativo da linha imaginária do Equador, poderia sentar-se sobre essa cerca e colocar suas pernas uma de cada lado, experimentando a sensação de estar em dois lugares ao mesmo tempo, hemisfério norte e hemisfério sul. A partir dessa época também se iniciou a disponibilização de uma certificação especial aos visitantes atestando que os mesmos tiveram o privilégio de estar na linha imaginária do Equador. É interessante observar por meio de acervo fotográfico que mesmo com um marco tão simples existia uma apropriação do espaço, as pessoas frequentavam o espaço do monumento, vivenciavam experiências.

Figura 3 – Fotografia do Marco Zero de 1979



Fonte: Acervo historiador Edgar Rodrigues

Figura 4 – Fotografia do marco físico construído em 1976



Fonte – Acervo do senhor José Duarte.

Apenas em 1987 o monumento adquiriu a forma que perdura até os dias atuais, constituindo-se de uma edificação projetada para funcionar com serviço de restaurante, salão de recepção, bar, galeria de arte, lojas de artesanato e estacionamento. O conjunto dispõe ainda de um terraço, um relógio do sol e um obelisco de 30 metros de altura que tem uma abertura no alto, este último que possibilita nos meses de equinócio (março e setembro), a projeção de um feixe de luz solar que incide diretamente na linha do equador, a observação desse fenômeno é feita a olho nu e atrai muitos visitantes, entre estudiosos, pesquisadores, admiradores e místicos. Nesse espaço os visitantes podem ser recebidos por guias da Secretaria de Estado de Turismo (SETUR), que ainda podem disponibilizar os certificados que o turista esteve no “meio do mundo”. Atualmente, o monumento Marco Zero encontra-se a cerca de 5km do centro da cidade, no centro de uma das rotatórias da rodovia Juscelino Kubitschek. Com o crescimento da cidade em direção ao hemisfério sul, o Marco Zero já não é considerado um lugar isolado em meio a abundante vegetação, hoje existem muitos bairros próximos como Jardim Marco Zero, Universidade, Pedrinhas, Zerão, Jardim Equatorial e Araxá, e diversas edificações e empreendimentos de usos variados, como loteamentos e o Shopping Center Garden, um grande estímulo à criação de uma nova centralidade na cidade de Macapá.

O monumento Marco Zero também compõe uma espécie de complexo turístico que envolve o Estádio Zerão, campo de futebol também cortado pela linha imaginária do Equador, ou seja, um espaço que partilha do simbolismo do monumento por sua peculiaridade em permitir que os jogadores em meio a partida cruzem a bola do hemisfério norte ao hemisfério sul, e a Escola Sambódromo de Artes Populares, palco dos desfile das escolas de samba da capital, e espaço que também configura-se como um lugar de apelo turístico. O monumento ainda tem em suas imediações algumas instituições de ensino como a Faculdade Meta e a Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

Figura 5 – Fotografia aérea do Monumento Marco Zero atualmente



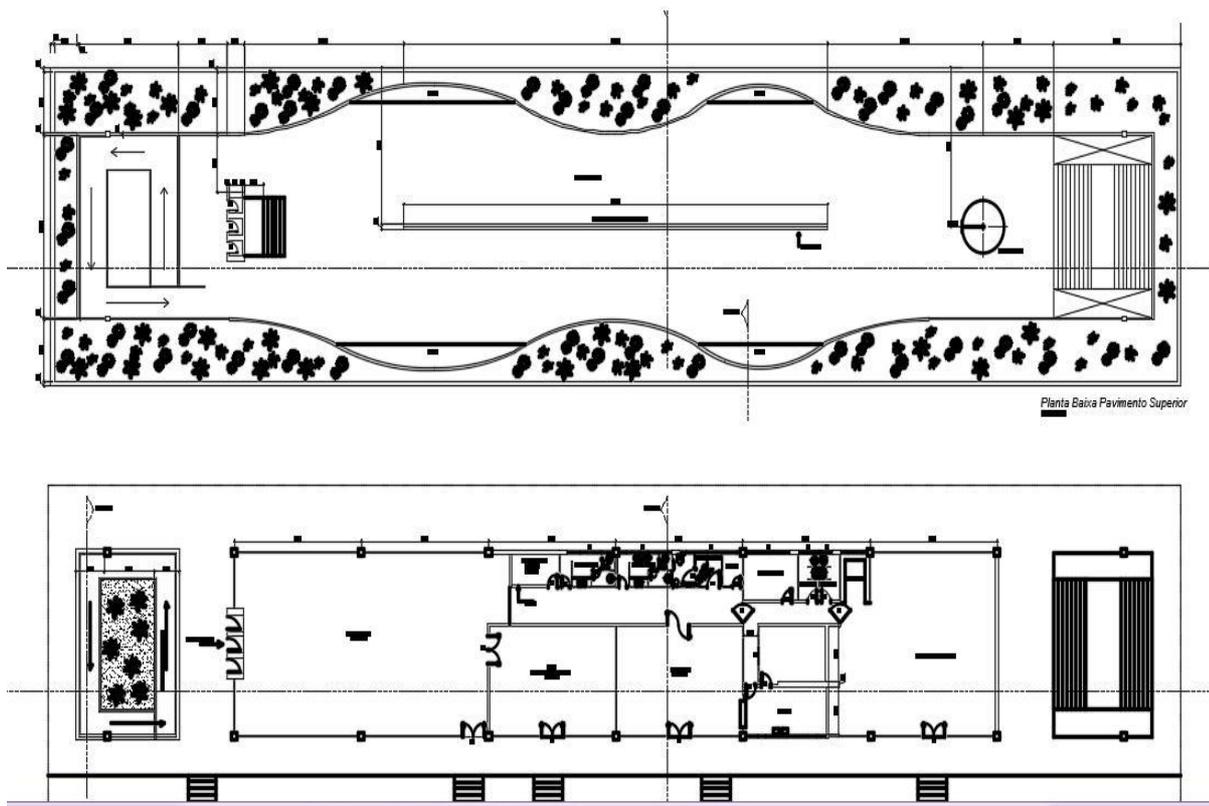
Fonte – Acervo do historiador Edgar Rodrigues.

Figura 6 - Monumento Marco-Zero do Equador em Macapá-AP e a inscrição contida em uma placa fixada no obelisco.



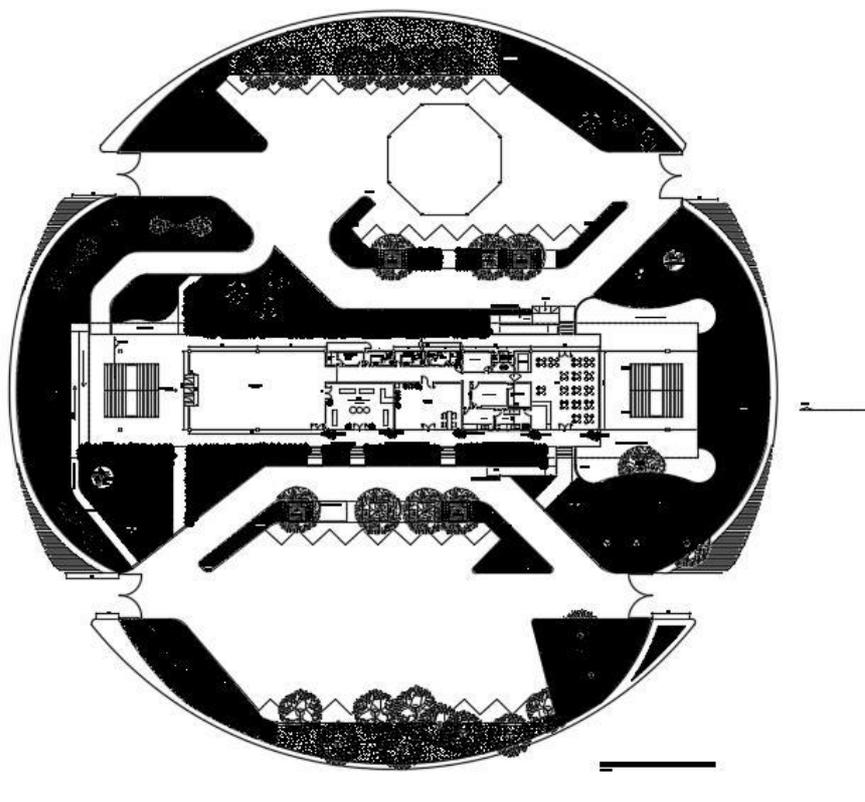
Fonte: <http://clubemirzam.blogspot.com.br/2016/03/o-equinocio.html>. Acesso 10/08/2016 às 17:30

Figura 7 – Planta baixa do projeto atual do monumento



Fonte: Acervo Secretaria de Infraestrutura de Macapá – SEINF

Figura 8 – Planta de implantação do projeto



Fonte: Secretaria de Infraestrutura de Macapá (SEINF).

Porém, convém ainda incluir nesta abordagem histórica a respeito da área em estudo, uma menção a um projeto que não foi concretizado, o projeto Relógio do Sol (ver figura 9), previsto no Plano Diretor Urbano idealizado pela empresa HJ COLE em 1977. Tal projeto incluía não apenas o monumento, mas também as áreas vazias do entorno visando a integração por meio de vias que partiam da rotatória, com outros pontos significativos da cidade de Macapá. Segundo Tostes (2012), este foi um projeto visionário para época, pois partia da ideia de interligar as três singularidades da cidade de Macapá, três ícones de muito valor simbólico, o Rio Amazonas, a Fortaleza de São José e a Linha do Equador. Tostes (2012) ainda considera que historicamente esta é uma das concepções mais completas pensadas para o espaço do Marco Zero, pois não se tratava de apenas um projeto para alavancar o turismo, mas também em construir um espaço voltado para a cidade e seus habitantes, capaz de estabelecer elos físicos e psicológicos. O projeto Relógio do Sol envolveria um grande parque bem equipado e com atributos suficientes para configurar-se como uma grande atração turística, tanto na esfera nacional como internacional, além de também contribuir com a expansão da cidade em direção ao sul, ao distrito da Fazendinha e ao município de Santana.

Figura 9 – Ilustração do projeto Relógio do sol de 1977.



Fonte - <http://josealbertostes.blogspot.com.br/>. Acesso 25/05/2016 10:30

A estrutura deste projeto seria composta por uma torre de 20 metros de altura, apoiada sobre uma ilha artificial circular cercada por um espelho d'água, o Relógio do Sol, partindo do centro dessa ilha estender-se-iam os pontos cardeais demarcados no piso, estes se prolongariam formando pontes sobre o espelho d'água, ligando o relógio a um extenso gramado. Associado ao relógio estava previsto também o projeto de um parque, o Parque Marco Zero, este seria executado em

várias etapas e incluía a ideia da integração entre vários pontos importantes da cidade, todos convergindo para o Relógio do sol, alguns pontos de destaque seriam a construção de um Farol, de um Iate Clube, o ajardinamento da Avenida Equatorial, este que é vínculo do Rio Amazonas com a linha do Equador, a abertura de uma nova Avenida, a Setentrional, a implementação de campos de futebol, área para clubes, um Parque Zoológico, um Museu de Arte e áreas de estacionamento. De modo geral, este projeto transformaria o espaço de apenas um marco físico da linha imaginária do Equador para o maior marco referencial da cidade, o que atribuiria ao monumento uma importância não só morfológica, funcional e econômica, visto o grande potencial turístico, mas psicológica, pois o espaço se consolidaria mais facilmente na memória coletiva dos habitantes da cidade.

3.1 - Cenário atual: Espaço de vivência ou mero marco geográfico?

O monumento Marco Zero do Equador sem dúvida é um espaço de apelo simbólico, seu obelisco icônico estampa camisetas, souvenirs, panfletos, livros, quadros, propagandas televisivas, muros. É notável a atribuição de valor a esse símbolo, é o discurso que marca o cartão de visita da cidade de Macapá, uma ideia rentável, que no início, quando o atual marco havia sido construído configurou-se em um grande atrativo turístico, superior a outros marcos de cidades que também possuem esse privilégio. Contudo, como o passar dos anos, embora em constante funcionamento, a frequência de público diminuiu, o uso restringiu-se ao básico, pautando-se apenas por curtas visitas que rendem, é verdade, algum grau de conhecimento, souvenirs e uma bela foto em frente ao obelisco, mas nada mais do que isto. Todo o potencial deste espaço em converter-se num palco de vivências, cultura, arte e conhecimento é ignorado.

É fato que o ponto alto de frequência do monumento são os períodos do equinócio, que outrora ofereciam um cenário próprio para manifestações artísticas, culturais e científicas, mas que hoje, já ocorrem de forma mais tímida, sutil, sem um comprometimento verdadeiro, sem uma preocupação em construir elos com a cidade e seus moradores, sem o realce de todas as potencialidades que o espaço tem a oferecer. Com a tendência da descartabilidade (GHIRARDO, 2002) se potencializando cada dia mais, é imperativo que espaços públicos sejam versáteis. Por que limitar-se ao básico, ao que já se espera? Porque não ir além, superar expectativas, promover um espaço mais amplo, mais apto a inspirar diversas experiências sociais, sensoriais e emotivas? Se o discurso se embasa no privilégio de habitar a capital do meio do mundo por que não aplicar essa ideia ao conceito de um espaço novo, diversificado que transmita por vários canais, estético, emocional, funcional, o que simboliza carregar esse título? Na cidade contemporânea ir além do que se espera, da previsibilidade, e sobretudo, estabelecer diálogos com o contexto urbano e pessoal, envolvendo as experiências e

significados únicos a cada indivíduo, é de grande relevância para a construção de espaços responsivos, atrativos, receptivos que comuniquem mensagens e valores por meio de uma imagem forte, complexa, capaz de surpreender o observador em mais de um sentido. Tostes (2012) ao discorrer sobre a dimensão simbólica do meio do mundo afirma justamente o quanto é vital a dinamização do espaço urbano.

O Marco Zero do Equador, vai além da observação estática de um monumento de referência, para se inserir enquanto história da sua recepção dinamizando a perspectiva e dando outra dimensão à história no espaço urbano, não se pode pensar ruas, praças, avenidas, passeios, casas ou prédios como elementos autônomos, mas como fatores de um conjunto; a cidade é resultado da atividade do conjunto que dinamiza suas estruturas, e se denomina contexto urbano. (TOSTES, 2012, p. 27)

A festividade do equinócio é um grande chamariz, é o ponto culminante da função primária do monumento, já foi celebrado grandiosamente, mas hoje já não se vê muita expressão em suas programações. Onde antes se viam fogos de artifício, manifestações artísticas, culturais, místicas e científicas reunindo uma ampla variedade de atividades que contavam com o apoio de estruturas anexas removíveis para suprir a grande demanda não só de turistas, mas dos próprios habitantes da cidade de Macapá, atualmente não encontra tanta expressão como antes, são programações muito tímidas, simples, menções rápidas nos telejornais locais, ou simplesmente a ausência de qualquer programação, ou seja, o espaço está perdendo até sua função primária de monumento, um uso que é sua característica marcante, aquilo que o destaca dos demais marcos espalhados pelo mundo, visto que é o único em que é possível a visualização do fenômeno do equinócio por meio da projeção dos raios solares sobre a linha física do equador traçado no terraço da edificação.

Figura 10 – Registro das festividades do equinócio no ano de 2009.



Fonte: Acervo da Secretaria de Turismo – SETUR

Figura 11 – Registro das festividades do equinócio no de 2013.



Fonte: Acervo do historiador Edgar Rodrigues

A carência de uma estrutura mais adequada para comportar as demandas e maximizar as potencialidade do marco zero é uma séria barreira no que tange à construção do diálogo entre o espaço e o homem e ao desenvolvimento do turismo local que ainda se dá a passos lentos. São muitos pontos que necessitam de atenção, de uma intervenção arquitetônica e urbanística mais eficaz, como por exemplo, a dificuldade de acesso, que devido a já delicada localização do monumento que por si só já se configura como barreira que é potencializada pela ausência de equipamentos e sinalização de trânsito para reduzir a velocidade dos veículos e viabilizar um acesso mais seguro aos pedestres. Outro transtorno é a extrema aridez do entorno que assemelha-se a um deserto pois não possui arborização e nem qualquer tipo de tratamento paisagístico, uma grave falha, pois a extensa área vazia do entorno poderia servir como uma extensão do monumento, um suporte espacial que permita a implementação de novos usos, de modo a transformar o espaço em um lugar mais atraente, não só nas celebrações do equinócio e outros eventos, como também para que cotidianamente haja a vitalidade urbana e as pessoas sintam-se convidadas a aproximarem-se e realmente transformarem o monumento em um espaço de vivência.

Ao falar de vitalidade urbana, como já foi citado no primeiro capítulo deste trabalho, é notável que esta é uma qualidade que influencia positivamente a dinâmica urbana e, para o caso do monumento Marco Zero e seu entorno, talvez representasse uma diminuição nos índices de criminalidade no entorno desértico que propicia esta problemática, uma vez que com a diversificação de usos e ocupação de áreas vazias no entorno e o fluxo constante de pessoas em diversos horários do dia criaria os chamados “olhos da rua” expressão utilizada por Jacobs (2009), uma espécie de reforço à segurança pública uma vez que os espaços ermos e soturnos seriam extinguidos.

Contudo, o cenário atual é diferente, com tímidos contingentes de visitantes e poucas oportunidades de utilização do seu espaço, o monumento permanece pautado na ideia da simples contemplação de uma evidência geográfica interessante, mas que deixa apenas como recordação uma foto com o obelisco ao fundo, não comunica valores mais profundos por meio de sua arquitetura, não instiga um maior interesse, tornou-se monótono, não dispõe de outras atividades, de novas formas de repassar conhecimento e cultura, seu potencial está desperdiçado e apenas cumpre-se o mínimo que o espaço exige.

Segundo a SETUR, o monumento Marco Zero funciona de terça - feira a domingo, no horário de 07:30 às 19 horas, e no primeiro semestre de 2016 teve um bom índice de visitantes, um total de 477 turistas estrangeiros, sendo a maioria da Guiana Francesa e cerca de 10.000 turistas brasileiros, sendo os habitantes do Estado do Amapá os que mais frequentaram o monumento por meio de excursões escolares e entre outros grupos institucionais (vide tabelas 2, 3 e 4). São estatísticas razoáveis, mas a questão é, por que ater-se apenas ao razoável? Para um espaço com tanto potencial turístico e cultural, e não somente por ser “cortado” pela linha do equador, mas por outros atributos que tornam Macapá única aos olhos do mundo todo, é necessário deixar que o básico, o comum seja o limite, deve-se propor lugares condizentes com o cenário da cidade contemporânea, no ambiente urbano nada é estático, tudo está em constante transformação, fatores sociais, políticos, econômicos, psicológicos, tudo influencia, e para os espaços que não despertarem para essa condição atual, estes estarão relegados ao esquecimento, pois como Lynch esclareceu no primeiro capítulo deste trabalho, os espaços tido como monumentos, marcos, grandes referências se não renovarem-se de alguma forma tendem a enfraquecer, necessitam de uma atenção constante, isolados não conseguem sustentar-se por conta própria.

Tabela 2 - Dados estatísticos de visitantes estrangeiros (2016).

PAISES	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	TOTAL	%	RANKING
ALEMANHA	2	0	1	0	0	0	3	0,63	27°
ARGENTINA	7	4	4	2	3	1	21	4,40	4°
AUSTRIA	0	0	0	1	0	1	2	0,42	33°
BELGICA	0	2	0	0	0	2	4	0,84	17°
BOLIVIA	1	2	0	1	0	3	7	1,47	16°
CANADA	2	2	1	2	0	1	8	1,68	8°
CHILE	2	0	0	1	1	0	4	0,84	24°
CHINA	0	0	3	3	2	0	8	1,68	10°
COLOMBIA	2	0	2	6	2	1	13	2,73	11°
CROACIA	0	0	0	0	2	0	2	0,42	35°
CUBA	1	0	3	0	0	4	8	1,68	9°
EQUADOR	1	0	0	0	0	0	1	0,21	38°
ESPAÑA	0	2	2	1	1	1	7	1,47	12°
ESTADOS UNIDOS	10	4	6	12	1	23	56	11,74	3°
FILIPINAS	0	0	0	0	0	8	8	1,68	11°
FRANÇA	12	33	15	8	10	7	85	17,82	2°
GRECIA	1	0	0	0	0	0	1	0,21	37°
GUIANA FRANCESA	35	22	3	65	7	11	143	29,98	1°
HAITI	0	0	1	0	2	0	3	0,63	31°
HOLANDA	6	1	0	3	0	0	10	2,10	7°
INDIA	0	0	0	13	0	1	14	2,94	4°
INGLATERRA	1	0	1	2	1	0	5	1,05	18°
IRLANDA	3	0	0	0	0	1	4	0,84	26°
ITALIA	4	2	1	1	4	0	12	2,52	6°
JAPÃO	2	1	0	0	0	0	3	0,63	25°
MEXICO	0	0	0	0	0	1	1	0,21	40°
NORUEGA	0	0	2	0	0	1	3	0,63	32°
NOVA ZELANDIA	0	0	1	0	0	0	1	0,21	39°
PARAGUAI	1	0	0	1	0	1	3	0,63	28°
PERU	2	1	0	1	0	1	5	1,05	21°
PORTUGAL	1	0	1	3	0	0	5	1,05	20°
RUSSIA	0	0	1	2	0	0	3	0,63	30°
SUÍÇA	3	0	2	0	1	0	6	1,26	17°
SURINAME	0	0	0	4	0	0	4	0,84	23°
TAILANDIA	0	0	0	0	2	0	2	0,42	34°
TURQUIA	1	0	0	0	0	0	1	0,21	36°
UCRANIA	3	0	0	0	0	0	3	0,63	25°
URUGUAI	2	0	2	0	0	1	5	1,05	19°
VENEZUELA	0	1	1	1	0	0	3	0,63	29°
TOTAL	105	77	53	133	39	70	477		

Fonte: Secretaria de Turismo do Amapá – SETUR

Tabela 3 – Dados estatísticos dos visitantes brasileiros (2016).

ESTADOS	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	TOTAL	%	RANKING
ACRE	6	1	0	1	5	2	15	0,14	27
ALAGOAS	6	4	6	3	3	2	24	0,23	26
AMAPÁ	818	589	564	839	702	792	4304	40,46	1
AMAZONAS	47	25	37	33	22	23	187	1,76	12
BAHIA	45	18	22	34	31	38	188	1,77	11
CEARÁ	38	45	30	45	27	34	219	2,06	10
DISTRITO FEDERAL	37	36	75	50	60	79	337	3,17	6
ESPIRITO SANTO	15	11	17	2	7	6	58	0,55	21
GOIÁS	31	36	46	38	37	36	224	2,11	9
MARANHÃO	55	55	27	52	52	29	270	2,54	7
MATO GROSSO	15	20	6	19	23	20	103	0,97	16
MATO GROSSO DO SUL	10	9	6	10	11	7	53	0,50	23
MINAS GERAIS	130	51	34	55	45	57	372	3,50	5
PARÁ	619	304	268	408	267	258	2124	19,97	2
PARAÍBA	24	12	7	14	8	9	74	0,70	19
PARANÁ	41	40	40	30	38	52	241	2,27	8
PERNAMBUCO	32	20	15	31	17	16	131	1,23	14
PIAUI	9	14	12	56	4	18	113	1,06	15
RIO DE JANEIRO	82	51	63	71	35	73	375	3,53	4
RIO GRANDE DO NORTE	34	14	15	8	13	15	99	0,93	18
RIO GRANDE DO SUL	43	31	13	16	20	23	146	1,37	13
RONDÔNIA	18	14	1	9	10	2	54	0,51	22
RORAIMA	5	5	6	2	3	8	29	0,27	24
SANTA CATARINA	39	10	15	10	19	9	102	0,96	17
SÃO PAULO	111	108	90	149	110	134	702	6,60	3
SERGIPE	5	4	0	2	7	6	24	0,23	25
TOCANTINS	18	17	3	12	18	2	70	0,66	20
TOTAL	2.333	1.544	1.418	1.999	1.594	1.750	10.638		

Fonte: Secretaria de Turismo do Amapá – SETUR

Tabela 4 – Dados estatísticos das excursões de grupos e escolas (2016).

ESCOLAS/ GRUPOS	MESES	TOTAL
Sindicato de Guias de Turismo - SINGTUR	Janeiro	15
Navio Cruzeiro MS Magellan	Janeiro	600
Centro de Atenção Psicossocial – CAPS/AP	Março	15
Grupo de oração: comunidade Evangélica do senhor Jesus Cristo	Março	30
Escola- Grupo perspectivas construtivas/GPC- Santana	Março	101
Escola Visconde de Mauá – SESI/Santana	Março	120
Igreja universal	Março	40
CEPAJOB	Abril	10
Corpo de Bombeiro Militar- Projeto Bombeiro Cidadão	Abril	30
Grupo desbravadores – Igreja Adventistas	Abril	16
IFAP- curso edificações	Maio	10
Escola Fundação Bradesco	Maio	41
Escola Conexão Aquarela	Maio	38
Escola: Núcleo de Educação Integrada -NEI	Maio	32
Escola de Pedra Branca do Amapari	Maio	50
Igreja Universal	Junho	30
Escola Santa Inês	Junho	57
Seleção Brasileira de RUGBY	Junho	40
Escola Estadual São Lazaro	Junho	23
Escola Daniel de Carvalho	Junho	50
Escola Estadual Santos Dumont	Junho	48
Escola Estadual Mario Quirino	Junho	60
TOTAL:		1456

Fonte: Secretaria de Turismo do Amapá – SETUR

Outro aspecto essencial aos apontamentos feitos neste capítulo é a condição de imagem secundária do monumento, ou seja, o espaço compõe o discurso, a alcunha “meio do mundo” mas é somente isso, um mero acessório de todos os eventos que ocorrem em suas imediações, no grande vazio que permeia o monumento, no entanto, tais eventos não constituem uma verdadeira ligação com o Marco Zero, pois apenas utilizam o espaço armando grandes estruturas temporárias que ao findar das programações rapidamente são desmontadas. O entorno não possui usos que transformem verdadeiramente o lugar, tampouco suficientes para a criação do vínculo do monumento com a cidade, isto detém-se apenas ao discurso. Um exemplo atual desta situação foi a passagem da tocha olímpica, da Olimpíada Rio 2016 pela capital, nesta ocasião o monumento Marco Zero teve os “holofotes” direcionados a ele, mas ainda assim de forma indireta, pois toda a programação ocorreu no entorno desértico, sendo assim coube ao monumento apenas ostentar um

gigantesco banner da tocha olímpica cobrindo toda a extensão do obelisco. Este foi o legado da capital do meio do mundo, uma simples imagem de cartão postal.

Figura 12 – Obelisco do marco zero com banner da tocha olímpica.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 13 – Estruturas montados no entorno do monumento Marco Zero.



Fonte: Acervo da autora.

O monumento e seu entorno possuem muito potencial para configurar-se num grandioso empreendimento turístico e também num espaço que realmente reflita os traços da cultura local, da arte e do conhecimento, um lugar onde pode-se vivenciar realmente uma experiência diferenciada de se estar no meio do mundo. A arquitetura auxilia no realce desses traços, no destaque do que faz esta cidade única, no comunicar de novos conceitos e ideias, na propagação de conhecimentos, educação, na construção de conexões únicas com cada usuário de seu espaço. Essa renovação é necessário, e é possível, já havia sido pensada, discutida no plano HJ COLE, em 1977, o que falta é a adaptação, transferir as potencialidades para a espacialidade por meio das teorias e da aplicabilidade dos atributos de um verdadeiro e eficiente espaço urbano.

3.2 – Simbologia do meio do mundo

O desenvolvimento de uma linguagem arquitetônica é parte essencial de um projeto, pois permite a atribuição de um sentido por trás da simples ideia de organização espacial. Este discurso intrínseco na arquitetura é o responsável por estabelecer a comunicação com o observador o que resulta em experiências sensoriais e emotivas únicas para cada indivíduo, assim originando os vínculos. No entanto, para que o arquiteto e urbanista consiga desenvolver essa linguagem ele necessita definir o que vai comunicar, precisa eleger significações para que posteriormente possa transmiti-las ao espaço por meio de formas específicas. Mas para eleger as significações são necessárias abordagens psicológicas, sociológicas e históricas, estes serão

os fatores que auxiliarão a definição do sentido da arquitetura. Assim ressalta Netto (1979) na obra “A construção do sentido na arquitetura”:

Vamos sair portanto do campo estreito da lógica, da lingüística, do formalismo dos modelos predeterminados, extravasar os limites de uma metodologia imperialista e seguir um método que se elabora criativamente de acordo com as necessidades do conjunto sógnico a ser abordado. (NETTO, 1979, p. 26)

Porém, no que concerne ao objeto de estudo, o Monumento Marco Zero, o conjunto sógnico citado por Netto (1979) é bem mais abrangente, pois trata-se de um espaço que recebe pessoas de valores, culturas e convicções distintas, a arquitetura será recebida por cada indivíduo de formas muito diferentes, logo, compete ao arquiteto e urbanista analisar essas questões que variam de um grupo social a outro antes de propor qualquer intervenção. Ele deve pensar em todos os sentidos básicos para cada grupo, conciliar as diferentes percepções e fazer com que estas reflitam-se tanto no espaço exterior como no interior, criando a identificação do observador com a arquitetura.

A investigação antropológica é fundamental para a concepção projetual, contudo, se não for pensada em confluência com outros aspectos de projeto, como os fatores históricos, econômicos, é o próprio posicionamento do arquiteto, visto os conhecimentos técnicos e ideológicos acumulados por ele, conduz à execução de um projeto incompleto, que irá carecer de influências positivas, afinal, a arquitetura não se trata da satisfação de vontades puramente individuais, uma vez que, como afirma Netto (1979, p. 9), “Essa é uma linguagem completa, onde o indivíduo faz parte da cidade e a cidade, parte fundamental do indivíduo. O homem vive na cidade e da cidade, e a cidade não deixa de viver do homem”, deve-se pensar no todo, no coletivo, em equilibrar percepções diferentes, mas também propondo intervenções que transmitam princípios, cultura, educação, gerando mudanças positivas de comportamento, estreitando as relações inter-humanas de modo a minimizar problemáticas sociais.

O valor dos conhecimentos sociológicos, psicológicos e antropológicos é inegável para uma intervenção arquitetônica, uma vez que restringe a possibilidade de o projetista deixar-se persuadir pelo discurso da arquitetura com forma e função, ou seja, na reprodução indiscriminada de modelos pré-fabricados que prometem custos razoáveis e utilidade, mas que carecem de sentido, de significado justamente por não considerarem as investigações antropológicas. Ignorando tais informações a arquitetura torna-se incapaz de transmitir ideias, valores, mensagens realmente significativas que possam firmar-se na memória coletiva.

Até o momento muito foi dito sobre a relevância de um sentido na arquitetura, porém ainda cabe explicar como se desenvolve essa significação. Como um espaço adquire um

significado? Segundo Netto (1979), isto se dá de duas formas, por meio de uma prática no espaço ou de um discurso a respeito do espaço. Anteriormente, ao mencionar sobre a questão da funcionalidade, foi visto que pensada isoladamente, ignorando outros fatores, esta é prejudicial ao projeto, no entanto, a prática do espaço, sua utilidade, sua função é um fator que para muitos indivíduos é primário na construção de um vínculo, de uma identificação com o espaço e conseqüentemente uma significação para aquele indivíduo. Já o discurso a respeito do espaço baseia-se em apontamentos e percepções alheios, funciona como uma espécie de propaganda do lugar, opiniões que podem influenciar as pessoas a frequentar ou não um determinado espaço. Estas duas formas que auxiliam a atribuir um significado, mas também são responsáveis pela perda total ou parcial desse mesmo significado principalmente nas questões que concernem à prática do espaço, pois quando um espaço perde sua função gradativamente vai perdendo o seu valor para algumas pessoas, neste ponto nota-se o quanto é imperativo que um espaço seja multifuncional.

Em suma, infere-se que a significação da linguagem arquitetônica não advém de extremismos, não significa negar a estética e nem a funcionalidade em absoluto, mas em conceber projetos que englobem as abordagens antropológicas, históricas, sociais e psicológicas conjuntamente com a forma e a função, uma vez que a arquitetura tem como item fundamental aos seus princípios comunicar uma linguagem consciente, lógica, mas ainda assim criativa, capaz de firma-se no imaginário coletivo, constituindo-se como um elemento de destaque na paisagem, repleto de uma significação profunda ao observador.

Como foi explicitado, a arquitetura comunica valores, princípios, ideias por meio de um conjunto sógnico, e possui significações distintas que podem ou não depender de sua função. No caso da área em estudo, Monumento Marco Zero do Equador, nota-se a presença de um forte discurso apoiado no simbolismo da linha do equador, no privilégio de se estar no meio do mundo, porém viu-se que tal discurso não passa do campo do imaginário, este não se retrata ao nível da prática do espaço. Mas para que tal discurso transforme-se em algo mais tangível na ambiência urbana o primeiro que deve ser dado é o de conhecer o significado por trás signo. O que é a linha do equador? O que é equinócio? Quais privilégios estão velados nesta simbologia icônica? Existe mais, ou tudo cabe na ideia de contemplação?

A linha imaginária do equador é o resultado da intersecção da superfície terrestre com o plano que contém o seu centro, é perpendicular ao eixo de rotação, ou seja, é uma linha que corta a Terra horizontalmente. Todavia, devido às oscilações do eixo de rotação, e é importante que se esclareça isto, a posição da linha do equador não é constante, está sujeita à pequenas variações, no entanto, existe uma posição média que assegura sua localização. A linha do

equador divide a Terra em dois hemisférios, Norte e Sul. O raio do equador é de cerca de 6.378 Km (Carvalho, Edilson Alves, 2008).

Figura 14 – Representação do globo terrestre com a linha do equador



Fonte: <http://www.culturamix.com/wp-content/uploads/2013/05/Origem-Da-Linha-Do-Equador.jpg>.

Acesso 10/08/2016 às 11:00

Historicamente a denominação linha do equador surgiu na Antiguidade, quando o homem ainda não conhecia a forma esférica da terra, desta forma, sugere-se que o desenho da linha do equador em antigos mapas surgiu da orientação celeste, pois observou-se que em certos os períodos quando o sol passava sobre a linha celeste do equador os dias e noites tinham a mesma duração, é deste fenômeno que surgiu o termo “Equador”, do latim, igualador, já que os dias e as noites tinham exatas 12 horas de duração em qualquer parte do planeta. Porém o fenômeno que deu origem à denominação equador, possui outro nome, equinócio.

A passagem da linha do equador não é privilégio de apenas uma cidade, visto que cruza outros continentes e localidades como: São Tomé e Príncipe, Gabão, Congo, República Democrática do Congo, Quênia, Somália e Uganda, no continente africano; Brasil, Colômbia e Equador, na América do Sul; Indonésia e Maldivas, na Ásia e Kiribati, na Oceania. Contudo, no Brasil, a cidade de Macapá é a única capital que possui este privilégio e difere-se de outros marcos do equador pelo mundo por ter uma estrutura um pouco mais elaborada, pela sua localização e por seus menores entraves políticos para os turistas que desejam conhecer mais sobre esta peculiaridade geográfica.

Figura 15 – Marco do equador na cidade de São Tomé e Príncipe



Fonte: http://linhasdeespuma.blogspot.com.br/2011/05/sao-tome-e-principe_6378.html

Figura 16 – Marco do equador na cidade de Uganda.



Fonte: Acervo do historiador Edgar Rodrigues

Diferentemente dos marcos de outras cidades, o monumento Marco Zero do Equador em Macapá tem como base pra sua construção os primeiros relógios solares, que por meio do

movimento aparente do sol projeta uma sombra na linha imaginária do equador, é essa característica que permite a visualização do fenômeno do equinócio nos meses de março e setembro, nestas ocasiões o obelisco de 30 metros de altura que faz parte do monumento, recebe por uma abertura em sua extremidade, um feixe de luz solar que se projeta sobre a linha do equador, em um perfeito alinhamento da Terra com o Sol, este enquadra perfeitamente na abertura circular do obelisco. O equinócio acontece duas vezes no ano, no dia 21 de março, denominado Vernal, Equinócio de Primavera, pois marca o início da primavera no Hemisfério Norte, e o início do outono no Hemisfério Sul. Especificamente na cidade de Macapá, este ganha outra denominação, Equinócio das Águas, visto que o período corresponde com a estação chuvosa, o aumento do volume das águas, e nos dias 22 e 23 de setembro, chamado Equinócio de Outono, que marca o início do outono no Hemisfério Norte e consequentemente, da primavera no Hemisfério Sul.

Figura 17 – Imagem explicativa de como ocorre o fenômeno do equinócio.



Fonte: http://www.cienciaviva.pt/equinocio/lat_long/cap2.asp. Acesso 10/08/2016 13:00.

Figura 18 – Visualização do fenômeno do equinócio no marco zero.



Além do fenômeno do equinócio, a zona do equador, é dotada de outras particularidades, entre elas de ser o cenário propício para observação astronômica e lançamento de projéteis, principalmente de satélites geoestacionários, os responsáveis pelas telecomunicações e observações de pontos específicos na Terra. A ciência também é um traço marcante do monumento Marco Zero, é um potencial a ser mais explorado e possui público para eventos desse porte, uma vez que foi verificado a existência de um clube de astronomia em Macapá, o Mirzam (<http://clubemirzam.blogspot.com.br>) e também porque o monumento é palco do fenômeno do equinócio, a ocasião em que o espaço mais recebe visitantes que buscam vislumbrar e compreender melhor este fenômeno.

O Marco zero é um monumento icônico, o cartão postal de uma cidade repleta de privilégios naturais, o maior rio em volume de água, o Estado com maior percentagem de floresta preservada, cortada pela linha do equador, o meio do mundo. Macapá então deve evocar essa ilustre designação cada vez mais e transformá-la em realidade, se é o meio do mundo, deve deixar transparecer em seu monumento o que significa esse título célebre, afinal, conforme a música do compositor local Zé Miguel, esse é o endereço da cidade, “na esquina do rio mais belo com a linha do equador”, o único lugar do mundo onde o maior rio encontra a linha do equador, esta é uma ideia de muita força, cria identificação com muitos habitantes da cidade. A arquitetura como a arte de organizar espaços, torná-los belos, funcionais, repletos de vitalidade, deve contribuir nessa missão, ressaltar o caráter único da cidade de Macapá construindo um grandioso atrativo turístico, desenvolvendo a economia do Estado, mas sempre atentando para o funcional, e os aspectos mais sutis que englobam todas as obras arquitetônicas que desejam transmitir uma mensagem, sentidos diversos.

4. INSPIRAÇÕES: REPERTÓRIO SOBRE A TEMÁTICA.

Após os apontamentos críticos, históricos e simbólicos tratados nos capítulos anteriores, convém neste momento elencar e especificar referências projetuais, inspirações, norteadores para o projeto de intervenção do espaço do Monumento Marco Zero. Tais referências enquadram-se na categoria de Parque Urbano, uma vez que a intervenção que se pretende propor, objetiva retomar a ideia do plano H. J COLE (1977), um parque que dialogue com a cidade, acessível, atrativo, diversificado em usos como sugere Jacobs (2009), reunindo as qualidades de Bently et. al. (1985) e comunicando uma significação mais profunda, além da simbologia.

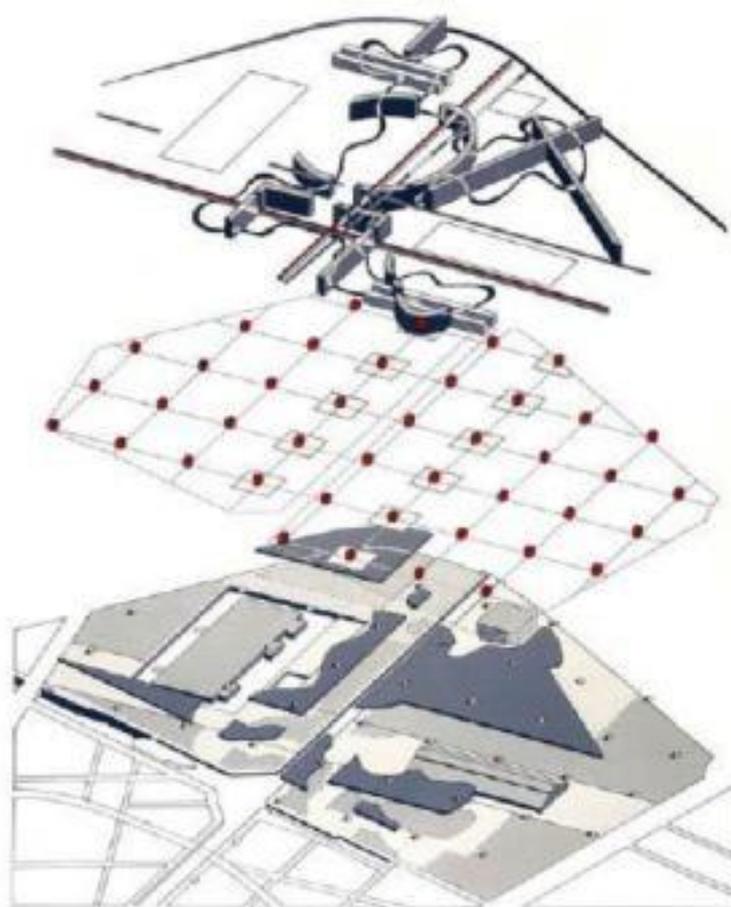
Todavia, retomar a concepção H J COLE (1977), não significa construir uma cópia, mas partir de um referencial, uma inspiração, que será regida por uma nova abordagem, a do Parque Urbano contemporâneo, que por possuir liberdade de concepção permite inovações, tanto no programa de necessidades, como nas formas, tecnologias aplicadas e discursos a comunicar. Na linha contemporânea a experimentação é incentivada, deseja-se que o usuário aproprie-se do espaço, crie vínculos, imprima sua marca naquele ambiente, indo além do antigo aspecto contemplativo dos parques. Para o Monumento Marco Zero esta intervenção ressaltaria sua figura icônica e transformar-se-ia em um espaço capaz de comportar lazer, recreação, conhecimento, cultura e arte sem perder a sua essência simbólica. Esta é a verdadeira apropriação do discurso de se estar no meio do mundo que pode se refletir-se na espacialidade.

Os projetos referenciais desta pesquisa podem ser divididos em três níveis, três escalas de influência. A primeira é a inspiração conceitual destacada no projeto do *Parc La Villette*, de Bernard Tschumi, em Paris, cuja contemporaneidade é evidenciada por um discurso anti-tradicional onde a natureza é secundária e a inovação, pluralidade de usos, de formas e a interação social são reforçados. A segunda esfera de inspiração é a temática ressaltada no parque *Ciudad Mitad del Mundo*, no Equador, este espaço possui as mesmas características simbólicas acentuadas no Monumento Marco Zero, no entanto, o simbolismo de se estar no meio do mundo revela-se diferente amparado por um complexo turístico que evidencia espacialmente todo o potencial velado nessa simbologia. Já o terceiro nível de inspiração é local, reúne duas vertentes; as referências aos projetos da arquiteta paisagista Rosa Kliass, que por sua ativa participação em vários projetos em muitas cidades brasileiras e adquiriu um acervo vasto de obras referenciais, entre elas o Parque do Forte, em Macapá, e também, tomando como segunda referência local, o *Parque do Ibirapuera*, um grande exemplo de parque urbano que concilia arquitetura, paisagismo e urbanismo.

4.1. Parc la Villette

O *Parc La Villette* é um projeto desconstrutivista criado por Bernard Tschumi na cidade de Paris, na França. Ocupa 135 hectares e foi concebido a partir da ideia de que a arquitetura também é uma forma de arte, que a preocupação formal não é uma limitação. O parque comporta uma extensa gama de atividades e programações, o que consequentemente atrai um vasto público e torna o espaço muito mais do que um simples lugar de lazer momentâneo, percebe-se claramente o desejo de instigar o usuário proporcionando ricas experiências sensoriais. No *Parc La Villette* são três camadas sobrepostas em uma malha ortogonal, estas são: as superfícies, espaços verdes abertos; as linhas, os caminhos que ligam os diferentes pontos do parque; e os pontos, 26 estruturas pintadas em vermelho denominadas “folies” (loucura em francês) que servem como uma espécie de ponto referencial, os marcos do parque (SIMIONATO, 2014).

Figura 19 – Esquemas sobrepostos do *La Parc Villette*.



Fonte: <http://www.toposmagazine.com/blog/learning-from-la-villette-from-frogs-to-follies.html>. Acesso 10/08/2016 13:53.

O parque permite que o usuário descubra e experimente diversos ambientes de usos diferenciados que por meio de imagem atraentes, complexas e ricas comunicam sentidos, mensagens gerando significações pessoais a cada indivíduo estabelecendo uma conexão contínua e simultânea com todos os usuários e suas respectivas gamas pessoais de experiências passadas. Estes espaços intrigantes e multifuncionais estão ligados por amplas alternativas de caminhos, não repetitivos e previsíveis, mas inusitados, surpreendentes. Em meio a tanta diversidade de opções, a legibilidade, a familiaridade que auxilia a locomoção, o sentido de orientação é proporcionado pelos “folies”, os únicos elementos que se repetem ordenadamente, estas estruturas embora tenham características semelhantes entre si apresentam sutis alterações de forma e uso, portanto, mesmo seguindo um padrão cada “folie” é único, e isto estimula a imaginação e a curiosidade dos usuários a respeito do espaço. (<http://www.archdaily.com.br/br/01-160419/classicos-da-arquitetura-parc-de-la-villette-slash-bernard-tschumi>).

Figura 20 – Camada de pontos, “folies”.



Fonte: <https://www.emaze.com/@AIICZFF/Presentation-Name>. Acesso 05/08/2016 13:00.

Na camada dos acessos são traçados dois eixos principais, Norte-Sul, Leste-Oeste. Os caminhos possuem formas distintas, ora retos, ora sinuosos, sempre interessantes e refletindo cada um, uma ideia específica. Um bom exemplo é o caminho “cinématique” com cerca de 3km de comprimento, tem formas sinuosas para aludir aos rolos de filme antigo, conduzindo os

visitantes a jardins temáticos instigantes e curiosos. Cada caminho comunica uma variedade de mensagens em virtude da grande extensão e amplitude de utilizações do parque, que conta com playgrounds divididos por faixas etárias, museus de arte, ciência e tecnologia, cinema e espaços para apresentações artísticas e culturais.

Figura 21 – Caminho coberto do Parc La Villette



Fonte: <http://expedicaoarchtrip.com/la-villette-a-aplicacao-de-todas-as-teorias-de-tschumi/>. Acesso 02/08/2016 11:30.

Por fim, a camada de superfícies, os espaços entre os espaços, grandes áreas verdes, que transmitem o traço característico dos parques, a vegetação que viabiliza o lazer contemplativo, a prática de esportes, o descanso, entre outras atividades. Dos 135 hectares do parque, 85 são dedicados aos espaços verdes, que possuem um programa informal que o que permite outros usos, como por exemplo, um cinema ao ar livre. O caráter flexível do parque reflete-se em todas as suas camadas, essa particularidade merece destaque, pois um espaço que se molda, se adequa a cada usuário, sem perder sua essência é mais favorável a apropriação e construção de elos.

4.2. Parque Ciudad Mitad del Mundo

O monumento *Mitad del mundo* faz parte do complexo turístico *Ciudad Mitad del Mundo* que tem como finalidade demarcar a linha imaginária do equador que percorre a província de Pichincha, no Equador, localizada a 26km do centro da capital Quito. É um monumento piramidal arrematado por um globo de 4,5 metros de diâmetro e 5 toneladas que integra o complexo turístico Ciudad Mitad del Mundo, que é constituído por museus de cultura indígena, ciência, espaços para a experimentação e observação de famosos fenômenos físicos, exposições de arte, miniaturas, praças para sediar eventos da cultura local, restaurantes, lojas de artesanato, um planetário e uma réplica em tamanho real de uma antiga cidade colonial espanhola.

Figura 22 - Monumento Mitad del Mundo, Equador



Fonte: <https://www.expedia.com.br/Mitad-Del-Mundo-Monument-Quito.d6112398.Guia-de-Viagem>. Acesso 08/06/2016 15:00.

Neste monumento ainda é possível visualizar todo o complexo por meio de um elevador que leva a uma vista panorâmicas dos dois hemisférios norte e sul, e também conhecer como foram feitos os cálculos da missão geodésica francesa de 1736, que foi a responsável por delimitar a linha do equador nesta região. Nesse local a linha do equador se prolonga pelo piso por meio de uma linha pintada que representa a divisão da Terra em dois hemisférios. Curiosamente, embora tecnologias mais recentes tenham constatado que esse complexo não se encontra exatamente na latitude 0° , mas na verdade cerca de 240 metros da linha a original, no

entanto, é interessante observar que isso não afeta os seus índices numerosos de visitantes. (http://www.mitaddelmundo.com/en/?pagerd_rw4vngmk23pinyu8fr).

Figura 23 – Vista área do complexo Ciudad Mitad del Mundo.



Fonte:<http://trade.allyouneedisecuador.travel/en/webinars/be-an-expert-in-quito/25-travel-planner/quito/305-must-sees-in-the-city>. Acesso 05/08/2016 13:00.

O ponto forte desta inspiração é a apropriação temática, a forma como a simbologia é trabalhada no espaço, com a apresentação de alternativas interessantes e didáticas a respeito do tema. O complexo Ciudad Mitad del Mundo é uma referência para o melhor aproveitamento das potencialidades do Monumento Marco Zero, reforçando o seu caráter singular, atuando no sentido de qualificá-lo como um empreendimento rentável de grande vulto, um atrativo turístico mais estruturado do que se apresenta atualmente. Todavia, é importante ressaltar que não se trata de copiar, embora a temática seja a mesma, mas sim em trabalhar o simbolismo de uma forma mais atrativa, abrangendo mais usos, horários e fluxos, transmutar o discurso para a realidade exaltando as particularidades locais, a identidade da cidade de Macapá.

4.3. Referências regionais

A arquiteta e paisagista Rosa Kliass é o referencial nacional entre as inspirações projetuais já citadas, pois representa o elo, a proximidade com a realidade da arquitetura do Brasil e a dinâmica urbana das cidades brasileiras. Além disso, Rosa Kliass inspira por sua devoção a projetos de revitalização da paisagem envolvendo patrimônios históricos e grandes monumentos turísticos principalmente nas regiões norte e nordeste, o que já cria outra grau de aproximação com as condicionantes e peculiaridades do espaço de intervenção do Monumento Marco Zero.

Adepta da corrente contemporânea do paisagismo brasileiro Kliass utiliza de elementos naturais e construídos em conformidade com a diversificação de atividades. Por meio do equilíbrio entre natural e artificial seus projetos conseguem reforçar a importância dos monumentos turísticos e históricos que compõe uma paisagem sem que a estética, o ordenamento espacial e as funções nascidas de sua intervenção projetual deturpem o sentido dos marcos, seus projetos não visam competição, tampouco posse das atenções dos monumentos da cidade, mas sim realçar o status e o valor desses monumentos.

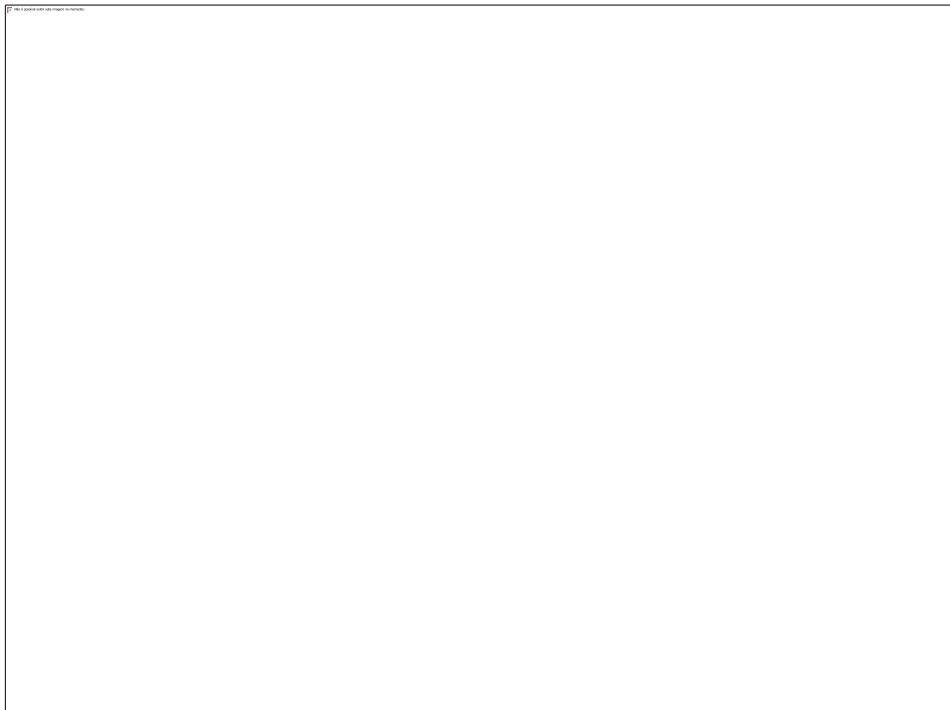
Figura 24 – Parque do Forte, projeto de Rosa Kliass – Macapá/ AP.



Fonte: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquiteturismo/01.001/1303>. Acesso 01/08/2016 17:00

Os processos metodológicos utilizado por Kliass em seus projetos fornecem referências para as diretrizes de intervenção projetual desta pesquisa. Estes parâmetros são: pesquisa e locação dos aspectos naturais da paisagem em estudo; levantamento de potencialidades, problemáticas, características, tendências e atividades que são realizadas no espaço e a análise comparativa com outros elementos do entorno. Posterior a estas etapas são concebidas as primeiras propostas sempre levando em consideração a adequação e preservação do patrimônio histórico aliado a expansão e inserção de novos usos que sustentem uma interação entre o espaço e o observador.

Figura 25 – Parque da Residência – Belém/ PA.



Fonte: <http://www.panoramio.com/photo/82337539>. Acesso 01/08/2016 17:30.

4.4 Parque do Ibirapuera

Com arquitetura de Oscar Niemeyer e paisagismo de Roberto Burle Marx, o Parque do Ibirapuera é um ícone da cidade de São Paulo, um espaço atrativo e amplamente frequentado devido a sua vasta gama de atividades distribuídas por uma área de 158 hectares. Este parque urbano conta com diversos edifícios dispostos em torno de uma grande marquise central onde também está situado o Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM. Todos os edifícios do parque possuem uma arquitetura marcante cuja forma fixa-se, ao primeiro contato, na memória de seus visitantes, além disso, o parque ainda conta com a exuberância de seus jardins que proporcionam um lazer contemplativo aos usuários.

Figura 26 – Fotografia área do Parque do Ibirapuera – São Paulo/ SP.



Fonte: <http://www.organicsnewsbrasil.com.br/atitudes-sustentaveis/arquitetura/paulo-mendes-da-rocha-fala-sobre-projeto-para-o-parque-do-ibirapuera/> Acesso 15/08/2016 19:30

O destaque desse projeto, inspiração para a intervenção arquitetônica desta pesquisa, é principalmente a utilização da qualidade da variedade, pois este espaço aglutina em si uma variedade de usos que implica, conforme o conceito explicitado anteriormente, em uma variedade de fluxos, horários e pessoas. Entre as diversas utilizações do parque estão museus de ciência, arte e cultura, auditório, planetário, pavilhões de exposição, ginásio, herbário, viveiro, centro de convivências, jardins, quiosques, 1.500 metros de pista de cooper, 6 mil metros de pista de corrida, 3 mil metros de ciclovia, campo de futebol, quadras poliesportivas, restaurantes, lanchonetes, praça de jogos com mesas de pingue pongue, xadrez e damas, playgrounds e bancas de jornais e revista.

O Ibirapuera reúne urbanismo, paisagismo e arquitetura em um conjunto harmônico que comunica mensagens compatíveis e coerentes entre si, e esta característica reflete-se na significativa dimensão simbólica atribuída a este espaço, que surgiu em momento marcante, o IV Centenário da cidade de São Paulo, portanto, foi inaugurado para ser um espaço icônico, difusor de cultura e entretenimento, e é inegável a eficiência desse espaço em atrair visitantes, e em estabelecer um vínculo com seus usuários, em firmar-se na memória coletiva principalmente por meio da monumental figura da grande marquise central, um espaço de interação social, cenário de manifestações culturais e sociais, que proporciona experiências diferenciadas a cada indivíduo.

Figura 27 – Marquise do Parque do Ibirapuera – São Paulo/SP



Fonte: <http://blog.livegether.com/ibirapuera-skate/>. Acesso 15/08/2016 20:00

Para melhor fixação das características e influências de cada uma das referências e compreensão de quais são os aspectos de projeto condizentes com a teoria discutida no primeiro capítulo, seguem abaixo quadros ilustrativos para facilitar a leitura e visualização de cada uma das obras referenciais.

Tabela 5 – Projetos referenciais

PROJETOS REFERENCIAIS		
PROJETOS	CARACTERISTICAS	QUALIDADES APLICADAS
<p style="text-align: center;">PARC LA VILLETTE</p> 	<p>Espaço amplo que oferece diversas atividades além do lazer contemplativo dos parques comuns. Apresenta acessos interessantes, únicos. Detém complexidade visual e utilitária oferecendo extensa gama de experiências sensoriais.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - PERMABILIDADE; - VARIEDADE; - LEGIBILIDADE; - ROBUSTEZ; - RIQUEZA; - APROPRIAÇÃO VISUAL.

Tabela 6 – Projetos referenciais

PROJETOS REFERENCIAIS		
PROJETOS	CARACTERISTICAS	QUALIDADES APLICADAS
<p>COMPLEXO CIUDAD MITAD DEL MUNDO</p> 	<p>Espaço turístico de grande vulto que oferece diversas atividades correlacionadas com sua temática, cultura, valores e conhecimentos. Atrativo, projeta imagem simbólica, mas também complexa ao proporcionar atividades interessantes e didáticas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - VARIEDADE; - ROBUSTEZ; - RIQUEZA.

Tabela 7 – Projetos referenciais

PROJETOS REFERENCIAIS		
PROJETOS	CARACTERISTICAS	QUALIDADES APLICADAS
<p>PROJETOS DE ROSA KLIASS – PARQUE DA RESIDÊNCIA</p> 	<p>Projetos de revitalização que visam o realce e valorização de monumentos históricos por meio da harmonia entre a atribuição de novos usos (construção de novas estruturas ou reestruturação da antiga valorizando os elementos regionais) e a paisagem natural, porém sem rivalizar com a importância e o simbolismo intrínseco em cada monumento.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - VARIEDADE; - ROBUSTEZ; - RIQUEZA.

Tabela 8 – Projetos referenciais

PROJETOS REFERENCIAIS		
PROJETOS	CARACTERISTICAS	QUALIDADES APLICADAS
<p style="text-align: center;">PARQUE DO IBIRAPUERA</p> 	<p>Parque urbano que oferece uma Profusão de opções de utilidades, entre elas: lazer contemplativo, lazer recreativo, esportes e estruturas para o desenvolvimento de atividades culturais. Além das muitas atrações o Parque possui muitos caminhos interessantes, diferenciados não só pela bela paisagem como também por marcos arquitetônicos que se destacam pela forma e pela utilização, como a marquise.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - PERMABILIDADE; - VARIEDADE; - LEGIBILIDADE; - ROBUSTEZ; - RIQUEZA;

5. CRIANDO O ELO COM MACAPÁ: PARQUE CULTURAL DO MEIO DO MUNDO.

Posterior ao embasamento crítico e morfológico, às análises históricas e simbólicas referentes ao objeto de estudo, o Monumento Marco Zero do Equador, este capítulo irá se desenvolver a partir das diretrizes de projeto, tratando diretamente da intervenção urbanística e arquitetônica que pretende-se para a área levando em conta a elaboração dos estudos a respeito da área e seu entorno, levantamentos dos dados referente à pesquisa de opinião junto à comunidade, programa de necessidades, organogramas e finalmente a proposta de projeto envolvendo croquis e a interpretação de conceito, forma e função.

5.1 – Estudos acerca da área de intervenção e entorno.

Antes de propor uma intervenção para área em estudo deve-se coletar dados e informações técnicas a respeito do espaço, considerar condicionantes específicas como; aspectos físicos do terreno, insolação, ventilação predominante, acessos e fluxos, legislação vigente e relações com o entorno. É a análise desses fatores que irá subsidiar a intervenção física, assegurar sua viabilidade conjuntamente com os outros elementos explicitados nos capítulos anteriores.

A área em estudo, o monumento Marco Zero, fica localizado na Rodovia Juscelino Kubitschek no perímetro entre a Avenida Ivaldo Veras e a Rua Víctá Mota Dias no bairro Jardim Marco Zero. Este monumento integra uma espécie de complexo turístico do qual fazem parte a Escola Sambódromo de Artes Populares e o Estádio Milton Corrêa. Nas proximidades da área ainda se situam a Universidade Federal do Amapá, UNIFAP e os bairros; Jardim Equatorial, Congós, Pedrinhas, Universidade e Zerão, além de uma série de empreendimentos comerciais e residências, estes usos estarão especificados adiante no mapa de uso e ocupação do solo da área.

Figura 28 – À leste do monumento, Avenida Equatorial.



Fonte: Relatório fotográfico - SEINF

Figura 29 – Ao sul do monumento Marco Zero, acesso ao distrito da Fazendinha e ao município de Santana.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 30 – Ao norte, Escola Sambódromo de Artes Populares



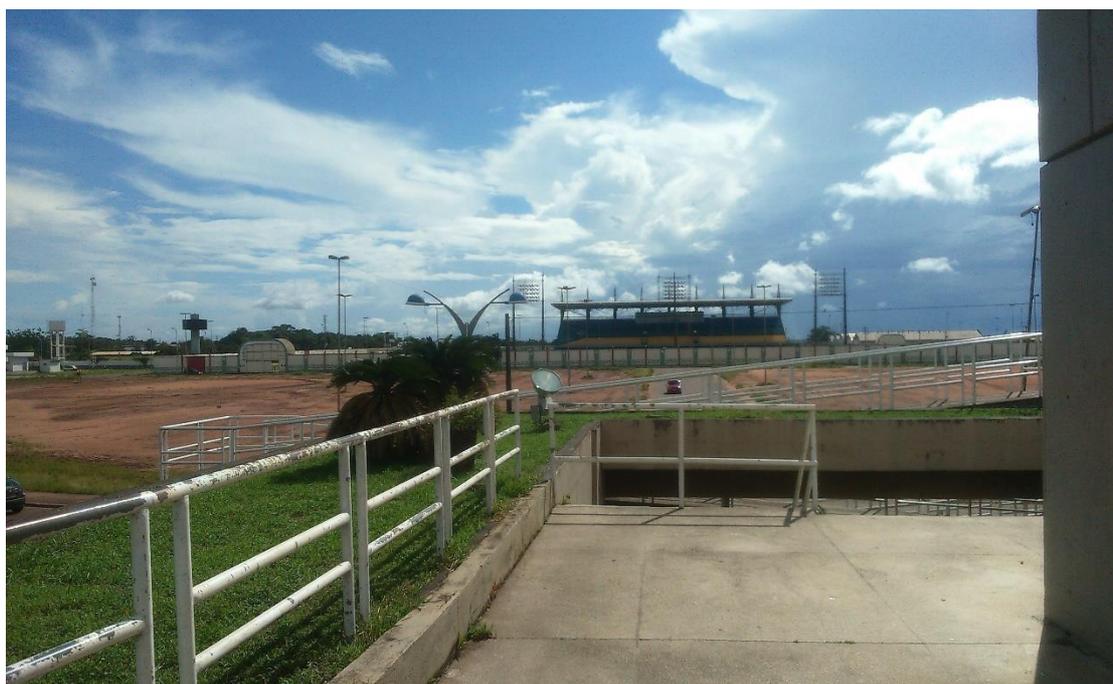
Fonte: Acervo da autora.

Figura 31 – Ao norte, acesso ao centro de Macapá.



Fonte: Acervo da autora.

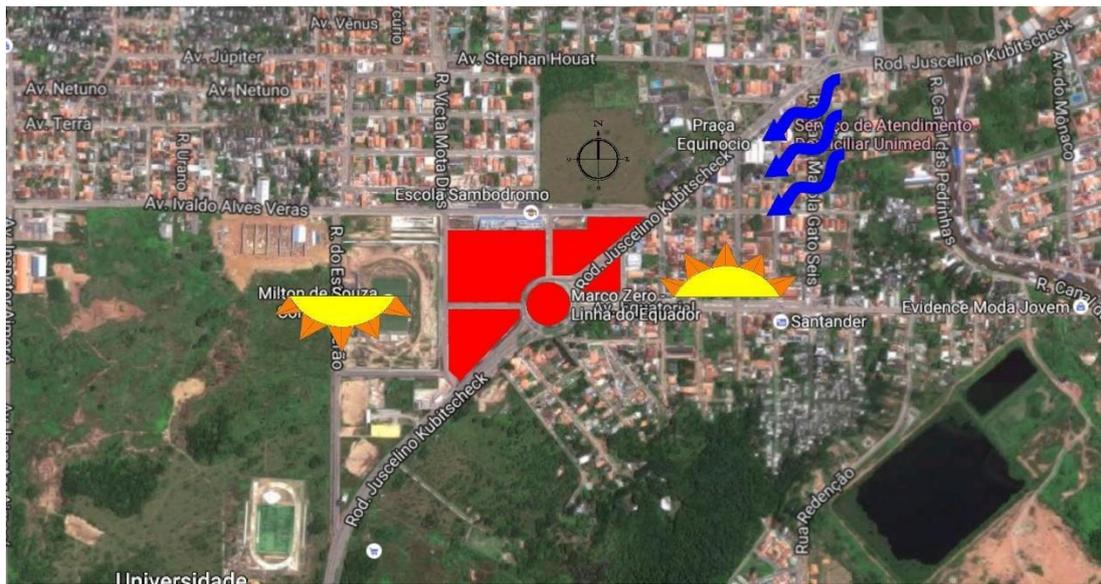
Figura 32 – À oeste, Estádio Milton Corrêa (Zerão).



Fonte: Acervo da autora.

A área total de intervenção abrange quatro terrenos do entorno e mais o espaço do monumento Marco Zero, diâmetro da ilha central da rotatória, totalizando 152.298 m². Quanto aos aspectos físicos todos os terrenos possuem relevo plano, de formato parcialmente regular, recebem alta incidência solar devido à ausência total de arborização, exceto na ilha central da rotatória, e ventilação predominante da direção nordeste com leves alterações de um terreno para o outro devido à disposição proporcionada pela localização da Rodovia Juscelino Kubitschek.

Figura 33 – Área de estudo sinalizada, insolação e ventilação



Fonte: Acervo da autora.

Figura 34 – Vista do entorno do Marco Zero (Área de intervenção).



Fonte: Acervo da autora.

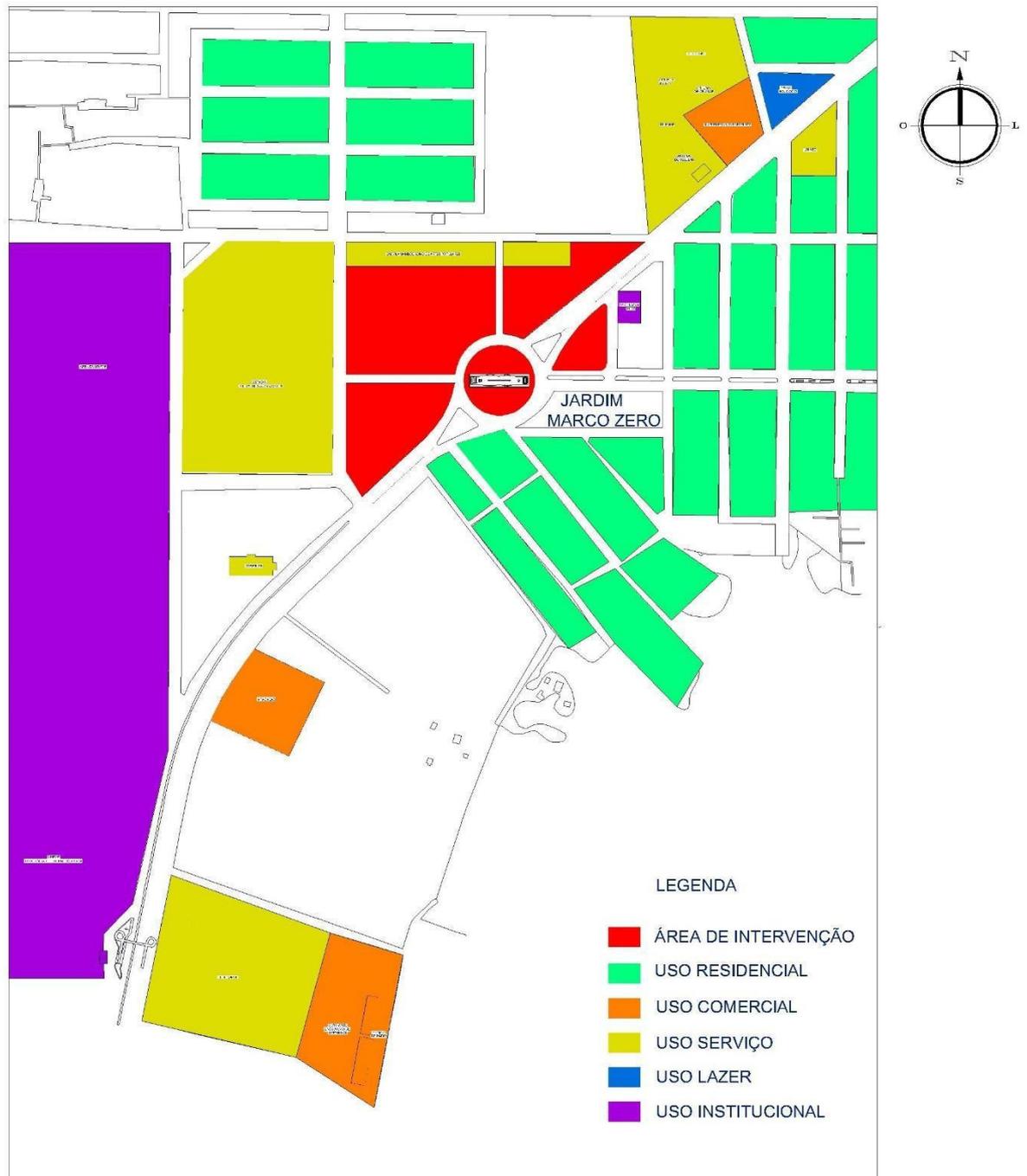
Figura 35 – Vista do entorno do Marco Zero (Área de intervenção).



Fonte: Acervo da autora.

Quanto a legislação vigente, lei complementar nº 029/2004 - do uso e ocupação do solo do município de Macapá, a área de intervenção é classificada como pertencente ao Setor Residencial 3 (SR-3) o que implica na predominância de uso residencial e no desenvolvimento de atividades comerciais e de serviço de apoio a moradia com restrição às atividades que causem incômodo a vizinhança. Segundo esta lei, o espaço comporta usos residenciais uni e multifamiliar, além de atividades comerciais e industriais dos níveis 1 e 2, e de serviços dos níveis 1, 2 e 3, ou seja, esta área deve comportar usos de baixíssimo a médio impacto.

Figura 36 – Mapa ilustrando a classificação de usos e ocupação do solo do entorno.

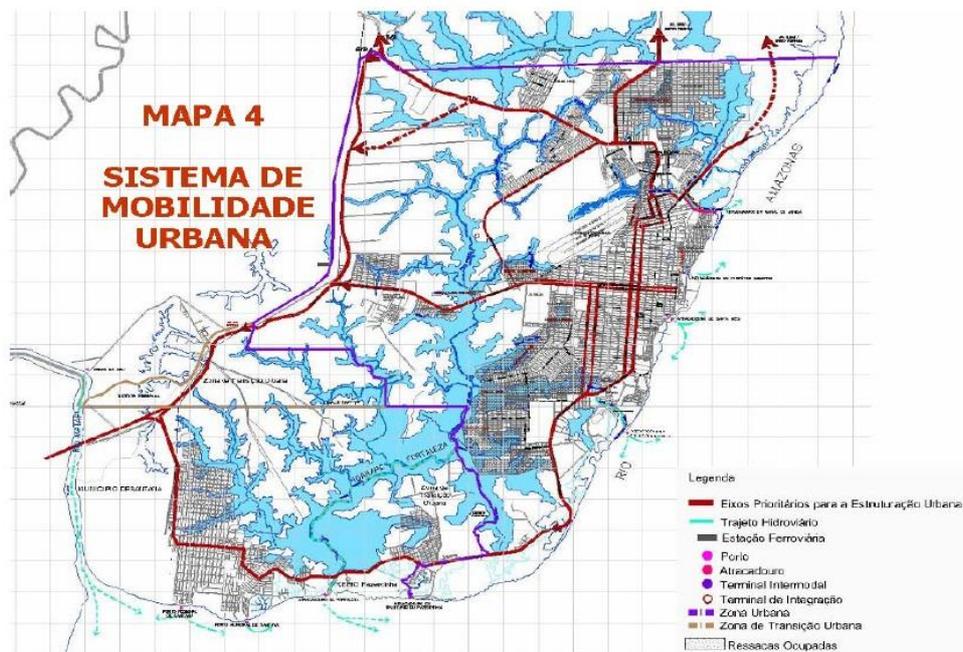


Fonte: Acervo da autora.

Mas além da verificação dos usos permitidos por lei outro aspecto vital para estudos preliminares de um projeto arquitetônico, especialmente para o caso em estudo, é a análise dos fluxos e acessos de pedestres e veículos, uma questão a se refletir com cautela no caso do Marco Zero uma vez que este encontra-se em meio a uma rotatória de grande fluxo, o que deve-se a expansão da cidade rumo ao município de Santana, portanto, têm-se uma via de acesso intermunicipal, ladeada por grandes empreendimentos comerciais, envolvendo usos variados e consequentemente passagem de veículos de grande porte. Deste modo para melhor observância

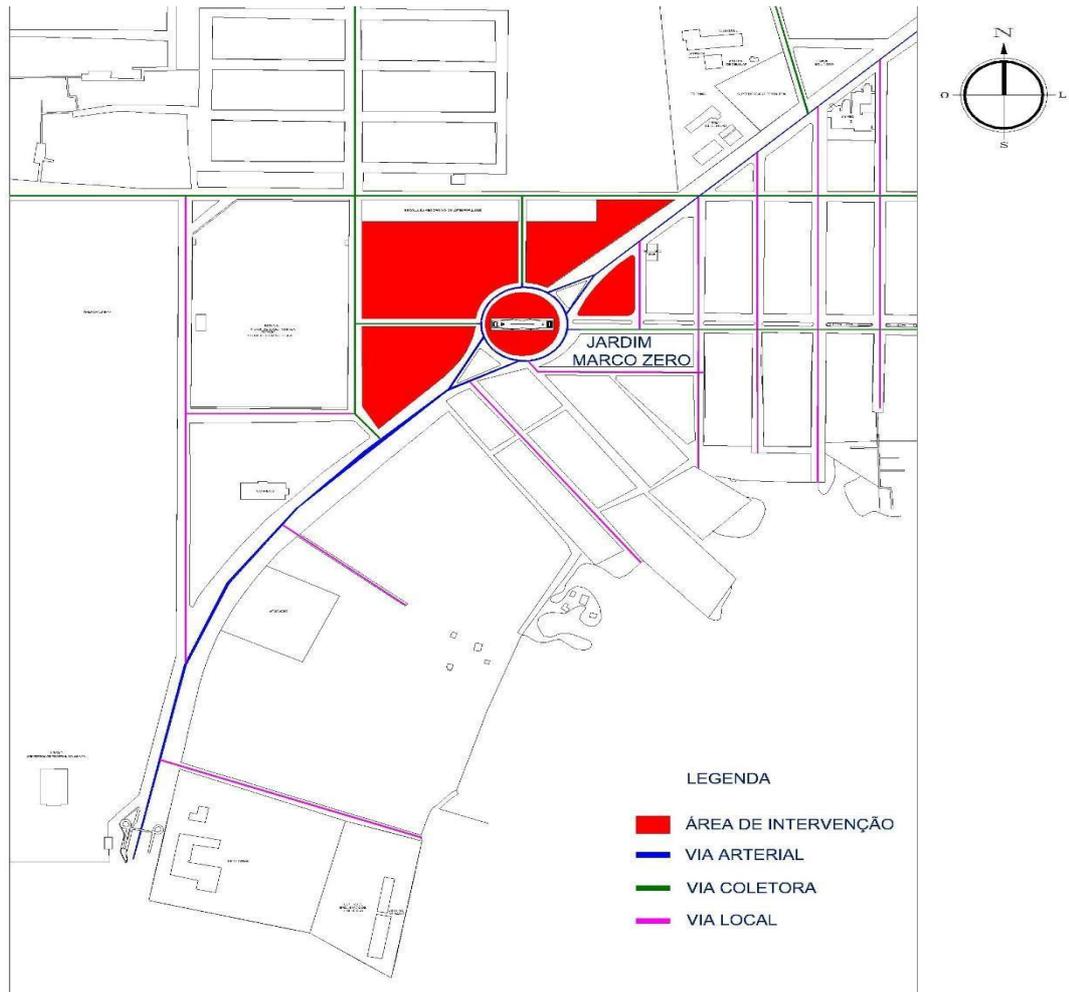
e articulação de planejamento e alterações de fluxos que sejam benéficas ao projeto, entorno e usuários foi elaborado um mapa com a classificação das vias urbanas conforme as definições do Art. 60 do Código de Trânsito Brasileiro que especifica 3 tipos principais de via; a via arterial, caracterizada por interseções geralmente controladas por semáforo, com acessibilidade aos lotes e às vias coletoras e locais, possibilitando o trânsito entre as regiões da cidade; a via coletora, destinada a coletar e distribuir o trânsito que tenha necessidade dentro da cidade e por fim, a via local, caracterizada por interseções em nível não semaforizadas, destinada apenas ao acesso local ou a áreas restritas.

Figura 37 – Mapa ilustrando com setas vermelhas os eixos de expansão da cidade de Macapá.



Fonte: Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental de Macapá, 2004.

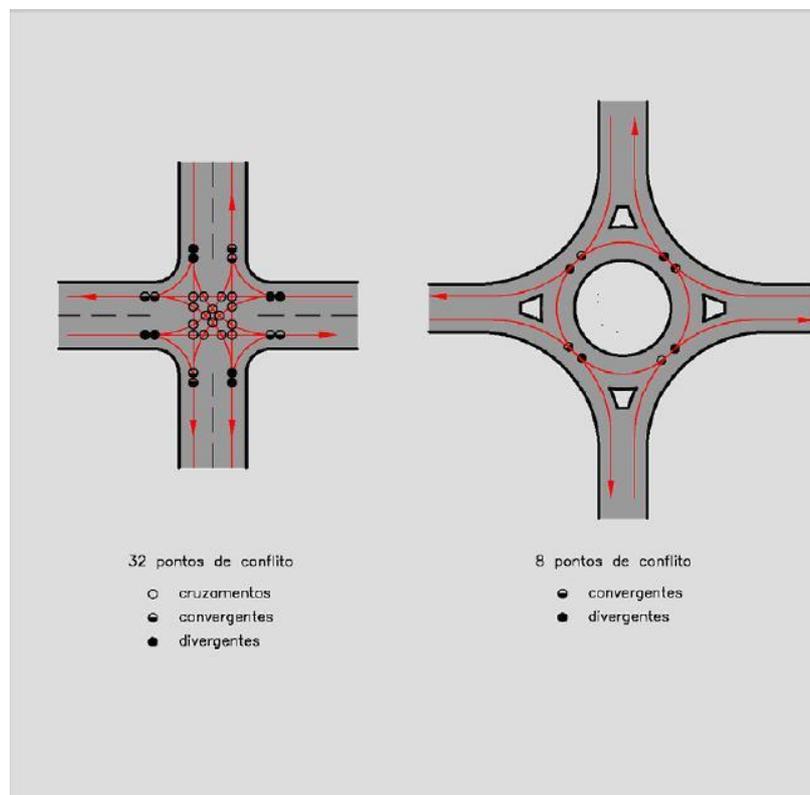
Figura 38 – Mapa ilustrando a classificação das vias do entorno.



Fonte: Acervo da autora

Outro fator de muita relevância e que se apresenta como um ponto de máxima observância no que tange às diretrizes de projeto é a localização do monumento Marco Zero, a ilha central de uma rotatória (rótula), que por definição do Departamento Nacional de trânsito (DNIT), “é uma interseção na qual o tráfego circula num sentido só ao redor de uma ilha central”. A rotatória do monumento Marco Zero caracteriza-se por um raio de giro maior na ilha central e o emprego de ilhas canalizadoras nos acessos, esta condição garante a fluidez do trânsito de forma contínua e ordenada, porém, potencialmente perigosas aos pedestres, uma vez que devido ao alto fluxo de veículos a travessia inadequada de pedestres pode gerar altas taxas de acidentes. Outros cuidados com relação a rotatória e as diretrizes de projeto é o cuidado para não prejudicar a visibilidade dos condutores no entorno da ilha central, além disso, é vital que as rotatórias estejam bem sinalizadas e em condições operacionais ideais. Segundo o DNIT, esta é uma forma de interseção de vias muito eficientes, quando bem projetadas, pois reduzem os pontos de conflito entre veículos, quando a preferência de fluxo é respeitada, e a severidade dos acidentes de trânsito.

Figura 39 – Ilustração do desempenho de uma rotatória (DNIT).



Fonte: Manual de interseções (DNIT).

Para o bom desempenho de uma rotatória, minimização de acidentes e segurança, a boa visibilidade é imprescindível, tanto quanto a sinalização adequada com tachões e uso de material refletivo, quanto a visibilidade dos motoristas com relação a outros veículos e pedestres, não deve existir qualquer tipo de obstrução nas proximidades da via. Deve-se também pensar em um proporcionar a travessia segura de pedestres e ciclistas considerado a conveniência e as condições operacionais da rotatória acesso seguro. O manual do DNIT também recomenda que as travessias devem se conectar nas aproximações a não menos de 20 m da sinalização, o acesso da travessia pode ocorrer por meio do rebaixamento do meio-fio das calçadas e interromper as ilhas de acesso, os pontos fora do eixo giratório, criando espaços com meio-fio rebaixado. Para forçar a travessia no lugar adequado podem ser colocados gradis ou barreiras desde as esquinas até o local escolhido para as travessias.

Figura 40 – Ilustração de um modelo correto de rotatória com todos os dispositivos necessários.



Fonte: <http://infraestruturaurbana.pini.com.br/solucoes-tecnicas/>. Acesso 20/08/2016 09:00.

5.2 – Resultados da pesquisa junto à comunidade local

Com intuito de coletar e investigar mais detalhadamente a opinião dos habitantes da cidade de Macapá acerca de uma possível revitalização do Monumento Marco Zero foi elaborado um questionário virtual (item presente no apêndice A) de 11 perguntas diretas, entre dados pessoais e questões específicas, divulgado por meio de redes sociais o link do questionário, esta opção de divulgação mostrou-se mais compatível e viável a esta pesquisa em virtude da busca por abranger o máximo de grupos sociais existentes, englobando pessoas com as mais variadas concepções e experiências da população macapaense. Esta pesquisa de opinião envolveu aspectos diversos como; as potencialidades do espaço, a inserção de novos usos e necessidades estéticas e funcionais dos usuários a respeito do monumento Marco Zero.

O questionário foi disponibilizado para acesso por meio do link <https://goo.gl/forms/hUpM3j5o3xXZ14hx2> pelo período de cinco dias, do dia 17 de agosto até o dia 21 de agosto de 2016, e alcançou um total de 102 respostas envolvendo participantes com faixa etária dos 18 aos 66 anos, residentes das proximidades do monumento e também de bairros mais distantes. As ocupações dos participantes variam entre estudantes, professores, funcionários públicos, guias de turismo, profissionais da área da saúde, arquitetos, psicólogos, comerciantes, militares, engenheiros e autônomos.

Com relação às perguntas específicas a respeito do monumento Marco Zero, observou-se que existe um percentual de 98% de participantes já visitaram o espaço, 94.1% acreditam que o monumento e seu entorno possuem vocação turística, 62.7% consideram o espaço do monumento atrativo, fonte de entretenimento e 99% dos participantes creem ser viável e interessante a revitalização do Marco Zero e seu entorno.

Neste item do trabalho é válido ressaltar que a aplicação de questionários por meio virtual não foi a única forma de análise do espaço no que tange ao público usuário, pois somado à esta primeira parte da pesquisa está a observação direta, não-participante e individual com obtenção de informações a respeito dos horários de fluxos, percursos e principais usos.

Na observação direta foram destacadas duas situações em especial, ambas em concordância com um dos usos mais votados na pesquisa dos questionários virtuais. Segundo observações da autora deste trabalho existe uma demanda de uso para o lazer/recreativo a partir das 18 horas da tarde, que inclui espaço para caminhadas, que no momento são realizadas de forma improvisada no entorno do Estádio Milton Corrêa e partidas de futebol em campo improvisado na própria área em estudo.

Figura 41 – Gráfico percentual de visitação

Já visitou o monumento Marco Zero e seu entorno? (102 respostas)



Figura 42 – Gráfico percentual de vocação turística do espaço

Você acredita na vocação turística desta área da cidade e deste monumento? (102 respostas)



Figura 43 – Gráfico percentual de atratividade do espaço

Você considera esse espaço atrativo, uma fonte de entretenimento?
(102 respostas)

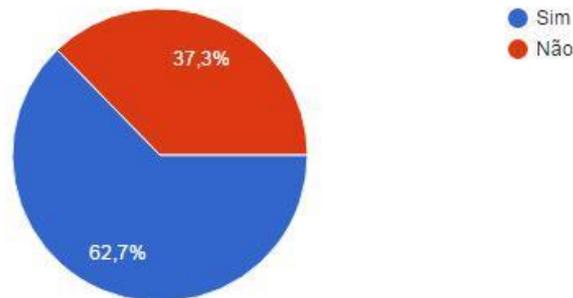


Figura 44 – Gráfico percentual de viabilidade de revitalização

Considera interessante e viável uma revitalização deste espaço? (102 respostas)

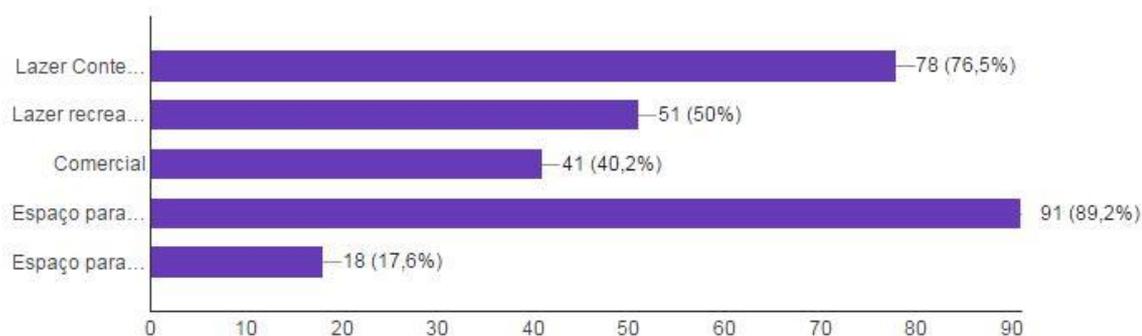


Quanto aos resultados referentes a inserção de novos usos a pesquisa apontou a preferência de 89.2% dos participantes pela utilização do espaço do monumento Marco Zero para o desenvolvimento de eventos culturais e de natureza científica. Já a segunda forma de utilização mais votada foi o lazer contemplativo contando com 76.5% da preferência dos participantes. O terceiro uso mais votado foi o lazer recreativo e esportes com um índice de 50% das preferências. E por fim, os usos comercial e espaço para shows de grande porte receberam respectivamente, 40.2% e 17.6% dos votos. Porém, é importante frisar que os participantes poderiam escolher mais de uma opção de uso.

Figura 45 – Gráfico referente às utilizações do espaço

Quais usos você considera compatíveis e interessantes para serem inseridos em uma nova proposta para o espaço do Marco Zero? (Escolha quantas opções quiser)

(102 respostas)



O último questionamento da pesquisa referia-se às necessidades estéticas e funcionais dos usuários. Para obtenção desses resultados utilizou-se suporte visual, imagens de diversos espaços, parques e praças, estes que poderiam ou não contar com as qualidades discutidas no primeiro capítulo desse trabalho (legibilidade, personalização, apropriação visual, riqueza, robustez, permeabilidade e variedade). Ao utilizar esse tipo de artifício visual, é possível viabilizar que todos os participantes da pesquisa de opinião compreendam melhor a pergunta e consequentemente forneçam os resultados mais aproximados das necessidades estéticas e funcionais que desejam que o espaço transmita. É importante destacar que assim como na pergunta anterior, nesta também poderiam ser escolhidas mais de uma opção.

Das referências selecionadas no questionário (vide apêndice A) a mais votada foi a opção 5 com percentual de 47.1%, esta imagem reflete a utilização do lazer recreativo, com passeios largos e arborizados para pedestres e ciclistas. Já a segunda opção mais votada, foi a de número 4, com um percentual de 45.1%, nesta imagem está exposta a utilização do lazer contemplativo, uma praça com muitos bancos, um pergolado, canteiros e passeios amplos, porém esta imagem também reflete a pouca variedade de horários e pessoas frequentando o mesmo espaço. As opções de número 1 e 10 também receberam bons índices de votos, respectivamente 37.3% e 33.3%, ambas as imagens ilustram várias qualidades de espaços responsivos e com vitalidade e. A opção número 1 demonstra permeabilidade, legibilidade e riqueza e a opção de número 10 reflete riqueza, variedade e robustez.

Figura 46 – Gráfico referente às referências visuais

Escolha dentre as imagens abaixo três referências visuais que você acredita serem compatíveis com um novo projeto para o monumento Marco Zero e seu entorno.

(102 respostas)



5.3 – Diretrizes de projeto: programa de necessidades

Após análises realizadas quanto às características, legislação vigente, repertório e pesquisa de opinião, perfil dos usuários, da área de intervenção é fundamental a elaboração do programa de necessidades ou programa arquitetônico que segundo Albernaz e Lima (1998, p. 519) consiste em um: “Espaço arquitetônico definido de acordo com o conjunto de atividades sociais e funcionais nele exercido e com o papel que representa para a sociedade. Os programas arquitetônicos modificam-se no tempo segundo as novas necessidades criadas pelo homem.”

Portanto, o programa de necessidades é a primeira diretriz do projeto, vital para a construção do conceito, forma, volume, disposição de ambientes, fluxos e pré-dimensionamento do projeto. Segue abaixo o programa de necessidades elaborado para a proposta de intervenção do monumento Marco Zero do Equador e entorno.

É importante destacar que os itens listados no programa de necessidades estão em conformidade com a lei complementar nº 029/2004 - do uso e ocupação do solo do município de Macapá, que prevê ambientes específicos para cada tipo de uso, portanto, de acordo com o setor a qual pertence a área de intervenção(SR-3), no uso comercial 1, são aceitos e pertinentes ao intento desta proposta de projeto os ambientes; lojas de presente, souvenir, artesanato, lanchonete e restaurante, no uso serviço 1; galeria de arte e finalmente no uso serviço 2, centro cultural, centro esportivo e museu.

Segue abaixo o programa de necessidades com os usos de cada espaço destacados, pré-dimensionamento e atividades.

USOS	AMBIENTE	ATIVIDADE	PRÉ-DIMENSIONAMENTO
	Monumento Marco Zero.	Recepção de visitantes, contemplação do fenômeno do Equinócio, difusão de informações.	80m X 18m
	Bosque e jardins	Lazer contemplativo, experiências sensoriais.	300m ² cada
	Praça Rosa dos Ventos.	Espaço aberto voltado para explicação do fenômeno do equinócio, difusão do conhecimento científico.	40m ²
	Calçadão.	Lazer contemplativo e recreativo.	4,00m (L)
	Ciclovia.	Lazer contemplativo e recreativo.	3,00m (L)
	Anfiteatro Meio do Mundo.	Desenvolvimento de atividades culturais.	500m ²
	Galeria Equinócio.	Espaço coberto para eventos culturais e exposições de arte.	23m X 15m
	Playground Infantil.	Lazer recreativo.	200m ²
	Playground Juvenil.	Lazer recreativo.	200m ²
	Quadra Poliesportiva descoberta.	Lazer recreativo.	40m X 25m
	Fortal Restaurante.	Desenvolvimento de atividades comerciais.	30m X 20m
	Praça de Alimentação.	Desenvolvimento de atividades comerciais.	30m X 20m
	Baterias de Banheiros.	Necessidades fisiológicas.	13m ²
	Estacionamento.	Armazenamento de veículos.	1400m ²
	Guaritas de Segurança.	Fiscalização e segurança do espaço.	3m X 2m

LEGENDA

 USO EDUCATIVO	 USO COMERCIAL
 USO LAZER/RECREATIVO	 USO CONTEMPLAÇÃO
 USO CULTURAL	 ÁREAS DE APOIO

5.4 – Memorial Justificativo.

A proposta de intervenção é embasada na implementação de um parque urbano aproveitando a área do entorno do monumento Marco Zero. Tal proposta surgiu da necessidade de valorização do monumento Marco Zero, da cultura, dos atributos locais e da construção de um elo emocional deste importante marco referencial e simbólico com a cidade de Macapá e seus habitantes para o reforço do sentimento de pertença e fortalecimento do turismo local. O projeto do Parque cultural do Meio do mundo sustentado pela ideia da vitalidade urbana visa principalmente a diversificação de usos e a inserção de equipamentos e novos espaços irá atuar como uma espécie de extensão do monumento.

Este projeto de parque urbano segue a linha estilística contemporânea, uma vez que não toma como necessidade somente o lazer contemplativo mas também a variedade de usos, fluxos e horários de visitação. Dentre os novos usos estão previstos nessa proposta a implantação de um galeria de arte, Galeria Equinócio, que funcionará como área de eventos coberto de modo a dar suporte às outras edificações; jardins, visto a necessidade de arborização da área em virtude da intensa insolação e dos resultados apontados pela pesquisa de opinião quanto ao lazer contemplativo; calçadão, visto a necessidade observada de um espaço para caminhadas em virtude de uma demanda da vizinhança, ciclovia e playground, este último segmentado em dois, um infantil e outro juvenil, com atividades para crianças acima de 12 anos; anfiteatro para suprir a necessidade de grandes eventos culturais ao ar livre, demanda apontada pelos resultados da pesquisa de opinião; praça de alimentação e restaurante, para movimentar o comércio local e atuarem como espaços suportes aos eventos sediados no monumento; baterias de banheiros, estacionamento, com 313 vagas e guaritas de segurança.

Figura 47 – Volumetria Praça de Alimentação



Fonte: Acervo da autora

Figura 48 – Volumetria Playground Juvenil



Fonte: Acervo da autora

Todas as edificações possuem uma linguagem arquitetônica modernista, com formas simples e cobertura de laje impermeabilizada, tal decisão projetual foi tomada para que os edifícios do parque não interfiram na supremacia estética do Monumento Marco Zero. No entanto, todas as edificações possuem cores quentes, como diferentes tons de amarelo,

vermelho e laranja, além de contarem com alguns elementos locais, como a iconografia Maracá Cunani.

Figura 49 – Volumetria Vista para o anfiteatro



Fonte: Acervo da autora

Figura 50 – Volumetria Fortal Restaurante



Fonte: Acervo da autora

Em virtude dos novos usos e conseqüentemente do aumento de fluxos se viu necessária a implementação de um desvio devidamente sinalizado para a Rodovia JK de modo a viabilizar um acesso seguro e rápido de veículos às dependências do parque sem prejudicar o trânsito da rotatória.

Mas além da preocupação com o fluxo dos veículos, o pedestre também teve grande importância para a concepção desta proposta, por isso viu-se necessária a exclusão de duas vias que cortam a área de intervenção, estas estão assinaladas em vermelho na imagem abaixo. Desta forma o parque ganha uma continuidade, uma unidade e o pedestre ganha mais espaço para o desenvolvimento de suas atividades.

Figura 51 – Imagem assinalando as ruas a serem extinguidas

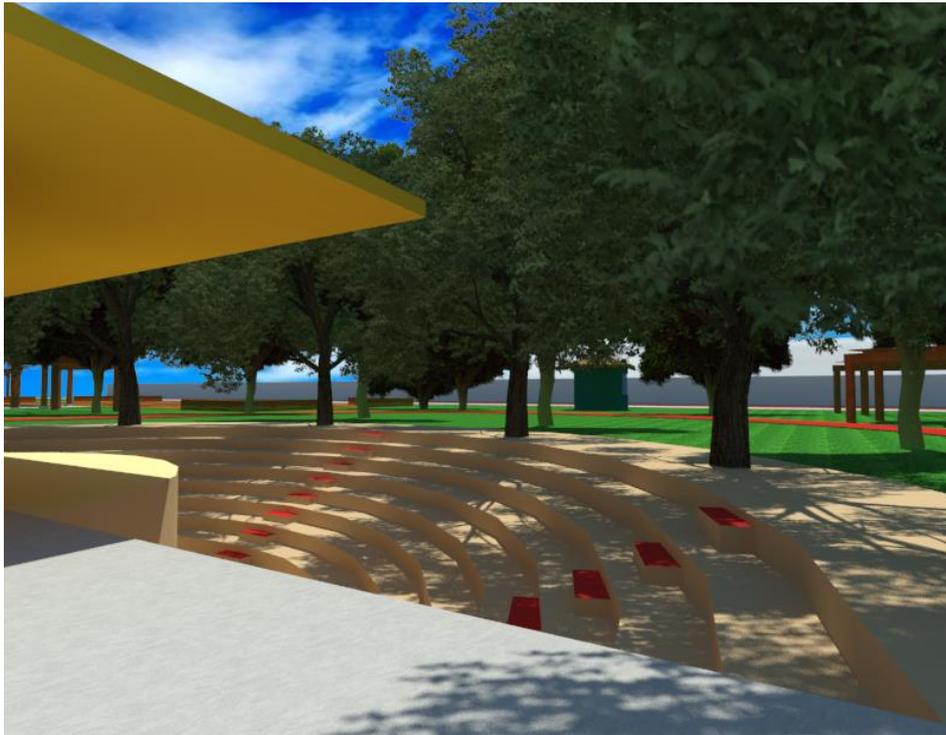


Fonte: Google maps.

O monumento Marco Zero em si não sofrerá modificações, apenas o espaço excedente da rotatória que contará com paisagismo utilizando árvores de grande porte para sombreamento, este que terá como design o desenho de uma grande estrela aludindo ao astro principal do fenômeno, o sol, uma vez que tal elemento faz parte da imagem do monumento Marco Zero, ao se encaixar perfeitamente no obelisco relevando equinócio; espelho d'água, bancos, lixeiras e iluminação adequada.

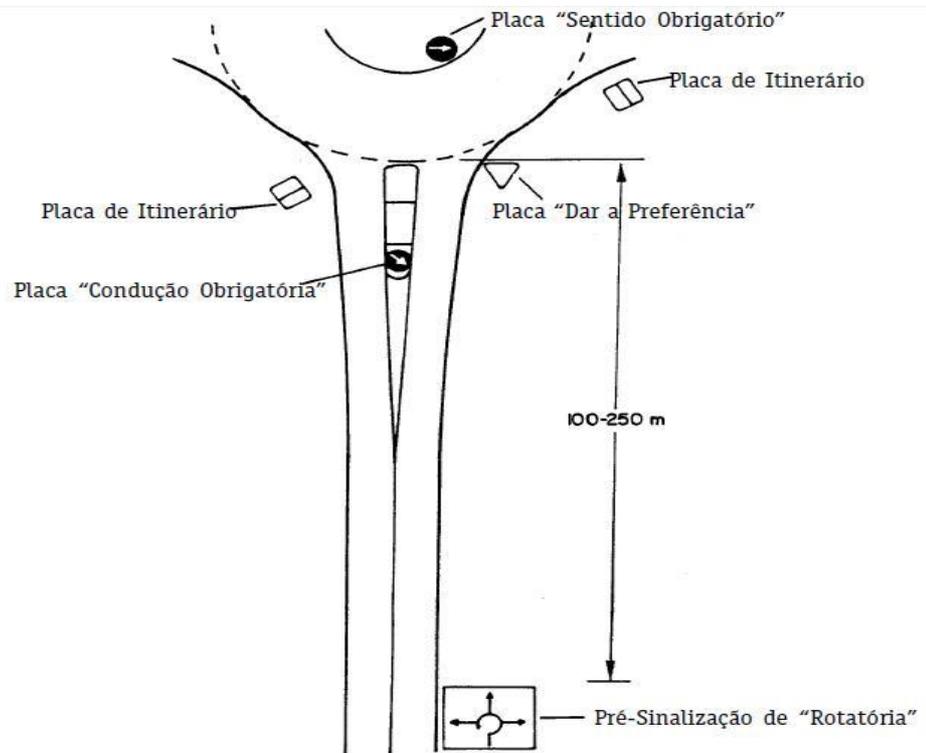
Quanto à rotatória também é imperativo nesta proposta de intervenção equipar o espaço com a sinalização (horizontal e vertical de indicação) adequada conforme o previsto nas diretrizes do manual do DNIT e as normas do Conselho Nacional de Trânsito (CONATRAN) que preveem sinalização correspondente às linhas de divisão de fluxos de mesmo sentido e à linha de bordo junto ao limite externo da rotatória, seguindo os padrões estabelecidos em marcas longitudinais e também quanto à sinalização vertical correspondente a pré-sinalização de rotatória, placa de sentido de circulação na rotatória que deve apresentar-se frontalmente ao fluxo de aproximação da via descontínua, placa “Dê a preferência” e placas de itinerário.

Figura 52 – Volumetria Anfiteatro



Fonte: Acervo da autora

Figura 53 – Ilustração da locação de sinalização em rotatórias.



<http://www.deinfra.sc.gov.br/>. Acesso 20/08/2016 10:00

Figura 54 – Volumetria Playground Infantil



Fonte: Acervo da autora

Esta intervenção também objetiva viabilizar o bom aproveitamento dos ventos predominantes por intermédio de variações de níveis no terreno, e também permite a complexidade visual, qualidade que instiga os usuários a adentrarem o espaço e desvendarem cada ambiente. Mas, a ventilação terá ainda o suporte da arborização, ampla utilização de variadas espécies vegetais capazes de oferecer sombreamento suficiente e proteção contra os gases poluentes advindos carros que circulam pela rodovia, de modo a propiciar a criação de um microclima agradável para reduzir a aridez da área. Quanto ao paisagismo, foram incorporadas várias pérgolas pelo parque, incluindo as ciclovias, no intento de atenuar a insolação constante da área e um jardim formal representando os desenhos Maracá Cunani.

Os caminhos e acessos, incluindo os de veículos e ciclovia, são diferentes entre si, tanto quanto à forma e à tipologia do material utilizado. Foi previsto para o projeto a utilização de variados materiais como pisos pétreos que formam diferentes padrões, bloquetes de concreto, grama e decks de madeira.

O desenho do parque e seus elementos arquitetônicos foi pensado de modo a ressaltar os 3 maiores destaques da cidade de Macapá, os pontos que constituem a identidade local, que incontáveis vezes foram cantados na poesia da musicalidade local, entre elas em uma canção

específica que versa que o endereço do povo macapaense é “na esquina do rio mais belo com a linha do equador”. Foi justamente esta forte alcunha, o simbolismo latente do Marco Zero, do Rio Amazonas e da Fortaleza de São José que inspirou a construção do conceito que norteou a arquitetura e o planejamento do Parque Cultural do Meio do Mundo.

Figura 55 – Volumetria Estacionamento



Fonte: Acervo da autora.

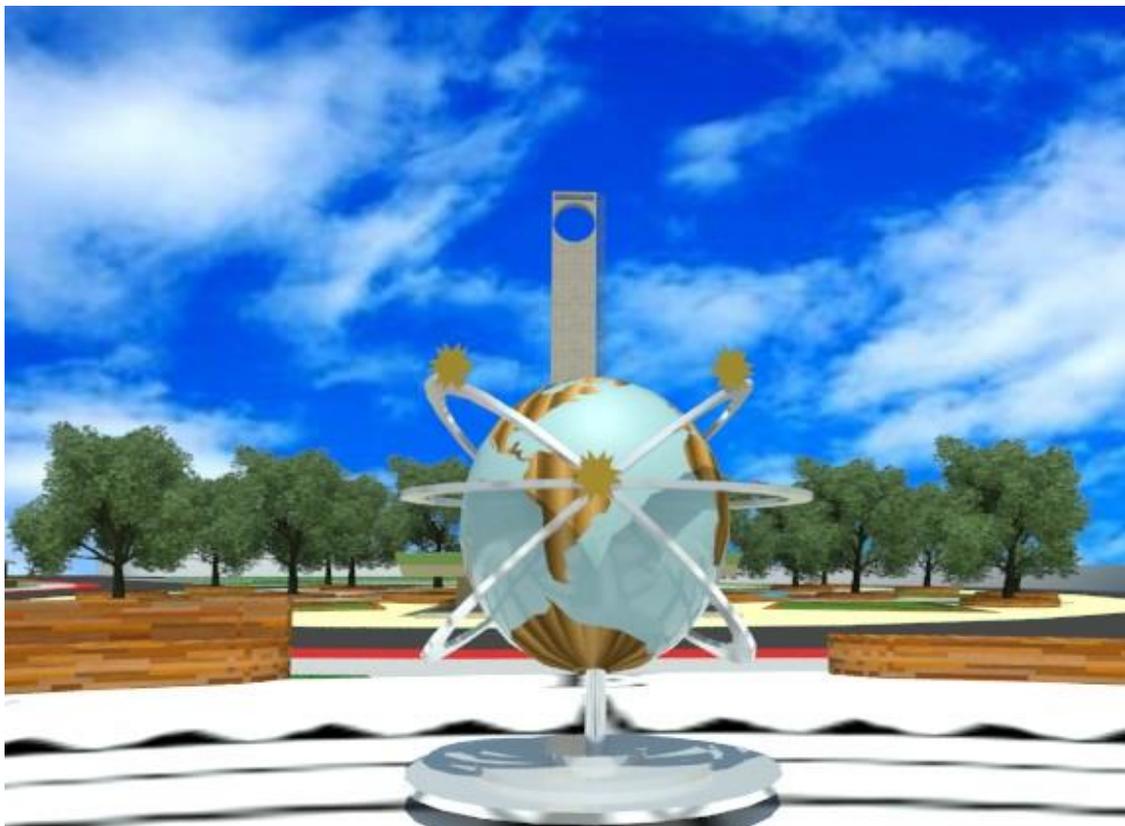
Nos elementos arquitetônicos como a forma inusitada do restaurante representando a Fortaleza; as ondas do grandioso Rio Amazonas representadas no traçado orgânico dos passeios e ciclovia do parque, além de, também espelhadas no detalhe curvo dos pergolados das pequenas áreas de descanso; o próprio Marco Zero, palco do fenômeno do equinócio que tem o sol como estrela maior do espetáculo ilustrado em várias estrelas que constituem o parque, representadas no padrão do piso da praça de alimentação, no formato dos dois playgrounds, infantil e juvenil, no jardim que adorna o monumento no piso da praça Rosa dos Ventos alinhada perfeitamente com a linha demarcada no monumento, inspirando o caráter educativo e científico do espaço que ainda será reforçado pela escultura do globo terrestre que se ergue na praça, representando com seus aros o equinócio e os solstícios.

Figura 56 – Volumetria do área do parque



Fonte: Acervo da autora.

Figura 57 – Volumetria da escultura central

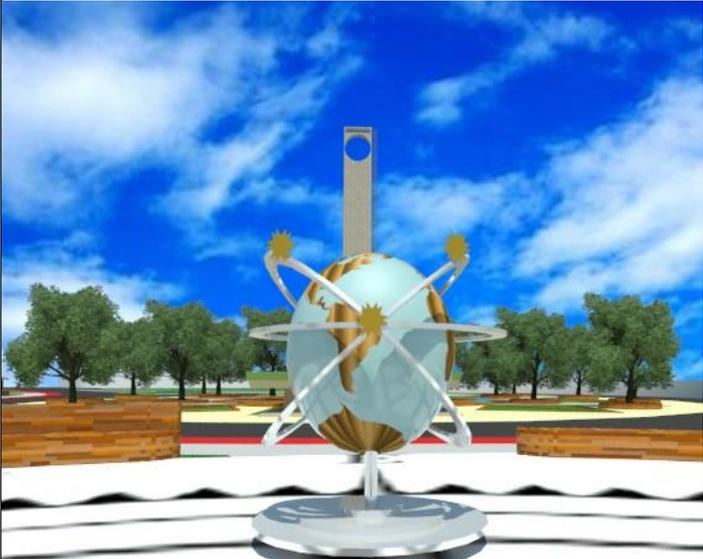


Fonte: Acervo da autora.

Figura 58 – Volumetria do Playground Infantil



Fonte: Acervo da autora.

PROJETO	CARACTERÍSTICAS	QUALIDADES APLICADAS
<p data-bbox="264 359 904 391">PARQUE CULTURAL DO MEIO DO MUNDO</p> 	<p data-bbox="943 469 1603 954">Parque urbano que funciona como área complementar à um importante ponto turístico da cidade, Monumento Marco Zero, unindo em um mesmo espaço conforto, lazer, arte, cultura, práticas recreativas e conhecimento. Este parque agrega aspectos simbólicos de outros elementos da cidade e os destaca de forma sutil em sua arquitetura, conjugando as singularidades da cidade em um mesmo espaço. O Parque possui usos diversos, vasta gama de atividades, podendo ser frequentado por diferentes grupos sociais em diferentes horas do dia, de modo a promover a interação entre os seus usuários e gerar vitalidade em um área da cidade que era tida apenas como local de passagem. Também é importante destacar que foi um espaço criado para impulsionar a valorização do Monumento Marco Zero e conseqüentemente da cultura e identidade local.</p>	<p data-bbox="1733 603 2018 847"> PERMEABILIDADE VARIEDADE LEGIBILIDADE ROBUSTEZ RIQUEZA </p>

Memorial Botânico

Este memorial tem como objetivo descrever as espécies a serem utilizadas no projeto de paisagismo do Parque Cultural do Meio do Mundo, especificando suas principais características.

1 – ARBUSTOS:

1. 1 IXORA



Nome Científico: *Ixora coccinea*

Nomes Populares: Ixora, Icsória, Ixora-coral, Ixória

Família: Rubiaceae

Categoria: Arbustos, Arbustos Tropicais, Cercas Vivas, Flores Perenes

Clima: Equatorial, Oceânico, Subtropical, Tropical

Origem: Indonésia, Malásia

Altura: 0.9 a 1.2 metros

Luminosidade: Sol Pleno

Ciclo de Vida: Perene

A ixora consegue crescer em grupos, sendo ideal para projetos paisagísticos complexos. Desenvolvem-se melhor a pleno sol e precisam de luz solar direta na maior parte do tempo. Prefere solos arenosos, portanto, é importante não encharcar o solo onde a ixora irá se fixar, no início do desenvolvimento as regas podem ser feitas até três vezes por semana, porém, depois de bem enraizada basta uma rega por semana.

Seu aspecto é compacto e suas folhas têm uma textura de couro. A floração ocorre na primavera e verão, e apresenta inflorescências com numerosas flores de cor amarela, vermelha, laranja ou cor-de-rosa. Pode ser cultivada isoladamente ou em maciços, sendo ótimas para esconder muros e muretas. Atrai polinizadores.

1. 2 VINCA



Nome Científico: *Catharanthus roseus*

Nomes Populares: Vinca, Boa-noite, Bom-dia, Maria-sem-vergonha, Vinca-de-gato, Vinca-de-madagascar

Família: Apocynaceae

Categoria: Flores Anuais, Flores Perenes

Clima: Equatorial, Subtropical, Tropical

Origem: África, América Central, América do Norte, América do Sul, Ásia, Europa, Indonésia, Oceania

Altura: 0.1 a 0.3 metros

Luminosidade: Meia Sombra, Sol Pleno

Ciclo de Vida: Bienal, Perene.

Planta muito rústica e pouco exigente, com delicadas flores simples, róseas, com o centro de tonalidade mais forte. Muitas vezes surge até como planta espontânea nos jardins. Existem ainda variedades com flores de pétalas mais largas ou mais estreitas, assim como nas cores vermelha, roxa ou branca, com o centro branco ou róseo, embora não apresentem a mesma rusticidade da planta original. A folhagem é ramificada na base e suas folhas são ovaladas, com nervura central mais clara. As vincas podem enfeitar jardins, em maciços, bordaduras, vasos ou jardineiras. A floração se estende por todo o ano.

Deve ser cultivada a pleno sol, em solo fértil e com regas regulares. Prefere clima quente, com temperaturas acima de 20°C, podendo suportar temperaturas mais baixas. Contudo, não resiste ao frio intenso. Luz solar direta apenas por algumas horas diariamente é o ideal. Sol o dia todo faz com que a planta tenha menos folhas nos ramos e a folhagem se torna menos escura e brilhante. Sem sol direto, produz poucas flores. Todavia, tolera qualquer situação, desde que haja uma boa luminosidade.



Nome Científico: *Portulaca grandiflora*

Nomes Populares: Onze-horas, Portulaca

Família: Portulacaceae

Categoria: Cactos e Suculentas, Flores Anuais, Forrações ao Sol Pleno

Clima: Continental, Equatorial, Mediterrâneo, Oceânico, Subtropical, Temperado, Tropical

Origem: Argentina, Brasil, Uruguai

Altura: 0.1 a 0.3 metros, menos de 15 cm

Luminosidade: Sol Pleno

Ciclo de Vida: Anual, Bienal, Perene

A onze-horas é uma das raras plantas suculentas que tem ciclo de vida anual, embora algumas variedades sejam capazes de perenizar por mais de um ano. É também umas das floríferas anuais mais apreciadas no mundo todo, pelo seu fácil cultivo e abundante floração. Seus ramos são prostrados, macios, ramificados e suculentos, muitas vezes avermelhados. As folhas são engrossadas, cilíndricas, verdes, suculentas e dispostas alternadamente.

As flores terminais são muito grandes e vistosas, podem ser simples ou dobradas e de diversas cores e mesclas, como o róseo, o branco, o laranja, o amarelo, o vermelho, o púrpura, etc. Elas se abrem pela manhã e se fecham à tarde, mas apenas em dias ensolarados. A floração ocorre nos meses mais quentes.



Nome Científico: *Rhododendron simsii*

Nomes Populares: Azaléia, Azaléia-belga

Família: Ericaceae

Categoria: Arbustos, Cercas Vivas, Flores Perenes

Clima: Mediterrâneo, Subtropical, Temperado

Origem: Ásia, China

Altura: 0.4 a 0.6 metros, 0.6 a 0.9 metros, 0.9 a 1.2 metros

Luminosidade: Sol Pleno

Ciclo de Vida: Perene

As azaléias são arbustos de folhagem verde-escura e floração abundante. Suas flores simples ou dobradas podem ter cores diferentes, como branco, rosa, vermelho ou mescladas. Há muitas variedades com portes diferentes também, umas mais pequenas para plantio em vasos e para formação de maciços e outras maiores capazes de formar cercas vivas. Devem ser cultivadas sob pleno sol, em solo composto de terra de jardim e terra vegetal, com regas regulares.

2 – TREPADERAS:

2. 1 PRIMAVERA



Nome Científico: *Bougainvillea glabra*

Nomes Populares: Primavera, Buganvile, Buganvília, Ceboleiro, Flor-de-papel, Pataguinha, Pau-de-roseira, Roseiro, Roseta, Santa-rita, Sempre-lustrosa, Três-marias

Família: Nyctaginaceae

Categoria: Arbustos, Arbustos Tropicais, Trepadeiras

Clima: Equatorial, Oceânico, Subtropical, Tropical

Origem: América do Sul, Brasil

Altura: 4.7 a 6.0 metros

Luminosidade: Sol Pleno

Ciclo de Vida: Perene

Trepadeira lenhosa, de florescimento abundante e espetacular. Suas folhas são pequenas, lisas, levemente alongadas e brilhantes, diferenciando-a da *B. spectabilis*. As flores são pequenas e projetadas, de coloração amarelo creme, envolvidas por brácteas róseas. Pode ser conduzida com arbusto, arvoreta, cerca-viva e como trepadeira, enfeitando com majestade pérgolas e caramanchões de estrutura forte.

Devem ser cultivadas em solo fértil, previamente preparado com adubos químicos ou orgânicos, sempre a pleno sol. Oriunda de sul do Brasil, de característica subtropical, ela suporta muito bem o frio e às geadas, vegetando bem em áreas de altitude também. Requer podas de formação e de manutenção anuais, para estimular o florescimento e renovar parte da folhagem.

2. 2 SAPATINHO DE JUDIA



Nome Científico: *Thunbergia mysorensis*

Nomes Populares: Sapatinho-de-judia,

Família: Acanthaceae

Categoria: Trepadeiras

Clima: Equatorial, Subtropical, Tropical

Origem: Ásia, Índia

Altura: 4.7 a 6.0 metros

Luminosidade: Meia Sombra, Sol Pleno

Ciclo de Vida: Perene

O sapatinho-de-judia é uma trepadeira com inflorescências longas e pendentes, compostas de flores de coloração amarela com marrom avermelhado. Sua folhagem é bastante ornamental também, destacando as flores, pelo verde escuro das folhas. Ela é muito apropriada para cobrir pérgolas, pórticos e caramanchões, de forma que as inflorescências pendentes ficam muito evidenciadas. Ocorre ainda uma variedade de flores totalmente amarelas. Atrai beija-flores. Deve ser cultivada a pleno sol ou meia sombra em solo fértil e enriquecido com matéria orgânica, com regas regulares. Tipicamente tropical.

3 – GRAMÍNEAS:

3. 1 GRAMA BATATAIS



Nome Científico: *Paspalum notatum*

Nomes Populares: Grama-batatais, Grama-da-bahia, Grama-de-pasto, Grama-forquilha, Grama-mato-grosso, Gramão

Família: Poaceae

Categoria: Gramados

Clima: Equatorial, Subtropical, Tropical

Origem: América do Sul, Brasil

Altura: menos de 15 cm

Luminosidade: Sol Pleno

Ciclo de Vida: Perene

A grama-batatais tem folhas longas, firmes e pouco pilosas, de coloração verde-clara. É rizomatosa, isto é, o caule fica abaixo do solo e emite as folhas para cima. É indicada para campos de futebol, jardins públicos e locais com tráfego, devido à sua resistência e rusticidade. Deve ser aparada sempre que alcançar 3 a 5 cm ou quando florescer. Vendido comumente na forma de placas ou mudas (plugs).

Pode ser cultivada em solos mais pobres, com adubações semestrais e regas regulares. Tem a vantagem de resistir bem às secas, ao pisoteio e às pragas e doenças. Apesar de sua resistência, a grama batatais necessita de muito sol. Quando "floresce", precisa ser podada com mais frequência, para que o gramado não fique com uma má aparência. Dos tipos de grama, a batatais é indicada para beiras de rodovias e áreas públicas.

4 . ÁRVORES:

4. 1 OITI



Nome Científico: *Licania tomentosa*

Sinonímia: *Moquilea tomentosa*, *Pleragina odorata*

Nomes Populares: Oiti, Goiti, Oitizeiro, Oiti-da-praia, Oiti-cagão, Guali, Oiti-mirim, Oiticica, Manga-da-praia, Milho-cozido, Fruta-cabeluda, Guailí, Guití, Uiti

Família: *Chrysobalanaceae*

Categoria: Árvores, Árvores Ornamentais

Clima: Equatorial, Oceânico, Tropical

Origem: América do Sul, Brasil

Altura: 6.0 a 9.0 metros, 9.0 a 12 metros, acima de 12 metros

Luminosidade: Sol Pleno

Ciclo de Vida: Perene

O oiti ou oitizeiro é uma árvore perenifólia, frutífera, originária das restingas costeiras do nordeste do Brasil e muito utilizada na arborização urbana. Sua copa é globosa, bem formada e cheia, produzindo excelente sombra e efeito ornamental. Suas raízes são profundas, não agressivas. O tronco é ereto e geralmente apresenta casca cinzenta e fuste curto, ramificando em seguida. As folhas são simples, alternas, elípticas a oblongas, acuminadas, brilhantes, tomentosas, de margens inteiras e nervura central bem marcada. Elas são amarelo claras quando novas e tornam-se verdes escuras com a maturação. Elas são do tipo rácemo, axilares, com flores pequenas, de cor creme ou branca. Frutifica no verão. O fruto é uma drupa carnosa, elipsóide, perfumada, de casca amarela quando madura e polpa pegajosa e fibrosa, com semente grande e dura, nutritivo, de sabor doce e adstringente, que lembra a manga. Por sua sombra farta e bela copa, o oiti é uma escolha frequente na arborização urbana. Não é raro vê-la verdejando em parques, praças, avenidas e calçadas. Seu uso ajuda a refrescar o ambiente e reduz os ruídos. É também muito tolerante à poluição dos grandes centros urbanos.

4. 2 FLAMBOYANT



Nome Científico: *Delonix regia*

Nomes Populares: Flamboyant, Acácia-rubra, Árvore-flamejante, Flamboiant, Flor-do-paráiso, Pau-rosa

Família: Fabaceae

Categoria: Árvores, Árvores Ornamentais

Clima: Equatorial, Subtropical, Tropical

Origem: África, Madagascar

Altura: 6.0 a 9.0 metros, 9.0 a 12 metros

Luminosidade: Sol Pleno

Ciclo de Vida: Perene

O flamboyant é considerado uma das árvores mais belas do mundo, devido ao colorido intenso de suas flores. Frondosa, ela possui tronco forte e um pouco retorcido, podendo alcançar cerca de 12 metros de altura. Sua copa é muito ampla, em forma de guarda-chuva, e pode ser mais larga do que a própria altura da árvore.

As inflorescências, em ráceros, surgem quando a árvore perde as folhas e são compostas por flores grandes, vermelhas ou alaranjadas. A floração ocorre na primavera e verão. As raízes do flamboyant são bastante agressivas, com parte delas acima da superfície, tornando-a imprópria para a ornamentação de calçadas, ruas ou próximo à tubulações de água, esgoto, paredes e até mesmo fiação elétrica. Sua beleza se destaca quando plantada isolada ou em pequenos grupos em áreas extensas, como parques, praças e jardins extensos.

Seu crescimento é bastante rápido, chegando a 1,5 metros por ano até a idade adulta em regiões de clima quente. Dependendo da região onde é plantado, o flamboyant pode apresentar-se como árvore decídua ou semi-decídua. Ela perde toda sua folhagem em locais com estações bem marcadas e inverno preferencialmente seco. Em regiões de alta umidade ou onde não há muita diferença entre o inverno e o verão ela geralmente é semi-decídua.

4. 3 IPÊ-DE-JARDIM



Nome Científico: *Tecoma stans*

Nomes Populares: Ipê-de-jardim, Amarelinho, Bignônia-amarela, Carobinha, Guarã-guarã, Ipê-amarelo-de-jardim, Ipê-mirim, Ipêzinho-de-jardim, Sinos-amarelos

Família: Bignoniaceae

Categoria: Árvores, Árvores Ornamentais, Plantas Daninhas

Clima: Equatorial, Oceânico, Subtropical, Tropical

Origem: América do Norte, América do Sul, Estados Unidos, México

Altura: 3.0 a 3.6 metros

Luminosidade: Sol Pleno

Ciclo de Vida: Perene

O ipê-de-jardim é uma arvoreta bastante ramificada, que pode alcançar 4 a 6 metros de altura. Ele apresenta folhas compostas por folíolos ovais-lanceolados, sub-sésseis e de bordas serrilhadas. As inflorescências são terminais ou axilares, com muitas flores tubulares, amarelas, muito parecidas com as do Ipê-amarelo (*Tabebuia* spp). A floração é maior nos meses mais quentes, mas pode perdurar durante o outono. Os frutos são cápsulas glabras deiscentes, compridas e contêm muitas sementes aladas. O ipê-de-jardim é uma planta muito rústica, e deve ser cultivada à pleno sol, em solo fértil e enriquecido com matéria orgânica, com regas nos períodos mais secos.

4. 4MANGUEIRA



Nome Científico: *Mangifera indica*

Nomes Populares: Manga, Mangueira

Família: Anacardiaceae

Categoria: Árvores, Árvores Frutíferas

Clima: Equatorial, Subtropical, Tropical

Origem: Ásia

Altura: acima de 12 metros

Luminosidade: Sol Pleno

Ciclo de Vida: Perene

A manga é o fruto da mangueira, uma árvore longeva, de copa densa, perene e muito frondosa, que pode alcançar 30 metros de altura. Seu tronco é largo, e apresenta casca escura, rugosa e látex resinoso. As folhas são coriáceas, lanceoladas, com 15 a 35 cm de comprimento. Avermelhadas quando jovens e verdes com nervuras amarelas quando maduras. De floração abundante e ornamental, a mangueira apresenta inflorescências paniculadas e terminais, com flores pequenas e polígamas.

As mangas são frutos muito bonitos, perfumados, do tipo drupa, de formato ovóide-oblongo, mais ou menos alongado, de acordo com a variedade. Sua casca é fina, porém resistente, e pode apresentar cores diversas entre o verde, vermelho, rosa, amarelo ou laranja, com ou sem manchas pretas. A polpa é originalmente fibrosa, suculenta, de coloração amarela ou alaranjada. No entanto, com o melhoramento genético, frutas menos fibrosas, mais doces e aromáticas já estão largamente disponíveis. Sua polpa pode ser consumida in natura, em sucos, doces ou “chutney”, sendo rica em vitamina A. O fruto apresenta uma única semente, grande e fibrosa.

5. PALMEIRAS:

5.1 PALMEIRA-REAL



Nome Científico: *Archontophoenix cunninghamiana*

Nomes Populares: Palmeira-real, Palmeira-australiana, Palmeira-real-australiana, Palmeira-real-da-austrália, Palmeira-seafórtia, Seafórtia

Família: Arecaceae

Categoria: Palmeiras

Clima: Equatorial, Subtropical, Tropical

Origem: Austrália, Oceania

Altura: acima de 12 metros

Luminosidade: Meia Sombra, Sol Pleno

Ciclo de Vida: Perene

A palmeira-real é uma espécie australiana bastante difundida no Brasil, principalmente por suas qualidades ornamentais. De porte elegante, seu estipe geralmente é único, anelado e alcança de 15 a 20 metros de altura e cerca de 20 cm de diâmetro. As folhas são pinadas, longas, com ráquis curvada e folíolos lanceolados, rígidos, acuminados e verdes. O palmito é longo e visível, recoberto pelas bainhas foliares, de cor verde clara. A inflorescência surge logo abaixo do palmito e tem cerca de 1 m de comprimento. Ela é do tipo espádice, pendente, dividida em numerosas espigas com ramificações fortes e uma espata esverdeada que se desprende da planta com o amadurecimento das flores. As flores são brancas a violáceas.

Esta palmeira é amplamente utilizada no paisagismo urbano nas grandes cidades brasileiras. Pode ser utilizada isolada, em renques ou em grupos. Quando plantadas bem juntas em duplas ou trios, obtém-se um efeito interessante e escultural, pois as palmeiras ficam ligeiramente curvas.

5.2 FÊNIX



Nome Científico: *Phoenix roebelenii*

Nomes Populares: Fênix, Palmeira-anã, Palmeira-fênix, Tamareira-anã, Tamareira-de-jardim

Família: Arecaceae

Categoria: Palmeiras

Clima: Equatorial, Oceânico, Subtropical, Tropical

Origem: Tailândia, Vietnã

Altura: 1.2 a 1.8 metros, 1.8 a 2.4 metros, 2.4 a 3.0 metros, 3.0 a 3.6 metros

Luminosidade: Meia Sombra, Sol Pleno

Ciclo de Vida: Perene

Palmeira ereta, de tronco simples, fina e elegante, por vezes se estreitando na base. O crescimento é lento, atingindo de 2 a 4 metros de altura e diâmetro do tronco em torno de 15 a 20cm, razão pela qual muitos a chamam de mini-palmeira. Planta dióica. Reproduz-se por sementes que a planta feminina produz. Suas flores são amarelas e frutos vinho-escuros que são apreciados pelos pássaros. As folhas são compostas pinadas de um verde escuro brilhante e seu tamanho fica em torno de um metro a um metro e meio de comprimento e os segmentos por volta de 20 centímetros em plano único.

Prefere sol pleno, mas pode ser cultivada à meia-sombra e até em interiores bem iluminados, inclusive em vasos. Resiste ao frio e é frequentemente encontrada em jardins do Brasil e em decoração de interiores. Planta tipicamente tropical e muito graciosa, valoriza projetos paisagísticos de diversos estilos, como o tropical, oriental, indiano e contemporâneo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento de projetos arquitetônicos, urbanísticos e paisagísticos é vital buscar a variedade de abordagens, principalmente as que envolvem os aspectos psicológicos dos usuários, ou seja, uma abordagem mais ampla, um estudo holístico como destacou Gehl (2013) é uma ferramenta importante para entender, planejar e projetar para a cidade. Esta metodologia possibilita um entendimento maior de como utilizar a intervenção arquitetônica para que esta desperte no usuário a vontade de apropriar-se do espaço, de vivenciar experiências, de construir um elo que o incentive a cuidar e valorizar um determinado lugar. Porém, os outros aspectos citados neste trabalho como a funcionalidade, o planejamento de acessos estratégicos, viabilidade legal e estrutural, observância das características físicas do terreno e a estética não devem ficar em segundo plano uma vez que a arquitetura é um canal capaz de transmitir valores, ideias, cultura, arte e principalmente beleza, por meio de uma forma física funcional construída sobre um conceito forte e coerente.

Em virtude da atual tendência de descartabilidade do mundo contemporâneo, um espaço estático em meio ao contexto urbano, mesmo um que possua forte apelo simbólico, tende a desaparecer gradualmente em meio a paisagem urbana que constantemente se transforma, justamente por conservar neutralidade e ignorar essas mudanças que permeiam o cenário de uma cidade. A alcunha de ícone, de símbolo por si só não é garantia de valorização, para tanto é necessário agir, transformar o simbólico em algo palpável, que engrandeça o discurso por trás do ícone, para tanto deve-se atribuir novas qualidades ao espaço, como por exemplo os atributos enumerados por Bently (1985) que encaminham os arquitetos e urbanistas contemporâneos para construção de lugares belos, ricos em experiências sensoriais que espelhem as necessidades, ideias e valores de todos os seus usuários. Espaços repletos de variedade que com o tempo se reciclam, se transformam sem abandonar sua essência primeira.

Esta pesquisa que envolveu o monumento Marco Zero como objeto de estudo e buscou incorporar tal espaço a ideia da vitalidade urbana de Jacobs (2009) e dos ambientes responsáveis de Bently (1985), somado às teorias de Lynch (1997) e Gehl (2013), oportunizaram muitas reflexões a respeito do tipo de espaços que uma cidade precisa para se desenvolver, e isto abrange mais do que aspectos econômicos, de forma eficiente ao conceber uma produção de espaço urbano cada vez mais consciente do conjunto de complexas relações que envolvem a cidade. Porém, também constatou-se que tomar as decisões projetuais corretas neste contexto é uma tarefa árdua que requer profundo embasamento teórico, amplitude de percepção, extenso repertório temático e experimentação, uma vez que os estudos e teorias não trazem receitas

prontas, mas sim diretrizes norteadoras que auxiliam a aplicação de conceitos inovadores em diferentes realidades urbanas.

A proposta de intervenção Parque Cultural do Meio do Mundo objetivou a promoção de um espaço complementar ao Monumento Marco Zero, uma extensão do mesmo em uma área mais ampla oferecendo mais atrativos, diversidade de usos, de atividades inspirando a frequência de visitantes, transformando o ambiente árido do entorno em uma área agradável em um parque com vasta arborização e todos os equipamentos urbanos necessários. O ambiente que agrega conforto, lazer, práticas recreativas, cultura, arte e conhecimento, mas principalmente, um espaço que destaque a importância de um dos pontos turísticos mais significativos da cidade de Macapá, um diferencial da cidade, a arquitetura também existe para isso destacar o que torna cada lugar único, suas singularidades, sua identidade.

REFERÊNCIAS

1. ALBERNAZ, Maria Paula e LIMA, Cecília Modesto. Dicionário Ilustrado de Arquitetura. São Paulo: Proeditores, 1998.
2. AMAPÁ: Governo do Estado – Secretaria de Estado da Infraestrutura. Monumento Marco Zero do Equador – Planta baixa: pavimentos térreo e superior e Planta de implantação. Macapá: SEINF, 2016.
3. AMAPÁ: Governo do Estado – Secretaria de Estado do Turismo. Monumento Marco Zero do Equador – Histórico e levantamentos estatísticos de visitação. Macapá: SETUR, 2016.
4. BAGGIO, Ulysses da Cunha. Apropriação social do espaço urbano e territorialidade: O desejo e a esperança pelos interstícios. Terra Livre Presidente Prudente Ano 23, v. 2, n. 29 p. 181-206 Ago-Dez/2007.
5. BENTLY, Ian; ALCOCK, Alan; MURRAIN, Paul; MCGLYNN, Sue; SMITH, Graham. Responsive environments, a manual for designers. Oxford: Editora Architectural Press, 1985.
6. BEZERRA, Aline Maria Marques; CHAVES, César Roberto Castro. Revitalização Urbana: Entendendo o processo de requalificação da paisagem. São Luís: REVISTA DO CEDS. Periódico do Centro de Estudos em Desenvolvimento Sustentável da UNDB N. 1 agosto/dezembro 2014 – Semestral. Disponível em: <<http://www.undb.edu/ceds/revistadoceds>>. Acesso em 15 março 2016.
7. BOTTON, Alain de. A arquitetura da felicidade. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2007.
8. BRASIL. Departamento Nacional de Infra-Estrutura de Transportes. Diretoria de Planejamento e Pesquisa. Coordenação Geral de Estudos e Pesquisa. Instituto de Pesquisas Rodoviárias. Manual de projeto de interseções. 2.ed. - Rio de Janeiro, 2005.
9. BRASIL. Conselho Nacional de Trânsito (Brasil) (CONTRAN). Sinalização horizontal / Contran-Denatran. 1ª edição – Brasília : Contran, 2007.
10. BRASIL. Conselho Nacional de Trânsito (Brasil) (CONTRAN). Sinalização Vertical Indicativa / Contran-Denatran – Brasília : Contran, 2014.
11. BRASIL. Departamento Nacional de Infra-Estrutura de Transportes. Diretoria de Planejamento e Pesquisa. isf 219: Projeto de passarela para pedestres - Rio de Janeiro, 2005.
12. CARVALHO, Edilson Alves de. Leituras cartográficas e interpretações estatísticas I: geografia / Edilson Alves de Carvalho, Paulo César de Araújo. – Natal, RN: EDUFRN, c2008.
13. GEHL, Jan; SVARRE, Birgitte. How to Study Public Life. Washington: Editora Island Press, 2013.
14. GHIRARDO, Diane. Arquitetura Contemporânea. Uma história concisa. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2002.

15. HOLANDA, Frederico de. Afetos da arquitetura. Disponível em: <http://fredericodeholanda.com.br/textos/holanda_2004_afetos_da_arquitetura.pdf>. Acesso em: 14 março 2016.
16. JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
17. LINHA DO EQUADOR. Disponível em <http://www.estudopratico.com.br/linha-do-equador-importancia-tipos-e-paises-cortados-por-ela/>>. Acesso em: 12 julho 2016.
18. LORDELLO, Eliane; LACERDA, Norma. Tese de Doutorado. Os Monumentos e sua reprodutibilidade: mídias e valores. Programa Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco (MDU/UFPE).
19. LYNCH, Kevin. A imagem da cidade /Kevin Lynch; tradução Jefferson Luiz Camargo – Lisboa: Editora Edições 70, 1997.
20. MACAPÁ AMAPÁ – AP. Histórico Macapá – Biblioteca do IBGE. Disponível em <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/amapa/macapa.pdf>>. Acesso em: 12 junho 2016.
21. MACAPÁ: Prefeitura Municipal. Lei complementar nº 029/2004 - do uso e ocupação do solo do município de Macapá.
22. MACEDO, Soares Silvio; SAKATA, Gramacho Francine. Parques urbanos no Brasil. Brazilian urban parks. São Paulo: Editora IMESP, 2002.
23. MARINS, Garcez César Paulo. O Parque do Ibirapuera e a construção da identidade paulista. Artigo reapresentado em 4/2003. Aprovado em 7/2003. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v6-7n1/02.pdf>>. Acesso em: 18 agosto 2016.
24. MERGULHÃO, Pereira Tarcio Pedro. A paisagem amazônica no paisagismo de Belém, caso parque naturalístico mangal das garças. Programa Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco (MDU/UFPE). Recife, 2009.
25. MITAD DEL MUNDO: Mitad del Mundo Empresa Pública de Turismo. Disponível em <<http://www.mitaddelmundo.com/en/>>. Acesso em: 15 junho 2016.
26. NETTO, J. Teixeira Coelho. A construção do sentido na arquitetura. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.
27. NETTO, Vinicius M; VARGAS, Júlio Celso; SABOYA, Renato T. de. Os efeitos sociais da morfologia arquitetônica. Urbe, Ver. Bras. Gest. Urbana vol. 4 no. 2 Curitiba July/Dec. 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.7213/urbe.7400>>. Acesso em 15/03/2016.
28. PARQUE DO IBIRAPUERA: Estilos Arquitetura. Arquiteturas de um espaço público. Disponível em <<http://estilosarquitetura.blogspot.com.br/p/ibirapuera.html>>. Acesso em: 18 agosto 2016.
29. PLANTAS DE A A Z. Disponível em <www.jardineiro.net/plantas-de-a-a-z>. Acesso em: 08 março 2017.

30. SIMIONATO, Barrera Thaís. Trabalho Final de Graduação Bernard Tschumi e o Parc de La Villette. FAU – Mackenzie. São Paulo, 2014.
31. SOTTO, Oyan Priscila; HIRAO, Hélio; BARROCA, Fácio Neide. Procedimentos metodológicos em projetos da paisagem: a reabilitação arquitetônica e urbanística do parque figueiral em presidente Epitácio. Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão, Presidente Prudente, 22 a 25 de outubro, 2012 Colloquium Humanarum, vol. 9, n. Especial, jul–dez, 2012
32. TOSTES, José Alberto. Além da linha do horizonte. João Pessoa: Sal da terra Editora, 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário: Pesquisa de opinião

Qual a sua idade?

-

Sexo:

Feminino

Masculino

Nível de escolaridade:

Ensino Fundamental Incompleto Ensino Fundamental Completo

Ensino Médio Incompleto Ensino Médio Completo

Superior Incompleto Superior Completo Pós- Graduação

Qual sua profissão?

-

Em que bairro que mora?

-

1 - Já visitou o monumento Marco Zero e seu entorno?

Sim Não

2 – Você acredita na vocação turística desta área da cidade e deste monumento?

Sim Não

3 – Você o considera um espaço atrativo, uma fonte de entretenimento?

Sim Não

4 – Considera interessante e viável uma revitalização deste espaço e seu entorno?

Sim Não

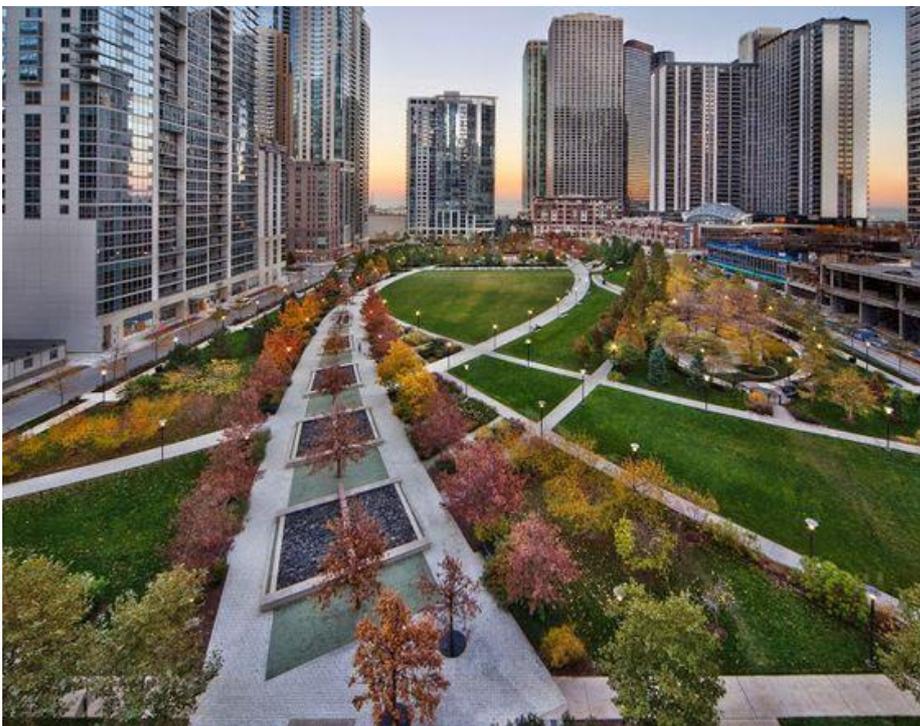
5 – Quais usos você considera compatíveis e interessantes para serem inseridos em uma nova proposta para o espaço do Marco Zero? (Escolha quantas opções quiser)

Lazer contemplativo Comercial Espaço para shows de grande porte

Lazer recreativo e esportes Espaço para eventos culturais e científicos

6 – Escolha dentre as imagens abaixo três referências visuais que você acredita ser compatível com um novo projeto para o monumento Marco Zero e seu entorno.

Opção 1



Opção 2



Opção 3



Opção 4



Opção 5



Opção 6



Opção 7



Opção 8



Opção 9



Opção 10



Link em que foi disponibilizado o questionário:

<https://goo.gl/forms/hUpM3j5o3xXZ14hx2>